

# REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO  
REDACTOR-SECRETARIO: SERGIO MILLIET

---

---

## SUMMARIO

O MOMENTO . . . . .	P. P. . . . .	3
VICENTE DE CARVALHO . . . . .	. . . . .	6
ORGANISAÇÃO ECONOMICA DO HOSPITAL MODERNO . . . . .	José Mendonça . . . . .	8
CAPITULO DE UMA BIOGRA- PHIA PERDIDA DE CAXIAS. . . . .	Eudoro Berlink . . . . .	16
A NOVA MENTALIDADE DA AMERICA LATINA . . . . .	Saul de Navarro. . . . .	25
NOTURNO DE PUEBLA DE LOS ANGELES . . . . .	Ronald de Carvalho. . . . .	29
A BACIA DO AMAZONAS . . . . .	A. D. Mirandeira. . . . .	30
ESTUDINHOS DE PORTUGUES DESARRAIGADA . . . . .	José Patricio de Assis . . . . .	36
CARTAS DO ALMIRANTE NO- GUEIRA . . . . .	Renata Luiza . . . . .	38
		51

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — NOTAS  
DO EXTERIOR — CURIOSIDADES — AS  
CARICATURAS DO MEZ

EDITORIA:  
COMP. GRAPHICO-EDITORIA MONTEIRO LOBATO  
PRAÇA DA SÊ, 34 SÃO PAULO



Teleph.  
Cidade,  
6278

REVISTA DO BRASIL - RUA VICTORIA, 47 - CAIXA, 2-B - SÃO PAULO  
ASSIGNATURAS: - ANNO 20\$000. EXTRANGEIRO - 25\$000. NUMERO AVULSO - 1\$800  
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Redactor Secretario: SERGIO MILLIET

# Obras de Contabilidade

DE CARLOS DE CARVALHO

*Estudos de Contabilidade*, obra em quatro volumes, em brochura. . . . . 40\$000

*Tratado Elementar de Contabilidade*. Obra adoptada nas principaes escolas de commercio do paiz. Util aos que desejam adquirir conhecimentos profundos em contabilidade. Em brochura. . 10\$000

*Explicações Praticas de Escripção Mercantil*. Livro indicado aos que desejarem adquirir os primeiros conhecimentos de contabilidade. Em brochura . . . . . 6\$000

*Arithmetica Commercial e Financeira*. Obra indispensavel para se adquirir conhecimentos profundos em mathematica commercial e financeira. Em brochura. . 10\$000

*Noções de Calculos Commercias e Financeiros*. E' indispensavel aos que não tenham conhecimento de mathematica commercial e financeira. Em brochura. . 6\$000

*Problemas de Escripção*. Obra necessaria aos contadores e guarda-livros, pois trata de todo e qualquer caso de abertura de escriptas e balanços. Em brochura. . 20\$000

*Contabilidade das Companhias de Seguros de Vida*. Como indica o titulo do livro, ser-

ve para a contabilidade dos seguros de vida. Em brochura 12\$000

DE FRANCISCO D'AURIA

*Curso de Contabilidade*, em dez volumes, tendo sido já publicados os seguintes:

*Contabilidade Mercantil*, em brochura . . . . . 10\$000

*Contabilidade Bancaria*, em brochura . . . . . 12\$000

*Contabilidade Industrial*, em brochura . . . . . 10\$000

No prélo: *Contabilidade das Empresas; Contabilidade Publica; Contabilidade Domestica; Contabilidade Theorica; Contabilidade Agricola e Pastoril; Mathematica Commercial; Mathematica Financeira*.

DE D. SANTOS

*Contabilidade Agricola*, em brochura . . . . . 10\$000

DO Dr. FRANCISCO EUGENIO DE TOLEDO

*Manual de Direito Civil*, Das pessoas, em brochura . . 4\$000

*Analyse da Constituição Federal*, cart. . . . . 1\$500

*Attentado ao Pudor*, em brochura . . . . . 10\$000

*O Livrinho do Coração*, em brochura . . . . . 2\$000

Unicos depositarios:

Monteiro Lobato & Cia.

RUA VICTORIA, 47-A

S. PAULO



# Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

---

IMPORTADORES E INDUSTRIAES  
RUA LIBERO BADARO', 169  
S. PAULO

---

Rio de Janeiro, Stockholm, Hamburg, New-York e Londres

---

Papel,  
materiaes  
para  
construcção,  
aço,  
ferro,  
Cimento  
"2 Bandeiras"  
e "Bandeira  
Sueca".



## EDUARDO CARLOS PEREIRA

---

As grammaticas até hoje mais diffundidas e usadas no Brasil são as deste autor.

GRAMMATICA EXPOSITIVA. — CURSO ELEMENTAR.

Para os cursos complementares e 1.º anno dos Gymnasios. 23.ª edição com um appendice sobre composição . . . . . 3\$500

CURSO SUPERIOR. Para Escolas Normaes, Gymnasios e Escolas de Commercio. 14.ª edição com um appendice sobre estyllistica . . . 8\$000

GRAMMATICA HISTORICA. Para as Escolas Normaes e Gymnasios. 3.ª Edição . . . 10\$000

A critica nacional consagrou estas obras e o largo uso que dellas se faz, confirmou o que dissemos.

PEDIDOS AOS EDITORES :

MONTEIRO LOBATO & CIA.

RUA VICTORIA N. 47 - A —————

**Desconto de 30 o/o aos revendedores  
e aos collegios e professores.**

# “ P E G A S O ”

REVISTA MENSUAL

Calle San Salvador, 2309

MONTEVIDEO

U R U G U A Y



OTHONIEL MOTTA

Cathedratico do Gymnasio de Campinas.

## Lições de Portuguez

---

Livro que Candido de Figueiredo, Altino Arantes, Afranio Peixoto, Renato Jardim e outros receberam com applausos entusiastas. Obra nova em nosso meio, procura dar a linguagem por meio concreto, dos diagrammas, e assimilação do estylo dos grandes mestres do nosso idioma.

Para cursos commerciaes, normaes e gymnasiaes. . . . . 8\$000

### **Pedidos aos Editores**

MONTEIRO LOBATO & CIA.

RUA VICTORIA N. 47 - A —————

Desconto de 30 o/o aos revendedores e aos collegios e professores —————



# **"REVISTA DE FILOLOGIA PORTUGUESA"**

Fundador : SILVIO DE ALMEIDA

PUBLICAÇÃO MENSAL

---

Colaboração dos maiores filólogos e literatos do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem, em média, cem páginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clássicos anotados, bibliografia, etc.

## **ASSINATURA ANUAL :**

CAPITAL . . . . .	30\$000
INTERIOR E ESTADOS . . . . .	32\$000
NÚMERO AVULSO . . . . .	3\$000

Pedidos à

**NOVA ERA, Empresa Editôra**

**PAULINO VIEIRA & CIA.**

Rua de S. Bento, 40 - 2.º andar, sala 12

Telefone : Central 1681 — S. PAULO



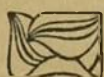
# REVISTA DO BRASIL

VOLUME XXVI

MAIO - AGOSTO

DE 1924

ANNO IX



Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato  
Editora - São Paulo







# REVISTA

DO

## BRASIL

DIRECTORES:

PAULO PRADO

MONTEIRO LOBATO

REDACTOR

SECRETARIO:

SERGIO MILLIET

### O MOMENTO

*D*EBaixo de varios aspectos a visita do navio "Italia" ao porto de Santos foi o que se pode chamar, á italiana, — um fiasco.

Antes de tudo a exposição que veio a bordo dá uma falsa idéa do progresso industrial e commercial que tanto tem assignalado o resurto da Italia moderna. Exceptuando alguns esplendidos modelos de automoveis e outros productos mechanicos, o que se veio mostrar á ignorancia destas plagas longinquoas é de uma pobreza e indigencia indiziveis. Diversos mostruarios fariam má figura nas modestas exhibições do nosso Palacio das Industrias. Uma grande parte da exposição é consagrada á arte italiana, pintura e esculptura. Ahí o desastre é lamentavel. Os quadros e estatuas que os artistas italianos nos enviaram são um attestado de mau gosto, de atrazo, de decadencia, que só podemos attribuir ao desejo mussolinico de limpar a mãe-patria desses horrores, vendendo-os a pezo de ouro aos patricios novo-ricos da America do Sul. Recommenda-se, sobretudo, pela sua insolencia, á execração dos apreciadores da bôa Arte, uma grande tela anecdotica, que mereceu as honras de uma sala especial, e que é a obra nefanda de um commendador da pintura...



*Nem só as coisas, porém, foram mal escolhidas. O embaixador que presidiu á missão e representou o governo do Sr. Mussolini mostrou nos seus discursos a mais completa incompreensão do paiz que visitava e da diplomacia necessaria para o bom exito dessas emprezas de propaganda. No banquete que lhe foi offerecido pela colonia italiana de S. Paulo o Snr. Giuriati declarou que só recommençaria a corrente immigratoria do seu paiz para o Estado de S. Paulo quando melhor retribuirmos o trabalhador italiano. Esta declaração foi recebida com applausos pelos seus patricios, enriquecidos, condecorados, ennobrecidos, graças ao pouco dinheiro que aqui ganharam. Ninguém — nem mesmo a imprensa paulista, tão ciosa dos brios nacionaes — teve a idea de fazer vêr ao embaixador da Italia que na nossa miseria de mão d'obra quem dita e impõe o preço do salario é o proprio trabalhador: é a simples e iniludivel lei da offerta e da procura. O augmento cada vez maior do custeio das fazendas patenteia essa situação de angustiosa inferioridade para os proprietarios paulistas. Com esse parco salario que ganha o colono, é elle hoje dono de inumeras fazendas; toda a pequena cultura está nas mãos dos antigos colonos. Só não prospera e não enriquece o trabalhador que não sabe se aproveitar das esplendidas oportunidades que lhe offerece a nossa terra. Toda a colonia italiana que rodeava o embaixador no banquete do Trianon é um attestado vivo, brilhante, eloquentissimo, do que póde conseguir em S. Paulo o immigrante que aqui aporta para refazer uma nova existencia, melhor e mais larga do que a que lhe permite a mãe-patria.*

*O Snr. Giuriati aconselha os brasileiros a melhor conhecerem a Italia. O conselho é, pelo menos, inutil e ingenuo. Todo homem civilisado conhece e admira o seu bello e admiravel paiz, no passado e no presente, todo paulista intelligente sabe o que deve á cooperação italiana no desenvolvimento do torrão natal. A Italia, porém, não conhece o Brasil e ignora a existencia do Estado de S. Paulo, onde vive e prospera mais de um milhão de seus subditos.*

*Cada embaixador, cada politico italiano que aqui vem parece ter a revelação de um mundo des-*



conhecido, que descobre maravilhado. De volta, no entanto, á patria esquece o que viu, ou diz o contrario do que aqui apregoava. Ha ali um mal occulto que nós brasileiros ainda não conseguimos explicar; ha um malentendido continuo, persistente, renovado, que desanima as melhores intenções dos amigos da Italia.

Compete aos italianos do Brasil resolver esse grande problema. Ainda desta vez não chegaremos a accordo. A nave "Italia" partio do seu Mediterraneo rumo de algum vago Djibuti: surgiu por engano no porto de Santos. Não foi o erro de geographia.

P. P.







---

## VICENTE DE CARVALHO

---

Vicente de Carvalho, poeta dêsses que melhor sabem penetrar a dupla realidade das coisas, trouxe sempre nos seus versos um sorriso de ironia sob os olhos enlurados de pranto. Com a sua morte perde a chamada geração parnasiana o menos parnasiano de seus poetas e o mais lírico. Será mesmo talvez preguiça de reformador, uma apreciação errônea, pôr ainda Vicente de Carvalho entre aquelles que pretenderam crear o verso impassível brasileiro, só porque o autor das “Palavras ao Mar” foi d’elles contemporaneo. O simples apêgo a uma tal ou qual perfeição de factura não basta para essa qualificação.

Vicente de Carvalho conservou sempre entre os melhores caracteres da sua poesia aquelle tom de improvisação, natural e livre, que é um dos principaes encantos das poesias inglesa e allemã. Substancia legitima do lirismo, tal como o considerou Bibot. E dos poetas da sua geração foi o unico, dentre os notaveis, que não mostrou o “suplicio do mestre” na fabrica dos poemas. E por isso entre os notaveis foi grande. Si o desmazelo jamais lhe diminue a commoção das obras, si foi artista tão grandemente artista que soube cessar o apuro da forma justo no ponto em que a arte degenera no artificio, é a naturalidade por assim dizer improvisada do seu cantar ( e quanto trabalhou!) que lhe dá a força popular, nativa e radioso frescor.

Si é verdade que os nossos parnasianos não conseguiram, por causa do fegoso sangue, attingir a gelida cinzeladura do Parnaso de França, nenhum esforço pouparam para o conseguir. Mas



aquella tendencia verdadeira, que já nas Minas Geraes se organizara, de uma consciencia poetica nacional, e que o primeiro romantismo inscreveu como mandamento das suas taboas, só Vicente de Carvalho a conserva e fortalece na sua geração. Ha nelle um brasileirismo deslumbrado, ardente, feliz, sem regionalismo, sem mesmo nacionalismo; que consiste não tanto em descrever o Brasil, mas em aceitar o Brasil e viver-o. Vicente de Carvalho deu assim mais racional directriz ao desejo consciente dos primeiros românticos e foi um dos passaros mais madrugadores dessa alvorada da consciencia nacional, agora já tão rubra e viva na obra de certos novos. Que os "facarandatans e maracanahibas" do snr. Alberto de Oliveira brilham como exotismos dentro do seu verso rebuscado e fingidamente classico, tanto como as historias sertanejas do snr. Coelho Netto entre a sua terminologia de luso sabor.

Os bandeirantes ajuntaram á terra estreita do nosso litoral o sombrio das florestas interiores. Vicente de Carvalho teve ainda o merito de ser um bandeirante ás avessas: e ao verde negro das florestas distantes de Cacambo aproximou o verde claro do mar. Representa para a poesia brasileira um elo de grande importancia. Nelle ha-de procurar-se o atalho que liga os mattos virgens de nosso romantismo aos altiplanos abertos e arejados do modernismo brasileiro. Foi verdadeiro. Foi livre. Morreu depois de completar o seu destino. Teve a maior das felicidades que Deus outorga aos homens sobre a terra.

---





## ORGANISAÇÃO ECONOMICA DO HOSPITAL MODERNO

---

**O** QUE foi e o que actualmente é o hospital... A molestia, no alvorecer da sociedade humana, não era considerada um phenomeno normal da vida, sua companheira por assim dizer inseparavel, um mero desequilibrio da saúde; julgavão-na antes um castigo contra pessoas ou divindades que os deuses nunca deixavam de punir cruelmente. O enfermo era mais criminoso que infeliz. Isto nos tempos heroicos.

Depois, e mesmo durante a idade media cuja ignorancia só se podia comparar com a ferocidade e a sêde de riquezas e poderio dos seus barões, os infelizes enfermos eram esquecidos e, quando os acommetia a peste, amontoados em logares longinquos e escusos, onde morriam em massa á mingua de recursos.

Mal se podia divulgar a caridade christã sob a espessa onda de barbaria. A Renascença trouxe novos ideaes á humanidade, mas em nada melhorou as condições da vida humana; a consciencia continuou opprimida, a vida material uma servidão e a doença uma desgraça. A medicina de então vivia divorciada, já não digo da experiencia, mas até da observação clinica e consistia nos ritos barbaros da tradição afro-grego-latina e em receitas mais ou menos adulteradas da mesma origem; fóra disso, encontravam-se os remedios secretos e as rezas mandingueiras.



Para fundar-se um hospital bastava dispôr de uma casa qualquer onde se accumulassem os doentes, agua para as tizanas, ferro em braza, oleo a ferver, animaes conservados, hervas e algumas drogas communs.

A medida que fomos adquirindo liberdade de pensar e de agir, foi a sciencia desenvolvendo-se parallelamente, pondo em critica a obra do passado, observando e creando com tal celeridade que já nos achamos envolvidos por um mundo de maravilhas em que o homem maneja serenamente as grandes forças que dantes o aterravam e impelliam ao extase religioso.

A medicina, que cobre quasi toda a sciencia humana e é a sua parte mais util, não podia ficar estacionaria; os mestres italianos, franceses, ingleses e allemães fizeram progredir a anatomia normal e a physiologia; o espirito emprehendedor e audaz dos americanos do norte fez surgir a anesthesia geral que permite executar as maiores operações sem o minimo sofrimento para os doentes; a obra de Virchow abrio largos horizontes á anatomia pathologica; a de Pasteur deu á cirurgia possibilidade de emprehender com successo as mais audaciosas intervenções, de reconstituir, por transposição ou enxerto, tecidos e até mesmo órgãos inteiros, dotando simultaneamente a medicina com remedios de maravilhosa efficacia (sôros, vaccinas, fermentos, culturas antagonicas, etc.) e a ambas de meios seguros para se caracterisar a molestia, estabelecendo com firmeza o diagnostico; a medicina experimental, incluindo a therapeutica, tomou tal incremento que já se não comprehende uma instituição hospitalar sem este fecundo elemento de progresso medico; a acção dos agentes physicos e mechanicos, quer com o fim de esclarecer o diagnostico, quer com o de promover a cura, tornou-se de todo indispensavel ao exercicio da clinica; assim como as influencias moraes e psychicas, condensadas na educação, constituem os meios de que se soccorre a medicina actual para reconhecer, evitar e curar as molestias que são, sob todos os pontos de vista, o maior flagello da humanidade.

Se considerarmos que, além de restabelecer o equilibrio organico, tem o medico o dever de temperal-o para que se mantenha em condições de estabilidade, intervindo, não somente na vida individual, mas tambem na vida social dos homens, não é de admirar que



o hospital, instrumento de sua acção formidável, seja extraordinariamente complexo.

Ainda, por exigencias propriamente clinicas e pelo forte motivo economico, precisa elle constituir uma unidade cujos órgãos se achem ligados e interdependentes.

Assim é que nos grandes centros de aglomeração humana onde o trabalho costuma ser intenso e exaustivo, a vida penosa, as epidemias e desastres frequentes, onde o terreno é de habito muito caro, só ficará o corpo do hospital, isto é, a sua parte principal em que serão recolhidos e tratados de preferencia os elementos mais activos do meio social, as victimas dos accidentes do trabalho e de rua, os doentes curaveis em prazo relativamente curto, as parturientes e os que se possam tratar no ambulatorio.

Os asylos para incuraveis (velhos e invalidos de toda sorte) as casas para convalescentes, os sanatorios para nervosos e viciados, os hospitaes para alienados, os sanatorios para tuberculosos do pulmão, como as colonias, precisam occupar a zona rural, onde encontramos um clima sadio e revigorante, o isolamento e repouso indispensaveis ao tratamento de taes enfermos, a possibilidade de executar trabalhos agricolas que são os mais proprios para exercitar os doentes do corpo, e socegar e disciplinar os da alma; vida economica e terreno a preço infimo, o que permite incorporar a taes estabelecimentos florestas e terras de extensão consideravel. Claro é que estes estabelecimentos devem estar ligados directamente ao da cidade por estrada de automovel, linha de bondes ou estrada de ferro.

O corpo do hospital, isto é, a parte edificada dentro da cidade ou em seu perimetro, se accessivel, constará de accommodações para a administração, recepção, registo, expurgo e tiragem dos doentes, ambulatorios, gabinetes para diagnosticos e tratamento, enfermarias, salas para operações e tratamento cirurgico, varandas para arejamento e recreio dos doentes, gabinetes annexos ás enfermarias, *solarium*, secção hydrotherapica e mechanotherapica, cozinha, refeitório, pavilhões para isolamento, maternidade, escola e casa de morada para enfermeiras, instituto anatomico (deposito de cadaveres, salas de dissecação e autopsia, gabinete de histologia normal, de anatomia e histologia pathologicas, museu e sala de pre-



paro dos corpos para inhumação) lavanderia, posto de desinfecção de roupas e leitos, casino para medicos e enfermeiros, amphiteatros para prelecções e casa de machinas para distribuição de agua, electricidade, vapor superaquecido, ar fresco, ar comprimido e vacuo.

Os asylos para incuraveis, velhos e invalidos de toda sorte devem ser mansões confortaveis de repouso e trabalho proporcional á possibilidade de cada um, tendo por annexos uma enfermaria de medicina e outra de cirurgia. As casas para convalescentes, assim como os sanatorios para nervosos e viciados, serão habitações silenciosas, isoladas, confortaveis, cercadas de jardins e chãos cultivados, tendo por annexos campos para jogos e exercicios ao ar livre, instituto physiotherapico e enfermaria para casos de urgencia. O sanatorio para tuberculosos do pulmão é por demais vulgar para ser aqui descripto; basta informar que precisa ser erigido na proximidade da colonia dos supostos curados para receber aquelles em que a molestia recrudeça.

Annexo á respectiva colonia deve ficar tambem o hospital de alienados, onde se recolherão os que se tornarem agitados ou carecerem de soccorros medicos. E' escusado dizer que ambos precisam ficar situados em lugar ermo; porque a idéa de entremear loucos supostos mansos na população de uma cidade ou mesmo de uma villa equivale a misturar lobos e cordeiros com o fim de pacificar os primeiros.

Economia propriamente dita... Sob o ponto de vista economico, é de todo impossivel construir um hospital moderno scientifi- camente completo a expensas da caridade ou mesmo achar um syndicato capaz de despende tanto com tão pouca esperanza de lucros.

No estado de civilização em que nos achamos e principalmente no Brasil onde são rarissimas as grandes fortunas individuaes, só o governo pode emprehender obra de tal magnitude; construa pois, o primeiro dos quatro hospitaes de mil leitos de que carece neste momento a Capital da Republica e ponha-lhe na zona rural, em lugar proximo e de clima apropriado, os annexos com capacidade sufficiente para suprirem os tres outros que temos de construir successivamente. Uma vez acabado, organise-o de modo que possa viver de seus



próprios recursos, isto é, do pagamento correspondente ao serviço prestado e da renda que possam produzir os laboratorios e colonias.

Cada doente, que se apresentar á internação ou a tratamento no ambulatorio, deverá fornecer ao hospital dados precisos a respeito de sua capacidade economica afim de ser classificado relativamente á contribuição; pois o systema basea-se no pagamento proporcional ás posses de cada um.

Caso seja pessoa incapaz de qualquer contribuição immediata, abrir-se-á uma conta para ser saldada logo que adquira meios ou pela municipalidade de onde veio, caso morra ou permaneça incapacitada por longo tempo; assim, declarará quanto ganha por mez, qual o seu estado civil, se sustenta filhos e que outras obrigações sociaes tem; quanto maior o numero de taes obrigações tanto menor a percentagem a subtrahir de seus lucros em beneficio do hospital. Isto em relação aos trabalhadores livres; em se tratando de individuos que trabalhem collectivamente para o Estado, empresas industriaes, commerciaes ou ruraes, pode-se na lei regulamentadora do trabalho incluir a obrigação para taes empresas de contribuirem em proporção ao numero de empregados para que recebam, sem mais onus, socorro em caso de molestia ou accidente. Os abastados pagarão integralmente e pelo justo preço os serviços que receberem.

Exonerada de fazer por sua conta assistencia publica, auxiliará a Municipalidade a construcção dos hospitaes e os subsidiará na proporção dos socorros que prestarem annualmente. As colonias os poderão suprir de seus productos a preços muito mais modicos que os urbanos; nellas serão incluídas as fazendas destinadas ao suprimento dos laboratorios. O producto do trabalho, produzido nas dependencias do hospital pelos internados a preço reduzido, a elles pertencerá, deduzida a differença entre o justo preço e o de favor. O excesso de produção dos laboratorios pode constituir uma boa fonte de renda.

Temos, finalmente, a acrescentar os lucros provenientes do ensino medico que de nenhum modo deverá ser permittido em outra parte.

Não basta assegurar a fonte de renda para que fique garantida a vida economica do hospital; é, além disso, indispensavel movel-o em boa ordem, não desperdiçar esforços e bem distribuir



o dinheiro. Para movel-o em boa ordem sem desperdiçar esforços, precisamos prover de pessoal suficiente e sobretudo idoneo todas as suas dependencias; crear um corpo administrativo, independente do corpo medico propriamente dito e capaz de registrar com exactidão e minucia toda a vida economica do hospital, de modo que em qualquer momento possam ser examinados, com documentos probantes, os serviços que praticamente o prejudiquem, deixando em evidencia os desperdícios, as argucias interesseiras dos fornecedores e os desfalques causados por funcionarios deshonestos; regulamentar de modo que todos os funcionarios sejam obrigados a cumprir o seu dever, para o que a responsabilidade de cada um, qualquer que seja a sua categoria, precisa ficar perfeitamente definida, recebendo as ordens por escripto e archivando o cumprimento em dia e hora; crear para o serviço medico o archivo geral das papeletas, onde somente serão recebidas com todos os requisitos satisfeitos, isto é, com a historia completa e minuciosa do doente desde o primeiro exame para admissão até a alta ou a autopsia, tudo examinado e rubricado pelo chefe de cada serviço que é o principal responsavel pela fidelidade dos informes; finalmente, deve-se regulamentar de forma que ninguem possa permanecer no exercicio do cargo sem dar cabal desempenho á tarefa que lhe estiver determinada, sendo temporariamente afastado em caso de molestia curavel ou fadiga.

Para bem distribuir o dinheiro, basta que a cada despesa se ajuste um serviço indispensavel ao hospital.

Pode parecer á primeira vista que esta organização, proposta para as novas instituições hospitalares, seja uma concepção puramente theorica.

Nada disso; a tendencia palpavel da sociedade actual e o estado a que ha de attingir nestes vinte annos a imporão por toda parte. Não é preciso ser arguto observador para perceber a luta encarniçada entre trabalhadores e capitalistas; comprimida pelos dois grupos irreconciliaveis, vacilla a ordem social representa pelo Estado. Enquanto os primeiros reclamam em altos brados e, por vezes, impõem pela violencia a derogação dos privilegios e o que pensam ser uma mais justa distribuição dos bens terrestres, fazem



os segundos valer o peso de seus capitaes, obrigando o trabalho a render o mais possivel em seu beneficio.

Depois da ultima grande guerra, começou a ordem social estabelecida a ceder mais rapidamente ante a pressão dos trabalhadores, o que evidenciam tres symptomas capitaes: — desaparecimento quasi total dos privilegios de classe, violação frequente do direito de propriedade em nome de necessidades occasionaes e desvalorisação progressiva do dinheiro parallela ao encarecimento do trabalho.

Se esta corrente evolutiva perdurar, não está longe a epocha em que nos acharemos em face de uma sociedade diferente da actual onde, em vez de indigente, pobres, abastados e ricos, veremos uma multidão de abastados (no sentido de gente que produz o bastante para viver sem privações), alguns ricos e uma pequena escoria de indigentes.

E' neste ultimo estadio que a organização exposta encontrará o meio mais adequado; para que seja applicavel desde já, admiti que os cofres publicos custeassem a installação, indemnisassem os serviços prestados na via publica e pagassem pelos indigentes.

Outro facto que justifica a reforma na organização dos novos hospitaes de accordo com a ordem social é a crise em que se debatem na Inglaterra, Allemanha e Estados Unidos. Quem percorrer a colleção do "Lancet" destes ultimos tres annos encontrará a enumeração das difficuldades economicas por que passam os hospitaes inglezes, a ponto de obrigarem suas administrações, de ha muito habitadas ás subscrições publicas, a empregar um meio que, no fundo, pouco difere da contribuição proporcional. Abrigam o doente e recommendam á enfermeira que o convença de que deve contribuir para auxiliar a instituição em suas despesas.

Nos Estados Unidos, como tive oportunidade de verificar pessoalmente, vão creando, ao lado das enfermarias gratuitas, quartos e apartamentos particulares onde a diaria é bastante elevada. Mais que qualquer destes paizes cuidou a Allemanha de melhorar a economia hospitalar empregando em larga escala a cooperatividade e quem quizer aquilatar o gráo de adiantamento das idéas que por lá circulam lerá com muito proveito a obra de J. Grober — "Das Deutsche Krankenhaus".



Reuni em um só plano bem condensado toda a organização hospitalar da cidade porque, deste modo, são mais completamente atendidas as suas exigencias sanitarias e obtem-se maior economia por evitar inutil duplicação de despesas.

Este dispositivo visa resolver o problema da conservação humana fóra da influencia das mentiras convencionaes; pôr de accordo os interesses do individuo com os da communiidade; assegurar a independencia economica de uma instituição que, pela natureza indispensavel e urgente de seus serviços, não pode sofrer as delongas e azares da burocracia, nem contar com as incertezas da esmola; estender a tarefa do hospital aos seus extremos limites, habilitando-o a curar doentes de toda especie, fazer a prophylaxia das molestias infecto-contagiosas, aproveitar o trabalho dos convalescentes, abrigar os incapazes de sofrer o peso dos deveres sociaes sem contudo os deixar ociosos, tratar, policiar e educar os doentes do systema nervoso, sempre prejudiciaes ao meio social, inclusive aquelles que matam impunemente com pontaria certa *por privação dos sentidos*; finalmente, permitir o ensino medico integral dentro dos institutos hospitalares sem qualquer collaboração extranha.

JOSÉ DE MENDONÇA

---





## CAPITULO DE UMA BIOGRAPHIA PERDIDA DE CAXIAS

---

### II (\*)

Depois da derrota de Rio-Pardo e da verdadeira estupefacção que lhe seguiu, novos commettimentos se prepararão.

O chefe rebelde João Antonio conservou-se por Caçapava; Netto marchou para o sul a se reunir a Bento Gonçalves e Côrte-Real com mira no Rio Grande. Bento Manoel e Canabarro dirigiram-se paulatinamente para Porto-Alegre. Em Piratiny faziam-se novas reuniões.

As forças leaes de Medeiros varando pela Banda Oriental, e evitando as forças inimigas de Crescencio, penetraram em numero de duzentos e cincoenta homens no Rio-Grande, pela fronteira do Chuy; Calmon e Silva Tavares haviam retrocedido como já dissemos para o acampamento dos Canudos, no S. Gonçalo; finalmente em Porto Alegre o brigadeiro Gaspar Menna Barreto com partidas de policia observava o inimigo, que se aproximava.

Os arredores da capital despovoavam-se das familias que procuravam abrigo dentro das trincheiras.

Elisiario sahindo de Porto Alegre em fim de Maio dirigiu-se para o Rio Grande, e depois para os Canudos.

Ahi deu parte de doente o brigadeiro Calmon, que se retirou para a côrte. Calderon com o fito de reunir gente seguiu para o Estado-Oriental, onde a legalidade nesse momento contava com as sympathias de Rivera em opposição a Oribe, que protegia a

---

(\*) O primeiro capitulo foi publicado no n.º 98 da "Revista", em Fevereiro de 1924.



rebellião de accôrdo com Rosas. Loureiro por doença de Silva Tavares assumiu o commando da divisão, as ordens do proprio Elisiario.

Retirando-se o Presidente para a capital nomeou para commandante o brigadeiro Felipe Nery, no impedimento de Silva Tavares, continuando as cavallarias sob as ordens de Loureiro e Medeiros. Doze canhoneiras postadas no S. Gonçalo apoiavam as forças acampadas nos Canudos.

No dia 15 de Junho Bento Manoel e Canabarro appareceram em frente de Porto-Alegre com 800 homens.

Restabelece-se o sitio, posto que com menos rigor do que anteriormente.

Da guarnição da cidade sahiam partidos volantes ao mando do capitão Francisco Pedro de Abreu (Barão de Jacuhy), e Andrade Neves que percorriam os municipios das Dores, vindo mesmo até o rio Camaquan, onde, em uma de suas surpresas, apprehendeu o primeiro, um hiate rebelde armado em guerra.

Tinham os rebeldes feito construir dentro do rio Camaquam dous lanchões *Rio-Pardo* e *Republicano*. Do primeiro era commandante o celebre caudilho italiano José Garibaldi, capitão-tenente e commandante da improvisada flotilha rebelde; e do segundo o americano John Griggs. Tripulavam-nos marinheiros italianos, americanos, francezes e alguns negros e mulatos. Verdadeiros piratas, com chefes tão ousados navegavam pela lagoa dos Patos, onde fizeram pequenas presas, e uma mais importante a da escuna *Mineira*, que do Rio se dirigia para Porto-Alegre. O pouco calado dessas pequenas embarcações facilitando-lhes a fuga através dos numerosos baixios da lagoa dos Patos, inutilisava a caça dos navios imperiaes. Estes sem se poderem desviar do canal profundo que costêa a margem oriental da lagoa faziam-lhes fogo, sem conseguir destruil-os. Os navios mercantes navegavam em geral desde 1835 sob a protecção e comboio dos navios de guerra e a escuna *Mineira* foi victima por se ter arriscado a viajar sem essa protecção.

Quiz o chefe Greenfel destruir a nascente marinha dos rebeldes e com um vapor e duas canhoneiras dirigiu-se para a Lagoa dos Patos, não conseguindo então o objectivo de sua empreza. Tambem entre elle e Elisiario manifestára-se profunda divergencia e o governo em setembro o retirou do Rio-Grande, nomeando-o para o Rio da Prata e substituindo-o pelo capitão de mar e guerra Francisco Mariath. Nesse mesmo mez um decreto de Bento Gonçalves, referendado por Domingos José de Almeida, autorizou as cartas de côrso contra a marinha do Brasil. Eram os prodromos da expedição de Santa Catharina.



Em Outubro regressou de novo ao Rio Grande o Presidente e dirigiu-se para o acampamento dos Canudos.

Em ordem do dia de 28 reorganizou a divisão confiando o commando das infantarias ao brigadeiro Antonio Correa Seara e o das cavallarias ao brigadeiro Felipe Nery.

Esse acto abriu nova lucta com Elisiario. O coronel Silva Tavares acostumado de a muito a esse commando, e á isempção de obediencia militar já pelo seu character, já pela dedicação com que servia á causa da legalidade irritou-se contra o acto da reorganisação da divisão por lhe ter sido tirado o commando das cavallarias, o qual pelo posto que exercia de commando superior da guarda nacional, julgava competir-lhe de direito. Não lhe permittiu Elisiario a licença que pediu para retirar-se, e então re-presentou elle ao Governo da Regencia contra o Presidente e parte da officialidade do guarda nacional, e a este contra Felipe Nery, por lhe não merecer confiança. Medeiros e Loureiro tomaram abertamente partido por Silva Tavares e com quebra da disciplina e subordinação estabeleceu-se na divisão do Sul ameaçadora intriga.

A questão terminou mais tarde com a retirada de Felipe Nery para o Estado Oriental, reintegração de Silva Tavares, e commando da divisão do brigadeiro Seara, mas sem nenhuma decisão do governo.

Em Porto-Alegre, já de volta em Dezembro de 1838 reuniu Elisiario todas as forças chegadas de noite e das veteranas, escapas aos desastres antecedentes, preparando-se para a nova campanha em 1839.

Rebeldes e legaes haviam augmentado suas forças.

Os primeiros não dispunham de menos de 7.000 homens, e os segundos tinham também seis mil em armas, á fora a força naval.

Ao estudar-se a revolução rio-grandense nota-se após cada feito de armas notavel uma estação calmosa.

A cada esforço quer de um lado quer de outro lado, segue-se uma paralysação completa de movimento. Esse phenomeno, que se repete até o commando do Duque de Caxias, explica-se pela qualidade das tropas em movimento. Os chefes legaes, como os rebeldes, eram obrigados a licenciar seus soldados depois de cada feito de armas, ou elles proprios se dispersavam, reunindo-se mais tarde. Entre os imperiaes ficavam as forças de linha e entre os rebeldes a infantaria em grande parte composta de escravos arrebatados a seus senhores, em nome da liberdade. As tropas porem que formavam sob o titulo de guardas nacionaes não eram mais do que paisanos acostumados ás lides de guerra, como igual força da parte dos insurgentes. E' muito difficil avaliar



nas diversas epochas da revolução o numero de homens sob as armas, por essa razão. Chefes que hoje dispunham de grandes forças estavam sem gente no dia seguinte, e no immediato reforçados. Os mappas e communicações officiaes se invalidam todos por esses costumes militares já tradicionaes no sul. Elisiario, quando quiz reorganisar a divisão do sul e abriu luta com Silva Tavares, pensava evitar esses inconvenientes.

Era cêdo, e só mais tarde, quando as forças de linha avultassem se poderiam organizar regularmente exercitos e divisões. A primeira organização regular no sul foi a do brigadeiro João Paulo, sem comtudo evitar essas dispersões, que cada chefe, operando com partidas volantes, ou acampadas em certos pontos, consentia a seu bel prazer. Essas partidas operavam quasi por si, e sem unidade; ora em um ponto, ora em outro, sem sciencia muitas vezes do general em chefe. Assim, depois do Fanfa, Bento Manoel licenciou parte de sua gente para se reunir em ponto dado.

Quando a expedição de Elisiario sobre José Mariano o obrigou a levantar o sitio de Porto-Alegre e subir a serra, contava aquelle que Loureiro lhe detivesse o passo no rio das Antas. Tal não aconteceu, porque essa força se dispersára. A natureza dessas partidas um tanto *cossacas*, difficulta a avaliação exacta das forças em campanha.

Em frente a Porto-Alegre achava-se David Canabarro com uma força de 1000 praças. Bento Manoel que por ahi permanecera algum tempo regressou para o interior, a fazer novas levas. Já então a expedição de Santa-Catharina estava planeada e decidida, e emquanto os chefes rebeldes apparentavam querer carregar sobre a capital com o grosso de suas forças, Garibaldi fazia preparar os rodados de carretas, em que devia transportar seus lanchões até a divisa do Rio Grande com Santa Catharina. Nada transpirava ainda sobre essa expedição rebelde.

Sabia-se porem que o tenente coronel Villas Boas deveria da Laguna penetrar pelo norte a reunir-se ás forças leaes em cima da serra com uma expedição de S. Paulo, descendo todas sobre a retaguarda dos sitiadores da capital. A expedição que se preparava em Sta. Catharina sob o commando daquelle official tinha mais fama do que na realidade merecia, e a de S. Paulo nunca teve maior valor.

Para reunir-se aquella força esperada e metter o rebelde entre dous fôgos resolveu Elisiario encetar uma operação igual á que praticára em igual epocha no anno anterior, e que deveria de novo levantar o cerco de Porto Alegre.

1839 — Dirigindo-se desta vez para o rio Caluy, com 2 batalhões, um corpo de cavallaria, dous esquadrões, 2 peças de ar-



tilharia, atravessou o rio dos Sinos, o Gravatahy, e pela aldeia dos Anjos dirigiu-se sobre o inimigo. Em caminho juntaram-se-lhe mais 400 homens ao mando do major Simas, Orines e Manoel Bento, ficando com 2000 homens. Os rebeldes haviam levantado o sitio e retiraram-se sobre Viamão. No dia 31 de Janeiro a retaguarda das forças de Canabarro foi avistada pela vanguarda de Elisiario. Tiroteios sem resultado engajarão-se entre as duas forças e os legaes continuaram a seguir o inimigo até quatro legoas alem de Viamão.

Repentinamente Elisiario contramarchou rapidamente, e as scenas inverteram-se. Era agora a retaguarda da columna de Canabarro transformada em vanguarda, que picava a vanguarda da columna de Elisiario transformada em retaguarda. Sob o tiroteio e com toda a rapidez dirigiu-se Elisiario para Porto-Alegre, aonde entrou na madrugada de dous de fevereiro. J. Ourives com extraordinario esforço de coragem guardara a retaguarda da columna. Já era tempo. Se demorasse mais algumas horas estaria mettido entre dous fôgos, pois Bento Manoel com uma columna forte de 1000 praças avançava rapidamente, tendo forçado o rio Cahy e vadeado o dos Sinos.

Deixara Elisiario guarnecido o passo do Carioca, no Cahy, com as canhoneiras n.º 7 e 9, e o lanchão n.º 2.

Bento Manoel aproximando-se do Cahy apresentou-se na baranca do rio com uma força de mil homens e duas peças de artilharia e occupando uma posição a cavalleiro rompeu desabrido fôgo contra a flotilha legal. A canhoneira n.º 7 commandada pelo 1.º tenente Antonio Dias dos Santos Bellico respondeu com obstinado fôgo ao ataque rebelde. O commandante com tres ferimentos de bala continuou a animar a guarnição e a defender o passo até que no momento de dar um viva ao Imperador, uma bala atravessou-lhe a cabeça. O pequeno navio arrombado por quatro balas de artilharia afundou-se perecendo afogados muitos tripulantes e submergindo-se todos os feridos e mortos.

A canhoneira n.º 9 commandada pelo 1.º tenente Manoel Pereira da Cunha fez alguns tiros de artilharia e foi abandonada pela guarnição. O lanchão n.º 2 acompanhou o tenente Bellico em sua corajosa defesa, sendo tambem logo depois abandonado pela guarnição.

Livre de inimigo passou Bento Manoel os rios Cahy e Sinos e veio reunir-se a Canabarro. Se Elisiario não houvesse tão rapidamente retrocedido ou Bento Manoel houvesse demorado a passagem do Cahy por mais dous dias, deixando aquelle internar-se, estaria ainda uma vez perdida a legalidade e Porto-Alegre tomada.

Esta desastrada e desastrosa sortida de Elisiario e sua rapida retirada fizeram-no perder o resto de confiança depositada



na sua capacidade militar. Na primeira sortida de 1838 levantára elle o sitio da capital obrigando o inimigo a fugir para a serra, mas nem Loureiro, nem Alano, que alli o devia bater o esperaram, e os fugitivos vieram reforçar Bento Manoel em Rio-Pardo.

No ataque de Rio-Pardo salvára elle sua responsabilidade legal com as instrucções que déra a Sebastião Barreto e que este não cumprira. Agora porem não tinha sobre quem deixar o peso do desagradavel exito de sua sortida, nem da falta de forças para coadjuvar a flotilha no Cahy, quando no Sul 4000 homens e numerosas canhoneiras defendiam S. Gonçalo e o Rio Grande. Annunciavam nessa epocha até os jornaes que as operações dos rebeldes se concentravam no norte, onde apenas havia pouco mais de 2000 homens para a defesa de Porto-Alegre e operações. O que é exacto é que até essa epocha a divisão do sul esteve constantemente immobilisada alli. Bastava Crescencio com alguns homens para obter esse resultado.

Profunda foi a impressão moral produzida por esta operação já em Porto-Alegre, onde se desenvolve a usual intriga, já ria Côrte onde de novo, governo e opinião confiavam em Elisiario.

O gabinete de 19 de Setembro resolveu logo enviar á provincia o ministro da guerra Sebastião do Rego Barros, para por si estudar o apoio moral, conservando-o na presidencia depois da derrota de Rio-Pardo e levando a conselho de guerra o marechal Sebastião Barreto e brigadeiro Francisco Xavier da Cunha; enviar-lhe reforços de tropas munições e navios; armara-o em fim de todos os meios para uma administração vigorosa e operações militares felizes e os revezes se succediam ora por uma, ora por outra cousa. Desencontradas eram as opiniões que appareciam quer na imprensa, quer nas noticias particulares, e a par das accusações de incapacidade militar do Commandante das armas e das usuaes intrigas politicas, appareciam, infatigaveis, surpresas e expedições de Francisco Pedro, Andrade Neves, cujos serviços relevantes á legalidade protestavam contra a desidia da autoridade superior.

Para por si indagar de tantos males partiu para o Rio Grande do Sul no dia 6 de Março o ministro da guerra, levando como ajudante de ordens coronel Luiz Alves de Lima e sob suas ordens 200 praças do côrpo permanentes.

1839 — Depois de breve estada em Sta. Catharina seguiu para o Rio-Grande, onde chegou a 21 de Março no vapor *Commercio*, seguindo logo para Porto-Alegre.

Haviam os rebeldes fechado de novo o sitio de Porto-Alegre e ainda uma vez guarnecido e fortificado Itapoam, o que era ainda ignorado no Rio Grande.

Mal aproximou-se o vapor *Commercio* que conduzia o mi-



nistro para investir o canal junto ao nosso, romperam os rebeldes o fogo de artilharia. Uma bala batendo na caixa das rodas de bombordo esbandalhou-a e fez recuar o vapor. Foi obrigado o ministro a passar-se para uma pequena lancha e nella atravessar o canaleta da ilha do Junco, dirigindo-se então para a capital.

Como era natural tal acontecimento incommodou o ministro da guerra, já por conhecer a posição forte que ali occupavam os rebeldes, já por não haver communicação do facto no Rio-Grande, quando elle d'ali partiu.

Antes mesmo de deliberar qualquer operação, mandou ordem para o Rio Grande que embarcassem com destino a Itapoam forças de infantaria e cavallaria tiradas aquellas de divisão dos Canudos e estas de S. José do Norte.

Logo que chegou a Porto--Alegre convocou Rego Barros um conselho de officiaes generaes como já dissemos, para resolver o ataque do forte rebelde de Itapoam. A esse conselho compareceu o tenente coronel Luiz Alves, na qualidade de ajudante de ordens do ministro. Instava e opinou este pelo ataque e os velhos generaes convocados a reunirem-se opinavam da mesma fórma, quando o tenente-coronel pronunciou-se contra essa ideia fundando-se em razões estrategicas e de bom senso militar. Fundamentava sua opinião no facto de haver o exercito sitiador da capital tomado posição de fórma a ter sua esquerda sobre Itapoam e a direita sobre Porto Alegre, podendo assim acudir a defender aquelle forte e repelir o ataque dos imperiaes, cahindo ao mesmo tempo pela sua direita sobre a capital, antes que as forças vindas por agora chegassem para protegê-la. Ainda em meio da discussão, quando essa ideia não era perturbada, nem mesmo tinha visos de vencer no conselho, o Barão de Jacuhy, apresentou-se informando ao Ministro de que o chefe Netto, em divergencia com os companheiros, passaria d'ahi a pouco no passo do rio Cahy, offerecendo-se para perseguil-o.

Communicado isto ao conselho propoz o tenente-coronel Luiz Alves, que a Francisco Pedro fosse confiada a força de que necessitasse para realisar a captura do general em chefe inimigo, o que equivaleria decerto á tomada de Itapoam, que tanto interessava naquelle momento.

Era intento do tenente coronel Lima desviar a attenção do ministro da guerra do perigoso ataque em projecto e que se lhe assemelhava desastroso para as armas legaes.

Depois de duas horas de porfiado debate foi resolvida a expedição contra Netto e della encarregado o mesmo Francisco Pedro, então capitão. Seguiu este com 50 homens escolhidos, em um lanchão para o passo do rio Cahy enquanto em um vapor seguiu uma columna, a mais forte, ao mando do brigadeiro Fe-



lippe Nery. Na vespera tinha passado o general Netto, mas sua bagagem, fardamento de general, mappa da força rebelde e planos de guerra, correspondencia, tudo cahiu em poder de F. Pedro, que a não ser a discussão de duas horas houvera nessa occasião apreendido o general revolucionario!

As forças que do Rio Grande haviam seguido para coadjuvar o ataque do Itapoam regressaram a seus primitivos acampamentos e essa idéa foi abandonada.

Pela leitura desses documentos ficou o Ministro da Guerra convencido de quão baseada era, a opinião do Tte. Cel. Luiz Alves, pois estavam dadas as providencias pelos rebeldes para repeller o ataque de Itapoam e assaltar a cidade. Ficaria esta sem forças para sua defesa, se tivesse de distrahir tropa para o projectado ataque e cahiria inevitavelmente em poder dos rebeldes. Firmou o tenente-coronel Luiz Alves os creditos de Militar intelligente e previdente e desde então principiou a formar-se no Rio Grande do Sul opinião altamente favoravel áquelle que deveria terminar a revolução. Cartas vindas d'ahi para a Côrte o indicavam para esse commettimento, mas de tal erro escapou o tenente-coronel Luiz Alves, graças á sua prudencia e bom senso pratico, como já deixamos exposto.

Entretanto estereis foram os fructos colhidos pela viagem do ministro da guerra. Visitára e por si inspeccionára elle as praças de P. Alegre, S. José do Norte, Rio Grande e o acampamento de S. Gonçalo (Canudos), onde esteve imminente uma demonstração hostil a Elisiario, que de nenhuma sympathia gosava e que se pensou que acompanhasse o ministro.

Dias depois da partida do ministro para o R. Grande, o ministerio de que fazia parte pedia demissão pela divergencia entre o ministro do Imperio Bernardo de Vasconcellos e o Regente, na escolha de um senador.

Antes de seguir para ali mandára uma expedição por terra para destruir os lanchões rebeldes do Camaquã.

Não conseguiu Francisco Pedro aprisionar Garibaldi, que de dentro de um galpão fez desesperada resistencia, conseguindo ferir no braço o denodado chefe legal.

A flotilha que devia coadjuvar a expedição não realisou tambem o intento.

Dos Canudos fez o ministro marchar a divisão do Sul ao mando do brigadeiro Seara sobre Piratiny, com intento de aposar-se da villa deste nome.

No passo da Orqueta recebeu a noticia da demissão de seus collegas de ministerio, voltando d'ali para o Rio-Grande e embarcando logo para o Rio de Janeiro.

Com effeito, o ministerio de 19 de Setembro demittira-se do



poder em consequencia da divergencia na escolha de um senador entre o Regente e o ministro do Imperio Bernardo de Vasconcellos. Ainda que contasse maioria na camara foi chamado o gabinete liberal de 16 de Abril de 1839 de que fazia parte o visconde de Albuquerque, como ministro do Imperio, e um rio-grandense o conselheiro Candido Baptista de Oliveira, nas pastas da fazenda e estrangeiros. O ministro Sebastião do Rego Barros chegou á Côrte no dia 6 de Maio apresentou o Relatorio de sua repartição ás Camaras a 15 do mesmo mez, e nesse mesmo dia demittiu-se, sendo substituido pelo Conde de Lages.

O impulso estava porem dado de uma fôrma energica em favor da legalidade pelo Ministerio de Vasconcellos e o novo gabinete seguiu a sua marcha em relação aos negocios do Rio Grande.

Era evidente a impossibilidade da continuacão de Elisiario já por haver sido delegado da accentuada politica anterior, já por que sua força moral estava completamente perdida na provincia, após tantos e tão repetidos desastres.

Foi nomeado Presidente da Provincia o Sr. Saturnino de Souza e Oliveira e Comte. das armas o tenente general Manoel Jorge Rodrigues, depois Barão de Taquary, ambos por decretos de 22 de Maio.

Grenfel foi chamado do Rio da Prata, e de novo nomeado commandante da esquadra imperial no Rio Grande.

Pareciam excellentes estas nomeações. O Dr. Saturnino era um dos homens de mais illustração que naquelle momento occupavam a scena politica do paiz. Deputado inspector da Alfandega da Côrte e de indole tão moderada como de intelligencia cultivada parecia destinado a deixar, como de facto deixou, um nome respeitado entre os rio-grandenses.

O velho Manoel Jorge immortalizado nas guerras do Prata com a heroica defesa da Colonia do Sacramento em 1826, era valente, probo e considerado bom militar, apesar do excessivo peso dos annos.

Grenfel, conhecido por seu valor, energia e prudencia, era o unico chefe militar que soubera em longo periodo de commando conquistar plena confiança dos rio-grandenses, e sua retirada, solicitada por Elisiario, fôra sentida por toda a legalidade.

Mariath passou a commandar a força naval em S. Catharina, onde sérios acontecimentos estavam imminentes. Com as novas autoridades seguiram reforços de tropa. No dia 18 de Junho chegaram ellas ao Rio-Grande e no dia 24 tomaram posse em Porto-Alegre.

EUDORO BERLINK





## A NOVA MENTALIDADE DA AMERICA LATINA

---

### O ESPIRITO DE ARIEL E O PRAGMATISMO "YANKEE"

O centenario da doutrina de Monroe teve a consagração protocolar dos governos e os applausos convencionaes das chancellarias, porque a diplomacia, apesar das transformações que a grande guerra determinou, ainda é uma arte subtil de enganar os povos e de salvar as apparencias, num requinte de machiavelismo amavel.

A verdade, porém, é que a America Latina assistiu indifferente, senão desdenhosa, á passagem dessa ephemeride, que apenas registrou um seculo de ludibrio. E a razão desse facto se baseia em que o pan-americanismo já não consegue illudir senão os estadistas praticos de Washington. O fracasso ruidoso da Conferencia de Santiago poz a descoberto a situação precaria desse *bluff* formidavel que representa uma applicação da astuoia de Ulysses á famosa mensagem que lhe deu origem, permittindo que o ardil durasse o espaço de cem annos.

A America Latina fórma hoje um só blóco e será, dentro de pouco tempo, uma força capaz de influir nos destinos do mundo. Sôou a hora magnifica de seu triumpho, deixando de ser "a lua da Europa", na phrase exacta de um escriptor argentino, mas repellindo tambem o protectorado que, á sombra do monroismo, Tio Sam lhe quiz impôr.

Esse movimento libertador faz-se sob o grito da raça, tão bem transmittido pelas palavras vibrantes de Gabriela Mistral, essa alma feminina que se alça do Chile, terra onde nascem os



condores e de onde, por um suave contraste, surgiu esse yôo pom-balino da poesia americana...

O espirito de Ariel, que illuminou o nosso cerebro pelo verbo solar de Rodó, num rebate de almas e provocando uma germinação de idéas redemptoras, acabou por vencer a influencia malefica de Caliban, o monstro encarnado no pragmatismo *Yankee*.

O genio latino revive, refulge e triumpha na America. A infinita grandeza do mundo desvendado por Colombo nimba-se agora com esse clarão eterno, despertando a energia latente da Raça.

No Brasil esse novo *fiat* anima o seu organismo de gigante. A seiva de suas florestas immensas, o assombro de sua grandeza physica, a expansão de sua potencialidade cosmica, o deslumbramento de sua natureza, todas as vertigens de um mundo que surge, todos os anseios de luz, de pensamento e de progresso, cantam e realizam aquelle prodigio, formando um còro com as vozes barbaras da America, onde o espirito greco-latino, pelo genio de Lutecia, se renova e se incendeia, para fixar, nest'hora tragica e allucinante, a primavera de um mundo, enquanto as civilizações da Europa, ao sopro rubro das guerras e ao choque das revoluções sociaes, rolam pelo despenhadeiro da decadencia, obedecendo ao impulso dos phenomenos cyclicos que a historia registra na evolução da humanidade.

Ao crepusculo europeu succede o advento auroral deste hemispherio, notadamente da parte onde vive uma estirpe de povos novos, gerados no seio fecundo da Iberia, sob o nome sideral do Cruzeiro do Sul.

Cabe ao Brasil, pela sua privilegiada e extensa situação topographica, a missão providencial de ser o sol desse systema ethnico, porque confinando com sete paizes do mesmo tronco iberico, é um braço geographico do continente.

Até ha bem pouco tempo os paizes latino-americanos, o nosso inclusive, viviam gyrasolando em torno do espirito luminoso da latinidade, recebendo o influxo do genio gaulez, como seus satellites mentaes.

Mas essa condição subalterna soffreu uma modificação sensivel; e, sem repudiarem a luz immortal dessa graça radiosa que substituiu o rythmo da belleza hellenica e a pompa da grandeza romana, procuraram a originalidade, que é a essencia de todos os surtos das nacionalidades que se libertam.

O movimento irresistivel que se vem formando para unificar espiritualmente a America Latina não obedece tão sómente a uma clarinada de ideal commum, mas a um instincto de conservação e de defeza, porque, si tal não se dêsse, todo esse friso racial desaparecia sob o poder ameaçador dos Estados Unidos.



Estes, forçoso é confessal-o, podem exercer uma influencia economica, quiza uma superioridade politica sobre as nações latinas da America; perderam, entretanto, toda a ascendencia moral, e parte do imperialismo economico que até então ostentavam, ainda que sempre encontrassem a repulsão natural do fraco contra o forte, do opprimido contra o oppressor, do idealismo contra a razão pratica, do direito contra a força, do espirito contra a materia.

Os filhos de Quichote e os devocionarios do pannache, os eleitos de Apollo e os cruzados de Christo não poderiam pactuar com Sancho, adorar os musculos de Hercules, brandir o silex e morrer no ventre de Molock...

O genio alado de Ariel não foi vencido.

Felizes os povos que sonham, os povos que pensam, os povos que amam a belleza!

O Brasil, a partir deste seculo, começou, por assim dizer, a existir como nação dynamizada pelo progresso, que é a energia social, e plasmada pelo pensamento, que é a luz do Universo.

Até então imperava o passado, sem que o futuro exercesse sobre nós a força mysteriosa e fecunda de seu prestigio vivificador, fonte eterna de alegria, porque é um sorriso enigmatico do tempo. Eramos um paiz da saudade quando deveriamos ser o paiz da esperanza.

Povo juvenil, nação ainda na puberdade de sua vida politica, sem ter alcançado um seculo de soberania, indifferentes, como fakirs, ao nosso mundo exterior, onde canta a belleza das cousas e vibra uma natureza estupenda, viviamos paradoxalmente com a nostalgia dos vencidos, em meditação silenciar, como velhos já curvados para a interrogação da morte, enquanto a alegria da vida irradiava em tudo, glorificando o espaço num grito de sol ou num segredo de luar, espoucando na taça do mar, rolando nas rimas soltas dos rios ou reflectindo-se no enlevo beatifico dos lagos serenos, e irizando-se nas flores, nos passaros, nos animaes, nas paisagens e nos longes, como si tudo se tornasse fluido e sonoro...

E' que ainda, por inercia ou sentimentalismo passivo de visionarios tristonhos, prolongavamos a nossa posição secundaria de colonos, a nossa renuncia voluntaria de gregarios, entregando o coração a Portugal, que nos dá a origem, e o espirito á França que nos dá a consciencia; aquella, prodigalizando-nos o dom de uma patria immensa, e esta, derramando-nos a agua lustral de seu pensamento, que foi o nosso baptismo de eternidade.

Deixamos, num repellão de energia, num esforço heroico de vontade, de ser eunucos, sem, com isso, esquecel-os, porque agora



que somos viris e libertos, lhes rendemos com altivez e nobreza, um amor mais completo e mais profundo, isto é, os admiramos; e admirar é amar com a intelligencia e com a liberdade.

No decurso das ultimas tres decadas, iniciamos, numa improvisação de audacia e de energia indomavel, a obra vertiginosa de nosso progresso.

Foi um delirio de civilização, um arrojo de trabalho e de realizações maravilhosas: augmentamos, ou melhor, centuplicamos as vias ferreas; adquirimos navios mercantes e naves de guerra, formando uma frota e uma esquadra; construimos varios portos; reformamos e reconstruimos cidades coloniaes, de ruas estreitas, lugubres e infectas, rasgando-lhes avenidas amplas e saneando-as; extinguimos a febre amarella, que afugentava o estrangeiro e era a maldição do paraíso que iamos perdendo pelo nosso criminoso descaso e pela nossa indolencia atavica; o commercio expandiu-se; a industria surgiu; emfim, o Brasil, de um momento para outro, num lance de Proteu, avançou resolutamente, na alegria ovante do progresso, da saude e do espirito, esquecendo quatro seculos de marasmo e de rotina, e conquistando, num ápice, o futuro.

A transformação material do Rio de Janeiro e a onda de energia que envolveu e electrizou o paiz tiveram repercussão na mentalidade brasileira. Começamos a pensar com o nosso cerebro, a sentir com o nosso coração, a ver com os proprios olhos...

O gigante despertára!

Houve uma symphonia de claridade na nossa alma, como si a luz meridiana rompesse a nevoa de nosso mundo interior.

Abolimos o culto retrogrado e absorvente de um passado, que não era nosso, para construir o futuro, que nos pertence.

SAUL DE NAVARRO







## NOTURNO DE PUEBLA DE LOS ANGELES

---

*(Dos "Jogos Pueris")*

A sombra nua, a sombra primitiva, a sombra eterna, sem  
começo nem fim, abafa nas bocas vacias os gritos inuteis!

Os perfumes do chão e os perfumes do ar fluctuam livres  
dentro da noite virgem...

Sobre as figueiras da praça andaluza, de arcadas theatraes,  
as torres da cathedral acenam tragicamente para o ceu que recua!

Pitoresco das scenographias... Os mantos vermelhos, as  
rendas de prata, os copos de ouro, as imprecações!

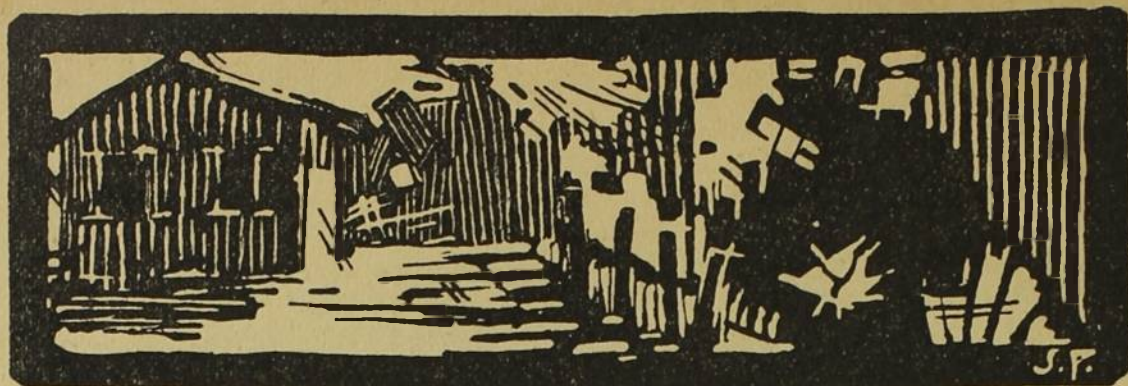
E as lampadas acezas no oleo da duvida!

E os doutores subtilissimos pendentes dos galhos da arvore  
da sabedoria!

E os frutos da vida rolando na sombra, na sombra que roda,  
na sombra que dança, primitiva, nua, sem começo nem fim, deante  
dos homens inuteis...

RONALD DE CARVALHO





## A BACIA DO AMAZONAS

---

No lago de Titicaca a companhia tem isenção de impostos para os seus navios. Mas a corporação, além de cancelar as dividas do governo do Peru, comprometteu-se a construir estradas de ferro em projecto e a concluir a construcção das que ainda não tinham alcançado o seu ponto terminal. Estes trabalhos foram effectuados; e, além d'elles, outros mais lhe foram já addicionados. Depois que este contracto foi assignado, o Peru tem progredido a passos de gigante em todos os departamentos da sua actividade.

Para se ir de Mollendo a la Paz, na Bolivia, eram precisos quatro, cinco dias; hoje em dia, trinta horas são de mais. Os serviços de viação melhoraram tambem nas facilidades e no conforto que os passageiros desfructam. Ha vagões de observação, de dormir, de comer, etc.

Os ramaes de Cerro Pasco e Cuzco foram ao encontro de necessidades locais a quem as tropas de bestas de carga ha muito não satisfaziam. Só falta agora que se complete a rede ferroviaria que ponha o Peru em communicação regular com o Amazonas; e a republica peruana tem n'isto o maior empenho, pela importancia politica que isto póde representar.

Se a estrada *Central* apresentou difficuldades extraordinarias para ser construida, a do Sul teve e tem ainda muitas difficuldades a vencer. Na linha Mollendo-La Paz, trez fórmas de tracção e duas bitolas foram empregadas. Do inicio a Puno, 335 milhas cuja bitola é 1,43 metro ou na medida ingleza, quatro pés e um pouco mais de trez quartos; de Puno a Guayaquí, barco a vapor no lago Titicaca que fica entre aquellas duas cidades e que estão separadas por cento e quinze milhas; do ultimo porto do lago a La Paz, a bitola é de um metro e é puchada a vapor até ao alto de La Paz; os seis kilometros que faltam para entrar na capital boliviana, são electrificados: a locomotiva não passa do alto. N'esses novecentos kilometros nós mudamos de trem ao passar o lago sómente; se a linha algum dia ladear o lago, como se espera, é provavel que a bitola seja egualada, para que o trem que sahe de Mollendo, lá longe nas margens do Pacifico,

(1) Vide numeros 93, 97 e 100 desta "Revista".



seja o mesmo que trinta horas depois penetre em La Paz, dominio absoluto da hydrographia amazonica.

Entre Mollendo e Puno a estrada de ferro apresenta-se-nos com as feições peculiares a todas as outras que do lado do Pacifico partem em direcção ao planalto andino. As rampas bastante inclinadas; ellas foram aproveitadas do modo mais conveniente possivel a empresas desta ordem. Uma superioridade ella tem que lhe augmenta a capacidade e facilita mais commodidades aos viajantes: é a largura da sua bitola.

Mollendo só por ser habitual, se lhe pôde chamar porto de mar; elle não é mais do que um pequeno lote de habitações sobre uma rocha que as altas marés não escalam, e onde vivem umas cinco mil pessoas apenas. Enfrenta uma enseada desabrigada, onde os navios ancoram; em saveiros ou faluas, os passageiros e a carga são transportados do navio para terra ou vice-versa. Muitas vezes o mar está agitadissimo; então, os passageiros que embarcam nos navios ou delles desembarcam, teem que ser içados dentro de cestos: a atracação das pequenas embarcações nos transatlanticos é impossibilitada pela violencia do mar.

O movimento d'esta estrada, comtudo, não é pequeno: o seu lucro bruto annual, orça por quatrocentas mil libras esterlinas.

De Mollendo a Arequipa, a linha segue as costas por algumas milhas; depois, começa a subir na direcção do nordeste. Ha relativa facilidade em alcançar a desejada altitude e ás vezes, as beiras da montanha são utilizadas por duas ou tres linhas de trilhos, umas acima das outras. A unica cidade que se encontra entre Mollendo e Puno é Arequipa; sua população não irá muito além de cincoenta mil almas. E' a cento e sete milhas do ponto inicial e está a 2.365 metros de altitude; é atravessada pelo rio Chilli e dominando-a, está o cone vulcanico Misti com o eterno capacete de neve coroando os seus 5.852 metros de altura. A subida d'este celebre pico é tão facil, que uma estrada propria para bestas de carga ou sella, vai até quasi ao cimo; e, d'aqui, o deserto, a costa maritima, as pontas dos picos mais altos da cordilheira e a cidade a seus pés, forma o panorama mais extraordinario que se possa imaginar. E' admiravel.

A universidade de Harvard escolheu este sitio para installar o observatorio que lá está e de onde observa o ceu antarctico, devido á diaphaneidade da atmosphaera e á falta constante de nuvens. A estação meteorologica annexa a este observatorio é, de todas as que no mundo existem, a que está em altitude mais elevada, 16.250 pés.

Devido á natureza vulcanica do terreno, a pedra tem todas as qualidades exigidas para construcção menos uma: o peso. Agrada como se fosse marmore, e como elle o é, ella pôde ser trabalhada. E' duas vezes mais leve do que o granito; mas ou branca como a neve, ou avermelhada ou cinzenta, ella dá ás construcções um aspecto agradável e imponente, porque as paredes teem o duplo da grossura que teriam se esse material tivesse a resistencia da cantaria commum.

A cathedral local, devido á circunstancia de haver lava clara, tem, á primeira vista, a apparencia de que é um monumento edificado em puro marmore Carrara.

E' Arequipa a ultima cidade onde a maioria da população é branca; as suas visinhanças são os ultimos recantos onde ainda ha colheitas dos productos das zonas temperadas: trigo, milho, fructas, hortaliças, etc. Depois, isto mesmo só se encontra quando, galgada a montanha se avança para o oriente e se desce a altitude semelhante áquella dos valles e das courellas de Arequipa.

A subida continúa e o grande planalto é alcançado em Juliaca, um centro de indios e ao mesmo tempo, o entroncamento do ramo que d'aqui sahindo tem Cuzco por ultima estação.



De Juliaca a via ferrea continua subindo de fórma a alcançar Puno, um porto a noroeste no lago Titicaca. Esta cidade, como Juliaca, tem sua população composta de puro sangue indio, mas de um indio completamente differente dos selvagens que povoam o Chaco ou das tribus errantes que percorrem as regiões mais quentes e mais baixas do interior. Os habitantes originarios do planalto são os *Quichuas* e *Aymarás*, esses povos energeticos, laboriosos, que construíram as fortalezas, os templos, as estradas e as pontes que teem causado admiração e surprehendido os exploradores civilisados.

Graves e erudictos professores teem cogitado e exposto theorias varias, para explicar como foi possivel conduzir e collocar pedras gigantes, de milhares e milhares de kilos e tão bem casadas umas com as outras nas suas edificações, que com difficuldade se lhes percebe a junção. A mais logica d'essas theorias é a que admite que essas desmarcadas peças de alvenaria seriam conduzidas por agua e içadas por meio de barras de duro cobre; outra suggere a ideia de que esses antecessores da raça inca faziam parte das raças que habitavam a Atlantida, o continente submergido e que, segundo se suspeita, tinham a mesma civilisação do Egypto; e, que guardaram cá, mesmo depois da grande calamidade que a perda do antigo continente representa, a arte de levitação, se não, o poder de suspender a lei da gravidade(1).

Cuzco e Tiahuanaco, a ultima das praias do grande lago, n'essas remotas edades, eram o centro principal das velhas civilisações e os descendentes dos obreiros d'esses monumentos gigantes que desafiavam o tempo e a cultura actual, são agora os que construíram e conservam vigilantemente, os caminhos de ferro e os barcos a vapor que a civilisação moderna lá lhes poz nas mãos.

O lago Titicaca tem uma superficie de quatro mil milhas quadradas; o seu comprimento é de 165. E' profundissimo; na secção do noroeste, chega a ter trez mil pés de profundidade das outras partes não é menor; muito ao contrario.

A sudoeste as praias são seguidas de oiteiros cuja subida, por ser pouco inclinada, offerece muita facilidade para a agricultura que effectivamente lá existe; elles vão até dois mil pés acima do nivel do lago.

Toda a praia do noroeste a sudeste, n'uma extensão de cento e vinte milhas, fórma a base das montanhas enormes, e cujos picos estão cobertos de neve eterna; ella fórma uma especie de faixa para separar o lago das serranias que lhe ficam parallelas. Do lado das serras especialmente, estas praias são formadas por terras muito ferteis e cuja irrigação é feita com as torrentes que do alto descem e que são formadas, na sua maior parte, pelas aguas do gelo que o sol derrete.

O lago está sobre o planalto central e a 3.812 metros acima do nivel do mar; as aguas que lhe crescem são tão abundantes que formam o rio Desaguadero e cujo rio se perde no lago Poopo, a duzentas milhas de distancia na direcção do sul. No mundo não ha outro rio navegavel em altitude tão elevada: é unico.

Ha muitos annos, barcos a vapor, de rodas e com cem toneladas de registo e lugar para doze passageiros, mantem linhas regulares de navegação no *Desaguadero*, conduzindo do Córocóro ou mineiros de cobre ou cargas diversas do trafico da região.

Os passageiros que de Puno atravessam o lago em direcção a Guayaquí ou vice versa, nos barcos do trafico internacional, pouco d'elle pôdem ver, porque a travessia é feita de noite; a companhia porém, organisa excursões regulares que dão volta completa ao lago: é uma das coisas mais interessantes que imaginar se pôde.



Os barcos teem accomodações para passageiros de primeira e terceira classe; a demora vai de trez a cinco dias segundo o que o trafico de cargas impõe nos portos de escala. Alguns são lugares curiosos e muito interessantes. No extremo sul do lago, Copacabana com a sua linda egreja e respectivas reliquias, tornou-se um ponto de attracção de innumerous peregrinos. Na occasião da romaria, os navios viajam atulhados de forasteiros; e pelas estradas que lá vão dar, ranchos e ranchos se encontram na mesma direcção.

A estatua da virgem a que as reliquias pertencem, é realmente uma imagem de belleza singular; esculpturada em um material escuro, a regularidade e attitude de sua face impressionam e não nos esquecem mais. Diz-se que é obra de um escultor indigena e tem mais de trezentos annos.

O povo aproveita o tempo que lhe sobra n'esta occasião de festa, para fazer ou compras ou permutas. Coca e café da região dos *youngas*, são trocados por lã de alpaca ou de lama do *plateau superior*. Entre os animaes que lá se expõem para negocio predominam os jericos, as mulas e os carneiros. Queijos de leite de cabra, carne secca, pimentão e cachaça, são também objecto de trafico n'esta occasião.

A industria local mais interessante é o retrato perfeito da santa, em miniatura, pintado a mão, na madreperola das conchas d'um pequeno marisco lá do lago, e cujo tamanho muitas vezes não é mais do que meia pollegada.

Vinte milhas ao norte d'este lugar encontram-se as ilhas do sol e da lua, na bocca da bahia do Juli. Este lugar era a Meca dos adorados do sol; os ritos mais secretos e mais esquisitos tiveram lugar alli. E' também uma occasião de apreciar varios monumentos e edificações em ruinas, cuja origem muitas vezes vai muito além do periodo inca.

Na ilha do sol, n'uma superficie de perto de quinze milhas, existiu o palacio dos imperadores incas, cujas ruinas em apparencia demonstram que era um labyrintho de pequenos compartimentos com pateos interiores. O edificio pôde também ter sido um mosteiro onde os padres incumbidos dos officios religiosos, teriam seus aposentos.

Ha também idolos muito curiosos.

A ilha da lua é pequenita; duas milhas, e tanto, de comprimento; lá está o mosteiro das virgens do sol; o edificio é um dos mais curiosos typos de construcção onde se vive em communidade.

Nas praias destas ilhas como na Copacabana, ha esplendidos lugares para tomar banho, porque teem uma temperatura agradável e o fundo é de areia finissima. No resto do lago porém, não ha mais d'isto; é profundo e é frigidissimo; tomar banho assim, não só não dá prazer como é até inconveniente.

Titicaca é sob todos os aspectos um oceano em miniatura: tem suas ilhas, bahias, golphos, peninsulas e estreitos. Tem até um peixe proprio d'elle e que se chama *boga*; ha também o *suches*. A *boga* é de primeira ordem para comer e o outro, posto que inferior, é comtudo bem bom. Tem também algumas bellezas naturaes que podem rivalisar com as de qualquer outra região. Por muitas horas se em viagem no expresso ou durante todo o dia se em excursão, nós temos á vista a cadeia principal da cordinheira andina; e nos dias de sol, o ar é tão diaphano que se tem a illusão de que a cordinheira está suspensa sobre as aguas do lago, posto que ella esteja a mais de trinta milhas de distancia. E' então que esta vista tem toda a sua imponencia: uma excepcional grandesa. A serrania tem seus cumes separados entre si por valles e barrancos de desmarcado tamanho; e, na ponta de cada um, o barrete de branca neve luzindo á luz do sol com as proporções de um brilhante phantastico. A altura de muitos d'elles é de mais de seis mil metros.



Ha ainda uma outra face pinturesca d'esta pacifica região. O lago nem sempre é calmo e o sol nem sempre brilha. E só marinheiros de muita experiencia pôdem enfrentar os perigos que as tempestades do lago causam. O vento soprando das velhas geleiras que o cercam, é excessivamente frio e violento; as suas aguas, de ordinario calmas, são immediatamente lanhadas por vagas violentas e profundas. E' medonho.

Passageiros que teem cruzado todos os oceanos da terra, só n'aquelle minusculo mar andino foram travar relações com o que nós chamamos *enjão*, (*mal de mer*) tal a violencia dos baloiços que com as suas tempestades os barcos de carreira dão lá. Depois dos barcos de carreira da companhia, só *balsas* são empregadas no trafico do lago. Os indigenas não possuem outro vehiculo de transporte maritimo nem nunca o possuiram; o que hoje usam é ainda o mesmo apparatus de junco que os incas talvez tenham inventado e sempre usaram depois de milhares de annos.

Os baixios do lago, entre o sudeste, produzem em grande quantidade o junco de que as *balsas* são construidas; elle é comprido e forte: então os indios ceifam-no e amarram-no em gavelas; depois, apertadas umas contra as outras e dispostas convenientemente, formam um barco de qualquer tamanho entre o bote para duas ou tres pessoas até á falua que conduz grande quantidade de carga.

Um pequeno mastro é a unica coisa que o lago não produz para fabricar os estranhos bateis indigenas, porque a vella que n'elle içam é sempre tambem tecida com os juncos mais delicados.

Diz-se que no fundo do lago thesouros valiosos ha; mas os caçadores de fortunas jamais tentarão reaver tão problematicos valores. No interior do paiz ha as mesmas crenças tambem; em toda parte fama corre de que aqui ou alli ha thesouros enterrados. Para estas versões egualarem as lendas do occidente europeu, só lhes falta juntar que, para um christão d'elles se apoderar ha que de antemão desencantar a moira linda que lá os está a guardar.

Guayaqui é o porto, boliviano já, onde se desembarca do lago com rumo a La Paz; principia aqui uma estrada cuja bitola foi reduzida a um metro. Os technicos bolivianos assim o entenderam devido ás difficuldades de construcção.

E' comtudo possivel que razões de ordem militar ou patriotica pesassem mais do que a explicação dada.

Em caso de guerra, ha sempre um grave problema de viação a resolver, se o paiz victorioso invade o seu antagonista mas não tem material rodante com a bitola do paiz invadido. (2)

A linha atravessa Tiaguanaco, a primeira capital inca, que então era um porto do lago e agora está a algumas milhas no interior, n'um canto de um valle, na subida, e que está cheia de ruinas de templos, fortalezas, e pedras laboradas e idolos, tudo isto produzido pelas raças que antecederam o predominio do imperio inca. No kilometro sessenta e oito as linhas de Arica-Antofogasta e Mollendo entroncam; e d'aqui, as duas ultimas correm parallelas até La Paz, sendo os primeiros vinte kilometros a contar de Viacha, nome do lugar onde entroncam, sempre a subir; finalmente, o trem guinda-se ao alto de La Paz, uma estação de onde se avista um panorama desolador. Os campos estão cheios de pedras, os montes, aqui e alli; uma ou outra ovelha; uma ou outra lama: mais nada.

E então vem-nos á mente perguntar onde diabo é que se escondem a capital da Bolivia e os seus cento e vinte mil habitantes. Pergunta-se ao guarda-trem e elle então recommenda-nos que se marche a pé alguns passos alem do lugar onde a locomotiva parou: o resultado d'esta informação é certamente extraordinario. Avança-se então e se comprehende a razão do nome da estação, porque o alto planalto onde a locomotiva nos deixou



é abruptamente, inesperadamente cortado e fórma um precipício tremendo. Lá em baixo, a mil e quinhentos pés de profundidade jaz a cidade de La Paz, a moderna, pois que a capital não é bem alli.

O ponto onde estamos vale bem a pena de ser observado com alguma attenção. Ao norte e ao noroeste está a continuação dos altos cumes nevados, aqui já referidos ao fallar do grande lago. A' esquerda está o Illimani com dois picos de 6.405 metros de altitude, do lado do oriente; depois, ao occidente, Mururuta, a rocha formidavel que se distingue dos outros cumes devido ao achatamento do seu cume e cuja altura é de 5.400 metros.

Huaya Potosi com 3.970 metros; e ao noroeste Illampu, o pico formidavel onde ninguém subiu ainda.

A linha de neve resiste ao calor do sol depois de dezeseite mil pés, de modo que, tudo o que fica acima d'essa altitude soffre a acção severa dos gelos de todo o sempre; ás vezes os tópos das montanhas ficam a mais de cinco mil pés ainda.

Ha um lote de pequenos oiteiros encadeados em forma descendente; por ahi descemos até á planicie, e, n'um dos cantos, offerece-se-nos a cidade; são seis milhas de tracção electrica. Os dois rios que a banham e que a agua das altas geleiras produz, fórmam na sua junção, o rio La Paz: elle é um dos affluentes do rio Beni que se lança no Madeira, o famoso tributario do Amazonas.

Aquelle precipício de onde nós descobrimos La Paz, é a linha que a fronteira do imperio hydrographico do rio Amazonas fórma; ha que tomar isto em consideração, porque na nossa frente ha rios em direcção ao oriente e ao norte; e, atraz, está a linha das aguas subditas do lago Titicaca e do rio *Desaguadero*, cuja direcção é ao occidente e ao sul.

Descemos, e á maneira que o fazemos, a vegetação cambia desde as hervagens mirradas do planalto até ás hortas de cereaes, pomares e hortalças. Uma carreira de poucos minutos e o trem deixa-nos em La Paz, ponto terminal da estrada, e o rio que envia suas aguas ao Amazonas, é cruzado no mesmo instante.

Principia aqui a bacia do Amazonas.

*Traduzido do River Plate Observer por*

A. D. de MIRANDEIRA.

(1) Nota do traductor.

Acabo de ler no jornal carioca *A União*, de 6 de Março, uma noticia que, a ser verdadeira, viria confirmar a lenda de que a América teve relações muito intimas com a civilização egypcia do mundo pre-historico. Ella é partilhada por muitos intellectuaes da America Central, mas parece que sómente na parte referente ás regiões conhecidas como parte do antigo imperio inca.

A noticia é a seguinte: o engenheiro francês Hilario Rota, alto funcionario das minas de Roberto Dias, na Bahia, conseguiu decifrar hieroglyphos existentes no Brasil e até agora não interpretados; por elles se verifica, segundo a opinião do dito engenheiro, que os egypcios vieram ao Brasil ha uns cinco mil annos.

Ao padre Colbachini que em Mato Grosso escreveu muito e bem, sobre os indios *bóróros*, tambem lhe pareceu ver grande semelhança entre as crenças d'esses indigenas matogrossenses e a dos antigos carthagineses.

Ora ha ainda, admittindo a veracidade da declaração referida, um problema a expôr: como travariam taes relações? por via maritima ou terrestre?

Se não foi por via maritima, então o diluvio foi ha muito menos tempo do que os geologos suppõem: se foi por esta via, á historia da navegação transatlantica falta-lhe o primeiro capitulo e o mais interessante por certo.

(2) Nota do traductor.





## ESTUDINHOS DE PORTUGUÊS

---

Neste adorável país, em que viceja o café, a pita, a bajulação, o analfabetismo e o *deficit*, pintam-se os nomes próprios ao bel-prazer de cada um, pondo-se á margem todas e quaisquer regras e princípios onomatológicos ou antroponímicos.

O vocabulo *Santiago* é escrito, arbitrariamente, de fórmulas diversas e interessantes: *S. Thiago*, *Sant' Iago*, *Sanct' Iago*, *San Thiago*, *Sant' Yago*, *Sancthiago*, *Sanct Lago*, *Santhiago*, etc.

O santo, em hebreu, chamava-se *Iacob*, que o baixo latim fez *Iacobus*, *Iacobum*, e nas linguas romanicas tomou a fórmula *Iago*.

Ora, tendo *Iacobum* se tornado santo, chamou-se-lhe naturalmente *Sanctum Iacobum* em latim; e como já sabemos que a moderna fórmula de *Iacobum* é *Iago*, chama-se o apóstolo de Deus — *Santo Iago*.

*Santiago* é palavra composta de *Sant*, apocope de *Santo*, e de *Iago*, sincope, contração e suavização de *Iacobo* (Lat. *Sanctum Iacobum*).

E' o que nos ensinam os emeritos filólogos Candidos de Figueiredo e Mario Barreto.

Os escritores de meia tijela, os iletrados de boa fé e os escrevedores de todos os tempos fizeram então *San Tiago*, intrometendo-lhe alguns o disparato e absurdo *h*, trapezio cabuloso, que fascina o Jeca Tatú ao pintar, difficilmente, o seu nome.

Não ha, pois, *Tiago*, nem *Thiago*, que são grandissimas tolices; o que ha em português é — *Iago*.

E si *Santiago* vem de *Sant Iago*, claro é que não admite a intromissão do *h*, sem ofensa para os manes de amigos, que idolatram a trapezoidal notação.

Cfr.: Julio Moreira, *Estudos da Lingua Portuguesa*, tomo II, pags. 123 e 131; C. de Figueiredo, *Lições Práticas da Lingua Portuguesa*, tom. I, p. 188, e tom. III, ps. 77 e 261; o mesmo *O que se não deve dizer*, vol. I, ps. 24 e 110; Mario Barreto, *Novissimos Estudos da Lingua Portuguesa*, p. 301; J. Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, p. 269; José Joaquim Nunes, *Grammatica Historica Portuguesa*, p. 104.

Exemplos:



“... fazendo-se sucessor de tantos e tão formosos arcebispos ,e emfim, do grande filho do trovão, *Sanct'Iago* (Frei Luis de Sousa, *Vida do Arcebispo*, tom. I, liv. I, cap. 22.º)

“Mostrava um cristão em Ceuta certo painel de *Santiago* a um mouro...” (D. Francisco Manuel de Melo, *Apologos Dialogais*, 1721).

“... que segia partido pelas manus do arcebispo de Bragá, e do arcebispo de *Santiago*, e do arcebispo do Portu, e de Lixbona...” (D. Afonso II, Testamento, publicado na *Revista Lusitana*, VIII, p. 82 a 84).

“Ruy Fernandes de Santiago”. (Carolina Micaelis de Vasconcelos, *As cem melhores poesias da lingua portuguesa*, p. 4).

“... e postos os seus em concerto, mandou tocar as trombetas, e gritando por *Sanct Iago*, deram nos mouros desarmados...” (Frei Bernardo de Brito, *Cronica de Cister*, parte I, liv. VI, cap. 1.º)

“Eram Cristo e *Sanct Iago* e outros batalhadores invulneraveis quem venciam as lides homericas...” (Camilo Castelo Branco, *Narcoticos*, tom. I, p. 11).

Sabemos que inumeros jornalistas de quotiliquê, inclusivamente muita gente boa, pintam, indiferentemente: *S. Thiago*, *Santhiago*, *Sanct'Yago*, *Sanct'Iago*, *S. Thiago*, *Sant'Yago*, etc.; entanto, basta o conhecimento de dois dedos de onomatologia para se perceber tão flagrante erro antroponimico.

Neste caso, a Constituição nos dá inteira liberdade; podemos pintar os nomes proprios ao nosso bel-prazer e por isso não nos teremos de ayir com a policia.

Conhecemos um velho eleitor que assina — *Thiahagho*; e o seu voto nunca deixou de ser apurado!...

Belo Horizonte.

JOSE' PATRICIO DE ASSIS







## DESARRAIGADA

---

### I

Acabo de romper o ultimo laço de affecto que me prendia a minha familia. Não tenho mais ninguém: recolhida por caridade, apesar do meu scepticismo sou obrigada a reconhecer que no mundo ainda medram almas generosas, compassivas, que seguem a maxima divina: Amar ao proximo como a si mesmo.

Eu que vivia sempre no meio do egoismo e que tambem sou egoista, não posso deixar de admirar os que ainda neste seculo sabem ser bons.

Bem quizera enterrar o passado no esquecimento. Não posso. Elle é uma força viva que se manifesta a cada momento na minha lembrança. Tanto mais o quero esquecer, mais me apparece elle presente.

Fecho os olhos e vejo o suave e triste perfil de minha mãe. Uma creatura toda bondade e resignação, martyr do indifferentismo do marido, do ciume da sogra e do pouco caso da filha mais velha, que é o idolo de vovó.

Lydia vive no egoismo perfeito, que a adoração da minha avó ainda aperfeiçoou. Nunca teve uma palavra carinhosa para aquella que lhe deu ser. Bem sabia que um bom movimento seu seria o sufficiente para que melhorasse a sorte de mamãe; nunca o fez nem o faria por cousa alguma no mundo.

Eu fui o seu consolo, a sua unica amiga na casa do marido e, por isso mesmo, mal vista por vovó e despresada por minha irmã.

Papae é uma creatura estragada pelo excesso de minicis. Ai de quem o contrarie nas suas phantasias extravagantes, pretenciosas e tolas!



Intelligencia mais que mediocre, considera-se, entretanto, um ser superior, e olha o resto da humanidade de cima dos seus tações. Mesmo minha avó tem que se sujeitar a uma servilidade vergonhosa para sua idade e humilhante para o seu character. Mas ella mesma o educou e o plasmou segundo o seu alto criterio, e ao que parece vive satisfeita a contemplar a sua obra.

Mamãe, coitada! felizmente para ella que deixou este inferno: falleceu ao dar á luz um irmãozinho.

Morreram ambos e lá se foram no mesmo caixão, ella com os olhos muito abertos, um rictus de dor nos labios, a abraçar o filho...

Eu tinha dez annos, mais ou menos, e senti instinctivamente que tinha perdido tudo. Com papae não podia contar, e para os outros, eu era uma creatura sem educação, de máus instinctos, orgulhosa, má, vaidosa e tola, dessas a que é preciso domar como a um animal bravio.

— O retrato da mãe! — dizia minha avó, como se com isso me insultasse e dissesse tudo o que havia de ruim contra mim.

Adorei mamãe, e tenho orgulho em parecer-me com ella. Que importa que fosse feia, si para mim seus traços irregulares tinham uma belleza quasi divina? Só não tenho a sua mansidão; revolto-me contra toda injustiça com todas as forças do meu ser.

Depois que mamãe morreu, sahi da escola e fui para a cópa; passei aos poucos para o ról das creadas. Papae nunca reparou, na sua auto-adoração, qual a minha posição na casa; e eu, que o odiava pelo muito que fez mamãe soffrer e por esse indifferentismo para commigo, não me queixava.

O orgulho cerrava-me os labios. Não era mais que a creada particular de vovó e Lydia; vestia-lhes os restos e calçava-lhes os sapatos velhos, que me dançavam nos pés, enormes e incommodos.

Vovó é de uma organização especial. Não pode amar uma pessoa, sem que esse sentimento não a leve a desprezar, a detestar outra. Adorava papae, odiava mamãe; concentrou em Lydia todo seu carinho e ternura de avó, e consequentemente baniu-me do seu affecto. Em mim só via o ser antipathico, que poderia fazer alguma sombra ao seu idolo...

Eis a explicação do seu procedimento para commigo.

## II

Afinal, depois de um anno, meu pae resolveu casar-se. Esquecera depressa a creatura triste e passiva, que não fôra, na sua vida de homem bonito e adulado, mais do que um episodio sem importancia.



Eu fui a única que recebeu com indifferentismo essa noticia. A palavra madrasta não me feria o ouvido mais do que a palavra irmã ou avó, e não julgava que ella pudesse ser peor do que as outras. Lydia revoltou-se, e Vovó tambem se mostrou muito contrariada; mas de nada valeu isso, porque elle era teimoso e casou-se.

Minha avó reformou para mim um vestido de Lydia e eu lá fui tambem assistir ao casamento.

Numa sala toda enfeites vi sentada, envolta em branca nuvem de escumilha, uma moça alta, elegante, de expressão severa mas de grande doçura nos olhos.

Levantou-se, amavel, e veio ao nosso encontro. Comprimentou vovó e Lydia e depois beijou-me tão carinhosamente que eu, que desde a morte da mamãe nunca mais recebera um agrado, fiquei como que pateta e desatei a chorar.

— Que tens? perguntou-me ella, assustada.

— Nada, é que a senhora é tão boa... respondi, estupidamente.

Lydia deu uma pequena risada ironica e Vovó empallideceu, mordendo os labios. Minha madrasta fitou os olhos em mim, demoradamente. Quanto é differente de mamãe! Minha mãe era pequenina, ligeira, magra, activa e devia ter sido muito alegre na sua mocidade. Lembro-me que, ás vezes, quando estavamos sozinhas, tinha accessos de riso que a transfiguravam. Um dia até lhe perguntei:

— Porque você não ri sempre? Fica tão bonita... E ficava realmente.

Mas como poderia rir quem vivia tão cruelmente ferida no coração?

A segunda mulher de meu pae era alta, magestosa, muito loura, bonita e instruida; viajara bastante. Tinha a conversação alegre e variada e além desses predicados era de excellente familia e possuia grande fortuna. Casara-se, porém, com separação de bens.

Como soube mais tarde, seus parentes oppuzeram-se a esse casamento com papae, cuja fama de marido não era boa. Ella rompeu com elles e casou-se; mas, precavida, quiz conservar-se até certo ponto independente.

Estava perfeitamente informada a respeito da nossa vida intima.

No dia seguinte ao casamento já manifestou o seu espirito de justiça, sua habilidade em agir.

A' hora do café, eu, segundo o costume, servia a mesa. Os noivos conversavam amavelmente, entretidos nessa deliciosa conversa



de enamorados; minha avó e Lydia simulavam o ar mais aborrecido do mundo.

De repente minha madrastra, erguendo os olhos, deu commigo com a bandeja na mão a servir minha irmã.

— Que é isso, Lourdes? Porque não senta?

— Porque é ella quem serve á mesa, respondeu vovó. Você, Helena, não se preocupe com essa menina, que é a peor bisca que se pode imaginar. Nem calcula o trabalho que me dá! Má, vadia, mentirosa, não sei que defeito lhe falta... Então eu, para corrigil-a, faço-a trabalhar; de resto, é preciso que aprenda, não tem mãe, não tem dinheiro, sabe-me lá o que lhe acontecerá...

— E Lydia, que faz?

— Lydia não faz nada; é uma menina educada por mim (e dizendo isto ella parecia ter dito tudo), boa, meiga, carinhosa — então ha de servir como creada?

Minha avó, mal acabara de falar, já se arrependera e bem quizera recolher a phrase imprudente, mas era tarde: meu pae tinha-a ouvido.

— Como, mamãe? Então Lourdes é creada? Que motivo ha para essas distincções? Se Lourdes precisa aprender, Lydia não o precisa menos, porque ao que parece não foi uma só que perdeu a mãe e, além disso, Lydia é a mais velha. Lourdes, gritou elle, tua irmã va te servir o café.

— Eu não sirvo nada! respondeu minha irmã, furiosa, levantando-se da mesa e sahindo a bater as portas.

— Affonso, como é que você exige de sua filha tamanha humilhação? Então Lydia foi creada para isso?

— Não defenda Lydia, que é uma malcreada, mamãe. E' incrível que a senhora ache que o que é humilhação para uma seja natural para outra!

— Mas, então, você quer comparal-as? Uma eu eduquei, é uma menina perfeita; a outra...

— Pois seja por isso ou por aquillo, de uma vez para sempre fica assentado que o que Lourdes faz, Lydia tambem pode fazer; injustiças em casa não admitto mais.

Eu estava boquiaberta. Que é que fizera pape enxergar? Vovó, furiosa, foi para o quarto consolar a sua querida.

Minha madrastra, como si fosse inteiramente alheia á questão, puxou-me para perto de si e serviu-me, conversando com papae de tal forma que em breve elle esqueceu a scena.

Dahi em deante a minha vida se transformou completamente.

Não que tudo fosse um mar de rosas. Vovó e Lydia, desde o dia da scena, passaram a me detestar. O que era antipathia trans-



formou-se em odio. O interessante é que ellas, que desculpavam a papae e á sua mulher, nunca me perdoaram isso.

Minha madrasta era boa e justa; affeioou-se-me e, conhecedora desse odio, procurou sempre defender-me. Quiz que a tratássemos de mãesinha, Lydia e eu. Minha irmã não concordou, manteve-se sempre á distancia; eu, porém, tinha prazer em dar-lhe esse nome suave, que me consolava da orphandade. Depois, ella o merecia, porque nunca foi madrasta. Fez-me estudar, dedicando-se inteiramente a isso, como si eu fôra sua filha. E eu estudei com immenso prazer.

### III

Não quero deixar de falar da escola, onde, posso dizer, passou-se a elhor parte da minha vida. Lembro-me com ternura e gratidão da minha primeira professora.

Era uma moça corcunda e feia. Todos dizem que os corcundas são irritadiços; ella não; foi a creatura mais doce e meiga que conheci.

Nunca lhe vi alterada a voz suave e musical, cujas notas graves ainda me resoam nos ouvidos.

Nessa epocha moravamos numa cidadezinha do interior; a escola era particular e não eramos mais que oito ou dez alumnas. Estudavamos numa sala grande, sem assoalho e telha-vã. As paredes desiguaes, barrigudas, muito alvas, faziam realçar o quadro negro. A luz vinha-nos pelas janellas largas, com grades de ferro, como nas prisões. Em um canto estava um pote pequenino, que nos parecia muito bonito, acostumadas como estavamos com as enormes talhas bojudas das nossas casas; e junto d'elle, presa por uma correntinha, uma caneca de prata, a maior maravilha do seculo para o nosso gosto. Quanta sede improvisavamos a cada momento, para poder beber por aquella canequinha tão catita!

Oh, a lenga-lenga sem fim da taboada que cantavamos em côro tirando os nove fóra, a balançar as pernas... Da casa pegada vinham-nos os sons das escalas menores, tocadas por mãos principiantes, que tropeçavam a cada momento... Um sol muito quente amarellecia as folhas das arvores... Eu distrahia-me sempre, e ficava esquecida de tudo, a seguir pelas frestas da janella, alto no céu, o vôo evolvente dos corvos; ou, então, o trabalho paciente de alguma aranha tecedeira nos cantos da sala.

Não me lembro dessa infancia sem que do fundo da alma não dirija um pensamento de saudade áquella professora.

... ..

Preparatorios... os exames! Que dias de afflicção sem nome! O medo de ser reprovada, o orgulho de não querer dar razão



a vovó que achava que era tempo e dinheiro perdido o fazerem-me estudar... Como trabalhei!

Depois, a alegria, a calma que me veio de me saber senhora dos pontos que me cahiram.

Como a mãezinha me ajudou...

Vejo os lentes todos... o de francez, magro, rabujento, de pessima pronuncia; o de mathematica, severo, cabeçudo, dando a impressão de não poder aguentar o peso enorme da cabeça. O de geographia, monotono; suas aulas, sem encanto, pareciam decoradas. O de musica, pedante, fazia a *toilette* cada vez que tinha de entrar na classe, e dava-se ares de pantomimeiro quando regia os côros... Quantas vezes tive que suffocar impetos de riso, ao ver os seus trejeitos ridiculos! O de portuguez pontificava sempre, muito fanhoso: "a grammatica é uma sciencia exacta como a mathematica; suas regras são infalliveis... Não tem que errar". E... lá vinham os casos...

Entre todos o que eu mais apreciava era o professor de Historia Natural, serio, tristonho e feio; ninguem jámais queixou-se de que fosse injusto.

Severo com delicadeza, e dono de um olhar que perturbava.

Sua saulas encantavam, tinham o dom de despertar o interesse. Nunca imaginei, que esse lente viesse a ter a influencia que teve na minha vida.

Meu orgulho afastava-me de quasi toda a gente, vivi sempre retrahida, nunca conversei com um lente fóra da aula, e na classe só fallava o que era preciso. Questão de temperamento, ou, talvez, de criação; desde a morte de Mamãe que me habituei a occultar meus sentimentos.

#### IV

Já eu estava no quarto anno, quando papai, que sempre fora irritadiço e nervoso, mostrou-se atacado de tal neurasthenia que os medicos temeram pela sua razão.

A vida d'elle era um contrariar-se e um brigar continuos com a mãe ou com a mulher. Precisava estar mal. Fazia papeis mesquinhos, proprios de creança malcreada.

Quanto minha madrasta soffreu! O que lhe valeu foi ter muita coragem e firmeza de character, e ao mesmo tempo uma alta dose de benevolencia para com as fraquezas humanas.

Os medicos ordenaram, como remedio, viagens, distracções, e foi então decidida uma viagem á Europa.

Não era possivel que eu os acompanhasse. Minha madrasta



bem o quiz, mas era um absurdo deixar os estudos quasi na epocha da formatura e... tive que ficar.

Ella, coitada, fez o possivel para me deixar em um collegio ou pensão; mas papae oppoz-se de tal forma, e tinha tal cegueira a respeito de vovó e Lydia, que não foi possivel insistir.

No dia seguinte á partida tive que voltar aos meus deveres de creada de quarto, sem, entretanto, abandonar os estudos.

Como as mulheres são crueis quando odeiam!... Todos os sentimentos humanos desaparecem e fica um animal mesquinho, vil...

Vovó e Lydia exultavam: eu já não tinha perto de mim aquella mãezinha, um pouco fria, é verdade, mas justa e boa; e havia de pagar o ter sido preferida por tantos annos?

Prohibiram-me de escrever cartas e mesmo de responder ás que chegavam.

Meu dinheiro foi confiscado, bem como os poucos enfeites e joiazinhas baratas que possuia.

Era preciso, dizia minha avó, corrigir-me da minha vaidade estúpida e tola. Eu devia reconhecer que nada valia.

Então, o sentimento de odio, por tanto tempo adormecido em meu coração, brotou com mais força. Sentia que era capaz de fazel-as pagar, dente por dente, todo o mal que me fizeram. Meu orgulho cerrava-me os labios; nem uma lagrima, nem uma queixa, nada que parecesse que eu soffria. Meu unico consolo era estudar: estudava com afinco e desespero; lia tudo que me cahia nas mãos: romances, jornaes, revistas, pedaços avulsos de folhetins... essa leitura dava-me a impressão de entrar repentinamente em uma casa desconhecida e ouvir uma prosa sobre pessoas completamente estranhas. Tirar daquelle pedacinho de romance a conclusão, era um trabalho agradabilissimo para minha imaginativa. Vivi duas vidas: uma material, a trabalhar como um animal de carga, e outra toda intellectual, a pensar, a digerir os livros lidos, a desenvolver idéas. Fiz questão de não deixar que a minha individualidade desaparecesse.

## V

Chegou o ultimo dia de aula; depois de tanto esforço, era natural, fui approvada, o que se não deu com Lydia, que ficou presa por duas materias.

Exultei, tambem! Eu era a creada, a estúpida, a grosseira, pois com todos esses precalços estava formada!

Minha avó não tomou odio aos lentes por terem reprovado a Lydia, mas por terem approvado a mim; e esse odio se desenca-



deou sob fôrma de um chuveiro de insultos, os mais grosseiros, os piores do mundo.

Minha madraستا me recommendara muita paciencia, mas nesse dia o orgulho, o goso intenso de ter vencido, de poder dahi por diante cuidar de mim e o excesso de injustiças que ha cinco mezes eu aguentava calada fizeram-me perder a calma.

Ella teve que ouvir tudo que meu odio e meu desprezo dictou. Creio que tambem me excedi; mas quem pode accusar-me disso? Essa attitude irritou-a tanto que ella expulsou-me da casa, a mim, sua neta!

Peguei minha roupa e sahi, sem direcção, sem nada. Que devia fazer?

Para onde ir? Em ultimo caso, as aguas do Tieté me receberiam piedosas em seu seio...

## VI

Antes de continuar a minha narrativa, quero falar do meu physico.

E' natural que eu diga como sou... Olho ao espelho e vejo á minha frente uma moça de estatura mediana, cheia de corpo, sem ser gorda.

Tenho as feições irregulares de minha mãe. Meus olhos são bonitos e expressivos, mas até nisto a natureza foi cruel: Sou tão myope, que preciso usar oculos. Minha vaidade feminina soffreu muito com isso. Quando por acaso ia a alguma reunião com minha madraستا e Lydia, notava o effeito que minha irmã e eu causavamos no sexo forte. Lydia fazia sensação onde apparecia a sua belleza, chamava logo um enxame de adoradores.

Commigo, era differente; tratavam-me como camarada; não digo que isso me aborrecesse, mas, como já disse, minha vaidade feminina soffria, porque sou mulher, absolutamente com todos os defeitos e qualidades inherentes ao meu sexo. Hoje, os meus vinte e um annos já carregaram muitos sonhos. Ainda que ache vida ideal a do casal, já não penso no casamento para mim. Considerarei como minhas as creanças que ensinar e isso talvez me pague da minha forçada esterilidade.

Professora e educada como sou, não seria difficil um marido; mas não comprehendo o casamento sinão quando ha absoluta identificação de almas e um grande amor. E onde encontrar isso?

Para um casal ser feliz é preciso que entre ambos não haja a menor cacophonia. Não é verdade que a união de dois seres de caracteres oppostos traga a felicidade. Dizem que se completam. Não creio. Um, o mais fraco, será forçosamente absorvido pelo



mais forte, e naturalmente soffrerá com isso, sobretudo se é intelligente. Não é sem grandes luctas que abdicamos do nosso eu, que desistimos da parte mais elevada do nosso ser, que é o pensamento. Os antigos eram mais symbolicos que nós. Lembro-me do anel de casamento de mamãe; era uma velha alliança que fôra de minha avó materna. Dois delgadissimos aros de ouro, iguaes, enlaçavam-se de forma a se tornarem um só anel; mas tão bem unidos que não se separavam sem um pequeno esforço. Assim deve ser o casamento — uma união perfeita e absoluta.

## VII

Quando me vi expulsa pelos meus, sem amigos, sem parentes, sem dinheiro, fiquei de tal forma tomada pela colera que soffri uma meia paralyisia cerebral; fiquei sem poder pensar absolutamente. Tinha porém uma idéa fixa — o Tieté.

Entretanto, sempre tive horror ao suicidio. O suicida é um covarde, é um soldado que abandona o campo de batalha no momento em que é mais preciso o seu esforço. Além disso, amo a vida. A idéa da morte perturba-me; a destruição do corpo pelos vermes parecer-me-ia uma iniquidade se eu não acreditasse na sobrevivencia da alma. Não comprehendo a volta ao nada dos materialistas, assim como não comprehendo o infinito e a eternidade. A minha imaginação rasteira não vai além da metamorphose.

Creio que minha alma, numa peregrinação por diversos corpos differentes, caminha para o progresso. Até quando? Não sei nem procuro sabel-o.

Andei o dia todo; não tentei arranjar um emprego, nada. Lembro-me que me sentei a um banco do jardim da Luz para coordenar as idéas. Anoitecia, quando um homem sentou-se perto de mim e fez-me uma proposta obscena.

Levantei-me indignada e sahi. Foi então que bem comprehendí a minha posição. Sozinha, abandonada, sem recursos, sem amigos a quem procurar... A fome torturava-me o estomago, e eu caminhava sempre.

De repente, á minha frente, vi o meu professor de Historia Natural, e tive a intuição de que elle me acreditaria e me daria a mão...

— D. Maria de Lourdes, que está fazendo? perguntou-me, assustado, ao ver a minha estranha figura, de uniforme escolar, chapéu e uma trouxa de roupa de baixo do braço.

Minha miseria nesse momento pareceu-me tão grande que desatei num pranto desesperado, tão sem consolo, que elle, assustado, chamou um automovel e fez-me entrar, dizendo:



— Para onde quer que a leve?

— Não sei, professor... já não tenho casa, não tenho ninguém! Papae não está aqui. Vovó mandou-me embora, não tenho amigos, para onde hei de ir?

— Não tem algum parente?

— Não, não tenho ninguém...

— E amigas? não conhece alguma que lhe possa servir?

Abanei a cabeça negativamente e continuei com desespero a chorar.

— Vamos, acalme-se. Vou leval-a á minha casa. Mamãe móra connigo. Não se desespere. Havemos de arranjar tudo. Não chore que isso lhe póde fazer mal.

Deu o endereço ao *chauffeur*, e dez minutos depois entravamos em uma casa modesta, onde fomos recebidos por uma velhinha muito esperta e alegre.

— Que é isso? você de automovel...

— Não é nada, mamãe. Aqui está minha alumna Maria de Lourdes, que tirou hoje o diploma. Ella está muito nervosa e precisa de uma mãezinha carinhosa, que a aconselhe e guie, num transe doloroso. E' uma moça séria, distincta, e foi optima alumna. Peço-lhe que a considere como filha. E... vamos jantar?

Eu, apesar da fome, quasi não poudo comer; as lagrimas vinham-me aos olhos constantemente. Chorava a minha orphandade, todas as humilhações curtidas, as saudades da minha madrasta, o meu abandono alli num lar estranho, toda a tristeza, enfim, que accumulei em vinte e um annos de existencia.

O professor, em voz baixa, fizera a mãe sciente do acontecido.

Depois do jantar, dona Gertrudes levou-me para o seu quarto. Duas caminhas iguaes, muito brancas, estavam preparadas.

— Você vae dormir na cama que foi de minha filha; ella casou-se e foi para longe; mas eu não tive coragem para tirar o seu leito dalli; tenho ás vezes aimpressão de que a sinto respirar, e isso me consola e alegra os sonhos. Pense que não está em casa estranha, que eu sou a sua mãe, e a considerarei tambem como uma filhinha que Deus mandou para alegrar a minha velhice. Não desespere; nas peiores situações da vida, Deus dá o arranjo preciso para o nosso bem moral, e os factos se succedem com tanta naturalidade, que mais tarde, ao recordal-os, nos rimos do nosso desespero. As más acções só ficam feias para quem as pratica; si a sua consciencia está tranquillada, basta. Saiba ser resignada e tenha confiança n'Aquelle que é o pae de todos e não desampara os seus filhos.



## VIII

Não dormi toda a noite. A cabeça doía-me; mas assim mesmo levantei-me cedo. Meu professor tinha já sahido e dona Gertrudes, com a velha creada, a Felisbina, cuidava dos arranjos da casa. Quiz auxiliá-las, mas não me deixaram; realmente eu não podia: tomei uma aspirina e lembrei-me de escrever estas memorias.

Dizem que as mulheres gostam de escrever. Não sei se isto é ou não verdade. Sei, porém, que eu gosto. Toda vez que soffro escrevo como desabafo. O papel, o meu amigo fiel de sempre, jámais me atraçoou, e, quando mais tarde me aborreço do que escrevi, ou mudo de idéas, elle sujeita-se sem reclamação ao auto-da-fé e deixa-se queimar.

Oscar Wilde disse que o escriptor deve escrever para si e não para a multidão. O publico que chegue até elle, mas o escriptor não deve de fórma alguma descer até ao vulgo, si não quer perder a melhor parte do seu eu.

Não sou escriptora nem tenho pretensões a isso; mas tambem penso assim. Escrevo estas memorias para mim e por isso sou sincera; mas si tivesse de publicá-las procederia da mesma fórma, porque tenho que as maiores virtudes são a sinceridade e a coragem.

## IX

Ha dois mezes que comecei a escrever, cheia de dor. Estive muito doente, uma febre cerebral quasi me fez perder a razão, tanta coisa aconteceu...

No dia seguinte ao em que adoeci, dona Gertrudes foi fallar com vovó para ver se conciliava as cousas e ao mesmo tempo, para lhe contar do meu estado, que era gravissimo.

Vovó recebeu-a grosseiramente, chegando mesmo a dizer-lhe que a minha ida para a casa do professor, melhormente ainda, attestava a minha pessima conducta. Emfim, fez-lhe comprehender que si eu tirara o diploma fora unicamente, por ter sido amante dos lentes...

D. Gertrudes, indignada, respondeu que pensamentos tão baixos, só os tinha quem era capaz de proceder assim, e sahiu furiosa a boa velhinha.

Os vizinhos, que tudo sabiam, tambem despejaram o sacco das confidencias; e o resultado foi que ficou decidido que, enquanto não me collocar, daqui não sahirei.

Já fiz o requerimento e estou á espera.



Como ando contente! Parece que tirei de cima de mim um peso enorme! E que só agora respiro! Não vejo os olhos malevolos de vovó e de Lydia, não ouço os seus sarcasmos, quasi me esqueço de que ellas ainda existem. Descobri uma Lourdes que eu não conhecia ainda, alegre, brincalhona, bem disposta. Em toda essa alegria só uma nuvem me offusca a alma.

No dia seguinte á minha sahida da casa de papae, escrevi a minha madраста. Transcrevo a carta e a resposta que me veio. Vão sem commentario. Commentar para quê?

“Mamãe:

A senhora não sabe o que são cinco mezes de soffrimento sem fim, sem nem ao menos ter o consolo de poder escrever-lhe ou de receber suas cartas! O que vovó e Lydia me fizeram soffrer! Creio que apezar da senhora já as conhecer bastante não pode calcular o grau de crueldade dessas creaturas. Meu unico consolo era estudar. Estudei como louca, como desesperada, ao contrario de Lydia que, como a senhora sabe, vadiou sempre, confiada exclusivamente na sua sorte e intelligencia.

Ella de fórma alguma podia ser approvada; e vovó entendeu que eu consegui successo por ser *amante dos lentes!* E' tão vil, tão baixo tal pensamento, que me faria rir si não viesse da mãe de meu pae. Mas revoltou-me e respondi dureza com dureza.

Desde a morte de mamãe que calco tantos soffrimentos, tantas injustiças, tantas humilhações no coração, que era natural que algum dia explodisse.

Fiz mal? Não sei, porque não me arrependo. Então vovó, friamente, como si eu fôra uma creada qualquer, poz-me fóra de casa. Deus protegeu-me e quando eu já estava decidida a atirar-me ao Tieté, vi á minha frente meu professor de Historia. Que instincto ensinou-me que nelle eu acharia caridade? Trouxe-me para a casa de sua mãe, onde estou. Espero que approve o que fiz. A senhora sabe que é a senhora a unica pessoa que estimo no mundo e creio que não duvidará de mim, assim como eu não duvido da sua amizade.

Vou requerer uma cadeira. Escreva-me logo, mãezinha querida, e abençõe sua filha

*Lourdes.”*

“Lourdes:

Quando recebi sua carta, sua avó já nos tinha escripto. Não posso crer que uma menina de criterio e séria, abandone sua casa e vá viver com um homem só! Entretanto, você fez isso!



Quando recebi a carta de sua avó não quiz crer, mas você com tanto cynismo relata o grande feito, que não posso mais duvidar. Pois saiba que seu pae acaba de perder a razão por sua causa. Isso não pode fazel-a mudar de trilho, talvez; mas a fará pensar que, quem tem familia, deve a si e a ella muito mais que você imagina.

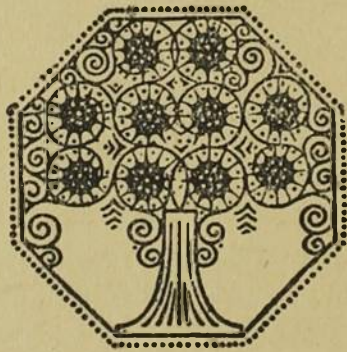
Seja feliz, si é que o pode ser, e Deus a faça arrepender-se de seus erros.

Sua madraستا

*Helena."*

Pode-se ralhar com um cego porque não enxerga? Minha madraستا cégou. Não tenho remorsos da loucura de papae; quem os deve ter é vovó, ella sim, que com suas mentiras provocou esse desenlace.

*(Continúa.)*







## CARTAS DO ALMIRANTE NOGUEIRA

---

N. 9

*Tigre, 25 de Novembro de 1865.*

Meu Maneco.

O lugar onde me acho dista sete leguas de Buenos Aires. Aqui estamos concertando o navio. E' um bello sitio; um rio estreito, margens cercadas de grandes chorões que fazem muita sombra, e o navio atracado a terra; a curta distancia existe uma pequena povoação aonde compramos pão, carne, etc., tudo do melhor; os operarios que trabalham a bordo são do nosso Arsenal do Rio. Tem havido alguma demora no concerto graças á má direcção em que anda tudo isto; comtudo, espero estar com o navio prompto até o dia quinze do mez que vem.

N. 10

*Tigre, 25 de Dezembro de 1865.*

Ainda aqui me acho em reparos. Tem havido alguma demora, porém o navio vac ficando bom; precisava de tudo quando tomei o commando, o que muito me desgostou; felizmente, já consegui alguma cousa; já concertei a machina, que estava muito estragada, metti mastro grande e gurupês novos, estando os outros inutilizados pelas balas; concertei a bordo e estibordo, onde tudo estava completamente escangalhado, e o navio agora vale mais do que antes. Quinta-feira só me restará pintar o casco, o que pretendo fazer com presteza e fico prompto para seguir para o Paraná.

Encontrei o navio em estado deploravel, escangalhado e extraordinariamente indisciplinado. Com muito trabalho, e muito desgosto tenho a custo conseguido melhorar uma e outra cousa; não desanimo, tenho fé em Deus



que hei de alcançar o meu fim, que é fazer da "Iguatemy" um navio de guerra. Já me desertaram onze homens, mas não importa, outros virão.

N. 11

*Buenos Aires, 9 de Janeiro de 1866.*

Hontem de tarde vim do Tigre, onde felizmente pude concertar e pintar o navio. A "Iguatemy", quando tomei o commando, era um navio que causava nojo e eu mesmo muitas vezes quiz pedir demissão do commando. Foi preciso levar em capricho a sua arrumação. Quanto sacrificio fiz, quanta energia e força de vontade tive de empregar!

Envelheci, estou cheio de cabellos brancos, porém consegui o que desejava. A "Iguatemy" de hoje é um navio invejado. Concertado, pintado e limpo, já se vae parecendo com navio de guerra. E' verdade que me desertaram onze homens, mas nada perdi, porque para nada prestavam. Trabalho muito, porém tenho o prazer de ver que o Almirante me tem em consideração e assim nunca desanimo. Tive ordem para sair amanhã para o Paraná, a reunir-me á esquadra; recebi hoje os mantimentos, e espero amanhã cedo receber o correio que me falta e concluir um pequeno arranjo na machina. Seguem commigo o encouraçado "Brazil" e mais dois vapores pequenos. Vae agora começar uma vida de perigos e tormentos, mas não me atemorizam, só peço continuamente a Deus coragem para bem cumprir o meu dever.

N. 12

*Porto de Corrientes, 7 de Fevereiro de 1866.*

Tendo saído de Buenos Aires no dia 14 do mez passado, aqui chegamos no dia 30 á noite, havendo demora na viagem por virmos com outro vapor.

Acham-se aqui fundeados o "Amazonas", o "Magé", o "Beberibe", "Mearim", "Ipyranga", "Ivahy", o "Itajahy", o "Araguary", o "Henrique Martins" e o "Chuy", os encouraçados "Brazil" e "Tamandaré", o patacho "Iguassú", mais um vapor transporte, um brigue que serve de deposito, um vaporzinho e dois pontões ou depositos. Ha muita vigilancia; dorme-se armado e das duas horas até clarear está-se a postos, esperando o inimigo. Apesar de tantos navios, só a Divina Providencia nos pode valer. A esquadra, que devia estar fundeada em linha, está agglomerada, de modo que no caso de uma surpresa a artilheria de uns será funesta aos outros, tudo porque o digno chefe Barroso descrê de tudo, apesar da lição que recebeu no 11 de Junho. O inimigo tem apparecido estes dias em um vapor lá pelos lados de cima e nenhum de nós se mexeu; no dia 30 do passado passaram pelo Passo da Patria os inimigos, e atacaram repentinamente os Argentinos, fazendo-lhes grande mortandade e fortificando-se do lado de cá. Hoje ouvimos quasi todo o dia o rumor da artilheria ao lado do Passo da Patria e de tarde soubemos ser do lado do acampamento Argentino. Ainda desta vez ninguem se mexeu.

Espera-se o Almirante, que ninguem sabe o que prende lá por Buenos Aires. Estão todos desgostosos com o Barroso e eu tambem, por ser elle muito grosseiro. Pertença á segunda divisão da esquadra, a da frente; sou o que está mais para fóra, e por conseguinte o mais exposto, se o inimigo cahir qualquer dia sobre nós; durmo com muito cuidado, e não obstante ter cento e sessenta e seis praças, só espero na protecção de minha madrinha sahir bem de qualquer conflicto.



P. S. — Como já deve saber, concederam-me um habito de Christo, talvez por ninguem mais querê-lo. Este habito não me honra, pois é ainda uma injustiça que me fazem; a mim deram este, e a dois outros commandantes que estiveram também na Uruguayana, deram o officialato da Rosa. Paciencia! O dia da justiça ou da vingança ha de chegar.

## N. 13

*Corrientes, 1.º de Março de 1866.*

Aqui chegou no dia 21 do passado o nosso Almirante, e apesar de ter tido, sabbado e domingo, conferencia no acampamento com o Mitre, Flores e Osorio, até hoje nenhum movimento houve na esquadra. Mente-se aqui com descaro. Hontem correu que nós subiríamos hoje para o Passo da Patria. Alguma cousa houve, porém ainda não nos mexemos. Corre também que subiremos amanhã. Nada se sabe. Dizem que aqui só ficam os navios grandes e nesse caso subirão os encouraçados "Brazil", "Bahia", "Barroso" e "Tamandaré" e mais dezesseis navios. Se não houver algum contratempo, por todo este mez ou principio do que vem, estamos lá pelo Humaytá ou Assumpção.

Tenho hoje a bordo cento e setenta e tres praças.

Continuamente rogo a Deus me dê coragem para na occasião cumprir o meu dever. Se lá ficar, é porque a minha hora terá chegado; porém tenho fé em minha madrinha que voltarei com vida para em dois mezes de licença contar a esses barrigas verdes dahi as façanhas que por aqui fizemos.

## N. 14

*Em frente ás Tres-Boccas, 22 de Março de 1866.*

Do lugar em que lhe escrevo verá que estamos em frente do inimigo.

Esta noite tivemos o nosso baptismo de fogo. No dia 17 ás 8 horas da manhã suspendemos de Corrientes e demos fundo ao meio dia, duas ou tres leguas abaixo deste lugar, onde desembarcou o Conselheiro Octaviano, seguindo para o exercito a conferenciar com os generaes em chefe. Os navios que tinham subido compunham duas divisões: a 1.ª commandada pelo capitão de mar e guerra José Maria Rodrigues, — encouraçados "Barroso" e "Brazil", e canhoneiras "Araguary", "Ivahy" e "Iguatemy" e a 3.ª commandada pelo capitão de mar e guerra Alvim, — encouraçado "Tamandaré" e vapores "Beberibe", "Ipyranga", "Parahyba" e "Mearim". A tarde chegaram o encouraçado "Bahia", os transportes "Apa" e "Princeza", o vapor "11 de Junho" e uma padaria a vapor, arranjada em um navio velho que nos acompanha. O "Apa" traz a insignia do Almirante.

Nesse mesmo dia appareceram tres vapores inimigos no lugar em que estamos hoje, porém ao escurecer se retiraram. No dia 18 chegaram de Corrientes os vapores "Araguary" e "Henrique Martins" e o patacho "Iguassú". No dia 20 tornaram a apparecer os vapores inimigos e um delles deu um tiro de peça contra alguns homens do nosso exercito que tinham apparecido á margem. Hontem ás 9 horas suspendemos e ás 11 horas deu fundo neste lugar a 2.ª divisão, agora composta do encouraçado "Barroso" e canhoneiras "Parahyba", "Iguatemy", "Araguary" e "Ivahy", indo o resto da esquadra fundear para o lado do Passo da Patria, pouco mais ou menos uma legua acima daqui. Hontem mandou o Almirante o encouraçado "Tamandaré" e os vapores "Henrique Martins" e "Araguary" sondar o rio para



os lados do Passo da Patria. Quando os vapores subiam foram alvo de tiros de uma bateria, nada soffrendo.

Contavamos esta noite ser incommodados pelo inimigo e já estavam admirados de não realizar-se o nosso presentimento, quando, pouco depois de uma hora e meia, rompeu sobre nós um fogo de artilharia de terra. Depois de uns vinte tiros, vendo que não respondíamos, a bateria calou-se. Estando este navio em terceiro lugar, ficou na direcção da bocca do rio Paraguay e talvez por isso a maior parte dos tiros foram dirigidos sobre nós, querendo a Divina Providencia que nenhum nos tocasse. Passaram umas balas por cima e caíram outras aquém. Pelo sibilar pareceu-me ser de artilharia variada. A nossa gente, logo aos primeiros tiros, pôz-se a postos e não se amedrontou; pelo contrario, já para o fim tomaram como divertimento o sibillar das balas que parece alguma cousa com o som de uma carrapeta. Isto durou uma hora, obrigando-nos a estar a postos até clarear o dia. Hoje continuaram na sondagem os vapores de hontem e mais o "Mearim" e todos ao passarem receberam tiros. A minha gente descança e dorme agora de dia para a noite estar alerta. Que bella vida!

N. 15

*Em frente ás Tres-Boccas, 29 de Março de 1866.*

As novidades da guerra se amontoam; é preciso, pois, que todos os oito dias lhe escreva para dar noticias minhas que soceguem minha mãe. Principiarei dizendo que o Anjo da Morte estende já suas azas sobre a nossa infeliz marinha e narrarei os factos como se têm dado. Como já lhe noticiei a 22, aqui fundeámos no dia 21 e nessa mesma noite nos fizeram fogo de terra, fogo que felizmente nos não alcançou e até hoje não se importaram mais connosco. Nos dias 21, 22 e 23 continuaram os navios a sondar o rio. A 22 a "Araguary", que é commandada pelo Hoonholtz, que Vmcê. conhece, encalhando em umas pedras, abriu agua e no dia seguinte seguiu a concertar em Corrientes. No dia 23, quando subiam para sondar, o "Henrique Martins", o "Tamandaré" e o "Mearim", seguiram tambem o vapor inglez "Cisne" (que se acha fretado), com o Octaviano e um pequenino vapor comprado aqui, para rebocar as embarcações que têm de passar o exercito, ao qual deram o nome de "Voluntario da Patria". Todos esses navios, ao subirem e descerem, soffreram vivo fogo de artilharia, o que de certo não agradaria muito ao nosso Ministro.

Cousa incrivel: nesse mesmo dia, pouco depois do meio dia, appareceu um vapor rebocando uma chata, que não é mais que uma lancha grande de duas prôas, muito rasa e calando pouca agua. Vinha armada com uma peça de 68, e tomando posição em frente á esquadra, ao abrigo da artilheria de um forte, que elles denominaram Itapirú, rompeu fogo, que foi respondido pelo "Beberibe". Retiraram-se pouco depois, o vapor e a chata, mas voltaram ainda duas vezes, a continuar o fogo, sendo sempre contrabatidos pelo "Beberibe" e encouraçados "Brazil" e "Bahia".

Foi grande ousadia virem em uma pequena embarcação affrontar o fogo de uma esquadra que tem artilharia de 68 e raiadas de 70, 120 e 150, como é o do "Bahia".

Nessa tarde principiou para nós uma distracção que nos vae sendo amarga. No dia 24 tornou a apparecer o vapor rebocando a chata, que logo rompeu fogo contra a esquadra. Immediatamente deu o Almirante signal de combate e romperam fogo o "Tamandaré", "Brazil", "Beberibe", "Parnahyba" e "Araguary".

A chata com uma só peça respondeu aos seis navios armados de grossa



artilheria! Não sabe por que? Porque infelizmente nós não temos artilheiros que prestem.

O governo nunca se importou com a instrução da marinha, e o resultado é estarmos agora passando por este vexame.

No dia 25 já não contávamos com a *nossa distração*, quando, pouco antes das 5 horas da tarde, reaparece a chata, puxada por terra para a ponta da ilha, e rompe o fogo, respondido logo pelo "Brazil", "Bahia", "Beberibe", "Parnahyba" e "Belmonte", que nessa tarde acabava de chegar de Corrientes. Enquanto esses navios atiravam, suspendem ferro o "Tamandaré", o "Henrique Martins" e o "Lyndoya" (pequeno vapor a helice, armado com duas pequenas peças) e investem garbosamente contra a chata.

Approximam-se della e rompem um vivo fogo, que faz a guarnição raspar-se para terra. Escaleres são arriados e vão tomar a chata. Mas apparecem os inimigos em grande numero e fazem fogo de fuzilaria sobre elles, fogo que é respondido até quasi ás 10 horas pelos artilheiros fuzileiros dos tres navios. Pouco mais ou menos ás 9 horas, uma bala ôca incendeia os ranchos de palha do forte e rompem vivas da esquadra; ás 10 horas cessa o fogo.

Nessa noite só ficaram neste perigoso logar as tres canhoneiras.

No dia 26, pouco mais ou menos á 1 hora da tarde, seguiram os encouraçados "Tamandaré", "Bahia" e "Barroso" para o logar em que costumava apparecer a chata e ahi chegando romperam fogo os dois primeiros, respondendo logo a chata, que a um tiro do "Tamandaré" incendiou-se e voou em pedaços. Com esta explosão cessou o fogo.

Dia 27, dia fatal: logo de manhã seguiram o "Tamandaré" e "Bahia" e fundearam no logar do costume. Depois do meio dia romperam fogo e pouco antes das 6 horas retirou-se o "Tamandaré", indo fundear junto á esquadra, sendo logo substituido pelo "Barroso". A retirada do "Tamandaré" foi devida a duas balas ôcas, que entrando por uma das portinholas, puzeram trinta e um homens fóra de combate, matando sete, entre elles dois Primeiros Tenentes, o Escrivão e o Commissario, e ferindo tão gravemente o commandante Barros, que á meia noite veio elle a fallecer.

Dos officiaes que havia a bordo só não foram feridos um 2.º Tenente e um piloto. Esses dois tiros causaram tanto estrago por se acharem todos reunidos na casamata.

Nessa mesma noite foi nomeado commandante para o "Tamandaré" e nós, reforçados com o "Magé" e o "Mearim", tivemos ordem de estar alerta.

Ordem desnecessaria, principalmente para mim, que, fundeado quasi na bocca do rio Paraguay, em dez minutos posso ser abordado. Tenho sentinellas e vigias por toda a parte, a guarnição dorme em seus postos de combate, com as armas carregadas; metade da guarnição está acordada em cada quarto; a machina sempre prompta a mover-se; eu sempre prompto a largar a amarra por mão, se não puder immediatamente suspender. Vestido e armado, durmo sempre na tolda. Durmo! Pode-se lá dormir quando a cada momento se espera o inimigo e se é responsavel por cento e setenta e quatro vidas e pela honra da bandeira?

Que vida! Ao menor movimento estou de pé, porque, tudo depende de mim.

O Alvim, que sempre ia no "Tamandaré", nesse dia foi no "Bahia", e assim mesmo, não sei como foi levemente ferido nas costas.

Ao amanhecer de 27 achavam-se fundeados o "Bahia" e o "Barroso". Duas chatas do inimigo romperam tão vivo fogo sobre a esquadra, que, como sempre, se achava mal fundeada, que poz tudo em movimento. Suspendem e seguem para o lugar do combate o "Brazil", o "Belmonte" e o



"Parnahyba". Esta encalha logo e é desencalhada pelo "Marcilio Dias", transporte de muita força; o "Brazil" chega e rompe com quatro peças em vivo fogo que faz calar o do inimigo, põe a pique uma das chatas (segundo affirmam), e tem um homem morto. O "Barroso" perde o mastro de prôa e tem um official ferido em um braço, que é amputado, e mais tres praças. A "Belmonte" e a "Parnahyba" tiveram balas no costado, bem como os transportes "Apa" e "Princeza".

O Octaviano não gostou muito da brincadeira e raspou-se para Corrientes.

A's 11 horas entrou o "Tamandaré" em fogo, continuando os quatro encouraçados, todo o dia, com intervallos, sem que respondessem os inimigos.

Pouco depois das 3 horas da madrugada, houve fogo de artilheria e fuzilaria, cessando logo. Conistou ter o "Bahia", com um tiro, rebentado a peça da chata e matado toda a guarnição.

Hoje de manhã appareceu o "Bahia" sem o mastro grande. Retiraram-se todos os navios para a esquadra. Ao meio dia seguiram a "Belmonte" e o "Henrique Martins" e, parando em frente ao Passo da Patria, rompeu aquella o fogo, que não foi respondido de terra.

São quasi 3 horas da tarde. Fecharei esta ao anoitecer para lhe mandar contar mais alguma cousa que souber.

A's 4 horas desceram a "Belmonte" e o "Henrique Martins". Consta que o Almirante quer sabbado passar o exercito para o territorio paraguayo. Duvido.

N. 16

*Em frente ás Tres-Boccas, 5 de Abril de 1866.*

Na minha carta de 29 dava-lhe noticias tristes, e nesta dou-lhe noticias engraçadas. Nestes oito dias, graças a Deus, não temos tido mortes a lamentar. Não quero dizer com isto que não tenha havido fogo. Tem e todos os dias. Acabou-se a nossa distracção das chatas; ouvimos troar a artilheria, mas como não é sobre a nossa divisão, não fazemos caso. Não sei se lhe disse que a nossa divisão, reduzida ao "Ivahy", "Iguatemy" e "Araguary", tinha sido reforçada com o "Magé" e o "Mearim". Estavamos assim quando, na quarta-feira passada, do "Magé" viram descer do Paraguay uma chata e, encostada á margem seguir para o lado do Passo da Patria; o "Brazil", que se achava fundeado por esses lados, a viu tambem e mandou sua lancha para a tomar. Não o conseguiu, por terem de terra feito fogo de fuzilaria. Isto ás 11 horas da noite.

Já lhe disse que aqui se dorme com os olhos abertos, engravatado, calçado, vestido e armado — mas felizmente de barriga cheia. Pois bem: na quinta-feira santa estavamos assim, e com uma bella lua, quando, ás 11 e tanto, fomos despertados por um tiro de metralha dado pelo "Magé"; immediatamente puzemos a gente a postos e com o oculo distingui uma chata encostada á margem. Todos os navios romperam fogo e tres canhoneiras suspendem e seguem para onde estava ella. Alli chegando, mandam os escaleres, os quaes respondem a um pequeno fogo de fuzilaria que vem de terra e trazem a chata, não havendo nenhum ferido. Depois de tomada a chata veio a disputa sobre o heroe do feito, porque todos queriam ter essa gloria. A chata ia para o Passo da Patria, onde, montando uma peça de 68, devia fazer fogo contra nós. Da noite seguinte em deante, puzemos escaleres a rondar a bocca do Paraguay.

Ante-hontem estava a atmosphaera muito carregada, ameaçando mau



tempo. Quasi ás 8 horas voltavam os escaleres da ronda, e dizem que se ouvem vivas e gritos em todas as direcções nas nossas proximidades. Alarma no caso!

Reforçados os escaleres, continuam a ronda, sem que haja novidade. Ouviam-se gritos junto de nós, em guarany, lingua que fallam os paraguayos: a "Araguary" manda um escaler ver o que era e encontra um pobre paraguayo que queria fugir, porém não tinha animo de atirar-se ao rio e nadar até o escaler, que por precaução tinha ficado de longe.

A's 2 horas cahiu uma verdadeira tempestade. Ao amanhecer, avisando esse pobre diabo na margem, a "Araguary" mandou buscal-o e o remetteu ao Almirante, a quem elle contou verdades e mentiras a mais não poder. E eis que começam ordens e mais ordens.

Ao escurecer, desceu o couraçado "Barroso" com o commandante da divisão e veio fundear junto a nós. De manhã tinha ido para a esquadra a "Mearim", ficando em seu lugar o "Ipyranga". Logo que o chefe chegou, mandou chamar os commandantes a bordo; seriam sete horas, pouco mais ou menos, e ainda não tinha nascido a lua. Estavamos em conselho pleno, dando-nos elle ordens, instrucções etc., prevenindo-nos de que deveriamos ser abordados essa noite por canoas ou vapores etc., quando, no melhor da festa, tocam a postos e gritam — Paraguayos! Corre tudo, fecha-se tudo! Nós nos mettemos nos escaleres e corremos para bordo. Quando fui chegando, gritei que puzessem a guarnição a postos, subi e corri ao passadiço. Mal ahi cheguei, rompeu no "Barroso" o fogo da artilheria e da fuzilaria, acompanhado sem demora por todos os outros navios, os quaes atiravam, felizmente, mal. Duas embarcações se aproximam do "Barroso". Gritam para ellas. Respondem. Cessa o fogo. Eram dois pobres escaleres nossos que iam para a ronda e divisados pelos vigias do "Barroso", foram tidos como inimigos... Deus velou por nós, porque apesar da muita metralha e fuzilaria ninguem foi ferido e nenhum tiro tocou o alvo. Veja que gente nós temos! Os meus faziam fogo sem saber contra o que e sem ordem para isso. Veja quantos cuidados é preciso ter um homem para lidar com estes diabos!

Por fim, retirou-se a gente e continuaram os escaleres na ronda.

A's 2 horas fomos despertados e puzemo-nos a postos por ter o transporte "Marcilio Dias" dado um tiro de espingarda. Outra asneira: esse transporte fez fogo sobre um outro que subia rente á margem e que não era outra cousa senão o nosso vaporzinho "Lyndóia", que vinha de Corrientes.

Que tal! São assim as nossas cousas.

Depois do meio dia seguiu para a esquadra a "Araguary" e agora esperta o fogo o "Barroso". Sabe o que mais nos admira? E' estarmos na esquadra e não sabermos o que nella se passa. Temos pão todos os dias porque nos acompanha uma padaria a vapor; carne fresca quasi sempre; até agora não temos passado mal.

#### N. 17

*Em frente ás Tres-Boccas, 12 de Abril de 1866.*

No dia 10 de Junho do anno passado foi o territorio brasileiro invadido em S. Borja pelos Paraguayos; o 1.º Batalhão de voluntarios que alli se achava portou-se mal. A praça que defendia essa villa foi surpreendida. Dez mezes depois, a 10 do corrente, foi ainda o nosso territorio invadido pelo inimigo.

O resultado, porém, foi diverso. As scenas da guerra estão mudadas.



Na minha carta de quinta-feira disse que a divisão do general Sampaio tinha passado para a ilha Itapirú e ahí se estava fortificando. Fui mal informado. Nessa ilha, que não tem nome, pois Itapirú é a que lhe fica em frente, quasi a tiro de espingarda, achavam-se o Batalhão de Engenheiros, o 14.º de linha (antigo corpo de guarnição, não sei de que Província) e o 7.º de voluntarios de S. Paulo, armados com artilheria bastante e defendidos com fossos, trincheiras, etc.

A's 4 horas da manhã de 10, mil Paraguayos, em cincoenta canoas, vinte em cada uma, surprehenderam a ilha e dizem que quatrocentos delles chegaram ás trincheiras. Mas não voltaram. Os batalhões tiveram tempo de carregar á baioneta, rompendo em seguida a fuzilaria e artilheria. O 7.º de voluntarios, dizem que se portou com muita bravura. Os navios acudiram em soccorro da ilha; o "Henrique Martins", que cala pouco, aproximou-se e rompeu um vivissimo fogo de metralha, que poz as canoas em debandada e vergonhosa fuga. Trezentos cadaveres paraguayos encheram os fossos e mais cem ficaram prisioneiros, inclusivé o capitão Romero, commandante dessa força, que se compunha da flor do exercito do Lopez. Dizem que este se achava defronte, observando o resultado do ataque. Ao clarear do dia, que bello espectaculo presenciámos! O inimigo ainda a fazer fogo de artilheria; suas canoas a fugirem vagarosamente, quasi sem gente; os nossos navios, grandes e pequenos, a responderem ao canhoneio; a ilha a despejar os seus morteiros. E sobresahindo a tudo, através da fumaça dos canhões e do nevoeiro que se dissipava ao sopro da viração, o soberbo tremular da nossa bandeira arvorada na ilha...

Os Paraguayos são ousados; desta vez, porém, sahiu-lhes cara a lição. Queriam arrancar a bandeira e levar os brasileiros amarrados, mas sentiram entrar-lhes bem dentro da carne as baionetas dos nossos voluntarios.

O dia 10 ficou memoravel para nós. Tivemos poucos mortos, cento e tantos feridos e o "Henrique Martins" baleado e forçado a encalhar para não ir a pique. O "Tamandaré" metteu uma chata a pique; a guarnição de outra foi varrida pela metralha do "Brazil".

Nada neste mundo é perfeito. Ha fatalidades. Cada qual nasce com sua sina e morre quando cair o ultimo grão de areia na ampulheta da vida. A ilha foi defendida heroicamente; encheram-se de glorias os seus defensores, cobriu-se de louros o seu commandante, Tenente-Coronel Cabrita, do Batalhão de Engenheiros. Mas, de manhã louros e, á tarde, cyprestes.

O pequeno vapor nosso "Coronel Fidelis" conduzia á terra o Tenente-Coronel Cabrita, um major, um capitão e um tenente de engenheiros, quando uma bala de artilheria o mette a pique, sepultando nas aguas todos que iam dentro. Fatalidade e nada mais.

A artilheria continua a troar todo o dia. A nossa divisão continua na expectativa, guardando uma posição perigosa, a bocca do Paraguay.

Dizem que já se decidiu a passagem do exercito pelo Passo da Patria e por estes dias.

Meio dia. Sabe qual é a distracção do momento? Ver passar, aguas abaixo, cadaveres de Paraguayos...

Que tal? E' uma distracção innocente como outra qualquer. E' preciso encarar a morte com desprezo.

#### N. 18

No dia 16 effectuou-se a passagem do exercito alliado para o territorio Paraguay. O exercito embarcou á noite, nos muitos transportes, canoas, balsas, etc. Devia dar-se o desembarque ao mesmo tempo, o brasileiro commandado pelo Osorio, meia legua acima da bocca do rio Paraguay; o ar-



gentino e o oriental commandados por Mitre e Flores, nas proximidades do forte Itapirú, todos enfim, na ilha desse nome, meia legua, mais ou menos, distante um do outro. Toda a esquadra protegeria o desembarque. A's 4 horas e 30 da manhã, a nossa divisão suspendeu, a qual, desde que aqui chegámos, tem guardado o perigoso lugar de onde lhe escrevo. Tres dos navios, o "Magé", o "Ivahy" e o "Iguatemy" subiram o rio Paraguay e fundearam pouco acima do lugar de desembarque, afim de protegê-lo; a "Araguary" e o "Ipyranga", bem como muitos outros navios das outras divisões, foram fundear bem junto á praia, no intervallo dos dois pontos de desembarque. Pouco mais ou menos ás 9 horas, chegam dez vapores com o nosso exercito e debaixo de fogo principia logo o desembarque. Os exercitos argentino e oriental não podem fazer o mesmo, por impossibilidade de se approximarem os navios. Só á tarde desembarcam no mesmo lugar em que o fez o nosso. Os Paraguayos, activos como são, correram logo a oppor-se, porém foram recebidos nas baionetas da nossa gente e metralhados pelos nossos navios, tendo de retirar-se com bastantes perdas, além de uma bandeira e duas peças deixadas em nosso poder. Nós só tivemos tres mortos e dez feridos.

Depois do meio dia cahiu uma furiosa tempestade de vento e chuva de pedra, que durou algumas horas.

Que cousa horrivel é a guerra! Que espectaculo tremendo! Tudo conspirava contra os desgraçados Paraguayos. A par dos furiosos raios que cahiam, do estampido dos trovões, o troar da grossa artilheria. O que se passou recorda-se, mas não se pode descrever.

Essa noite os nossos soldados só tiveram os capotes para se abrigarem, e por falta do Almirante, ou de quem seja, só tres navios dormiram no rio Paraguay. Os homens nos abandonaram, mas Deus nos protegeu. Não fomos atacados.

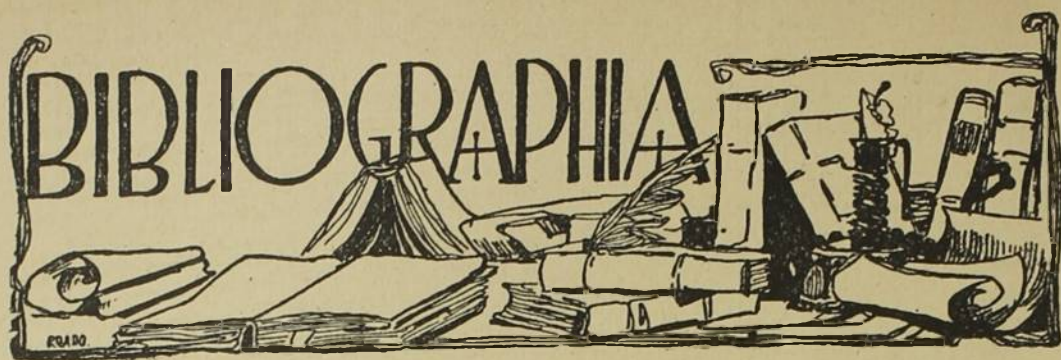
No dia 17, sim, fomos atacados pelos Paraguayos e desta vez a lição foi tremenda. Perderam uma bandeira, duas peças, mais de quatrocentos mortos e alguns prisioneiros. Abandonaram a ilha e o forte de Itapirú e fugiram para as suas fortificações do Passo da Patria, deixando no forte uma peça de oitenta e outra de setenta e oito. Nesse dia ainda a gloria foi só nossa, porque só a nossa gente, commandada pelo bravo Osorio, se bateu com os Paraguayos. Perdemos poucos homens, tendo duzentos tantos fóra de combate, sendo cento e oitenta feridos. A nossa gente não tem dado quartel aos inimigos, matando-os a valer.

Quando tudo ficou preparado para o bombardeio do Passo da Patria, eis que ficam todos desapontados: os Paraguayos os abandonam e seguem não sei para onde. Dizem que o Lopez se retirou, entregando o commando do exercito ao seu cunhado Barros. Dizem que já fugiu.

O Flores já passou com a sua gente para o Passo da Patria.

Agora a razão por que não lhe escrevi. Na noite de 17 veio reunir-se a nós a "Araguary" e na manhã de 20 retirou-se para a esquadra, seguindo nós aguas acima a sondar um canal que vai ter ao Passo da Patria, junto ao qual está o acampamento inimigo. A' tarde desciamos quando appareceu o Almirante e nos mandou fundear junto á bocca do canal para impedir a passagem de qualquer coisa; de noite fomos reforçados pela "Itajahy" e o "Henrique Martins". Este desceu de manhã e á noite veio ordem para que todos fizessem o mesmo, o que foi uma grande felicidade, pois não escapavamos de ser atacados.





PONTOS DE PHILOSOPHIA — F. T. D. — Psychologia —  
Livraria Alves.

E' um livro de Philosophia, no qual á primeira pagina damos com o humilde "Nihil obstat" e "Imprimatur", que contrastam brutalmente com a independencia intellectual, qualidade indispensavel ao nosso vêr de quem se quer occupar de questões philosophicas.

Se, de conformidade com a definição escolhida: "A philosopha é a sciencia que trata das causas supremas dos entes, descobertas pela luz da razão", porque submeter a exposição dessas descobertas a quem manda, em nome de uma autoridade outra que a da razão?

O "*nihil-obstat*" e o "*imprimatur*" têm pelo menos a vantagem de fazer com que o leitor não estranhe aprender (pág. 24) que o homem é o elo entre os anjos (a respeito da existencia dos quaes a pura razão nada nos diz) e os animaes *irracionais*, — em que pesem os cavallos calculadores de Kral e o famoso cão Ralf!

Tão pouco estranhará o leitor encontrar exclamação piedosa (p. 28) como esta: "Fizeste nos para Vós, o meu Deus, o nosso coração não achará descanso senão em Vós!" que mais nos parece convir num manual de devoção das filhas de Maria. — O autor nem se lembrou que taes exclamações levam agua para o moinho dos partidarios de Stirner, o temivel autor do "*Unico e sua propriedade*": "Vosso Deus, diz este, não se occupa senão de si mesmo, não pensa senão em si, fez tudo para si. A causa que defende é puramente egoista!"

Tão pouco estranhará que o autor defenda a obsoleta theoria dos cinco sentidos classicos outrora. Aristoteles ha 2.500 annos ensinou que o homem tem cinco sentidos, S. Thomaz de Aquino o repetiu e com elle toda a catterva dos philosophos escolasticos, discipulos do mestre e que mesmo assim na unica boa historia da philosophia que temos occupam um terço do livro. Ora, si o papa tornou obrigatorio o ensino do thomismo, logo houve, ha e haverá cinco sentidos á revelia do ensino de todos os physiologos e psychologos do mundo.

Assim é que o sol teve que girar ao redor da terra até 1809 — quem lesse um livro que affirmava o contrario era excommungado! Assim o sangue não podia circular nas veias, como em 1609 o ensinou Harvey, porque Aristoteles dizia que não circula. Só após trinta annos de heroica reluctancia as universidades escolasticas permittiram que os mestres quebrassem o juramento de ensinar a pura doutrina aristotelica.

A fusão incompleta da philosophia *medieval* e das descobertas da psycho-physiologia moderna faz da obra que criticamos uma barafunda incrível, cheia de senões e contradicções, de affirmações gratuitas e intolerantes.



Lemos na pagina 38: "Erram todos os physiologos que attribuem a sensibilidade ás plantas", como se Claudio Bernard ligasse a essa palavra o sentido de *consciencia*.

Como ultima autoridade a respeito do instincto animal, cita-se S. Thomaz de Aquino. Duvido que o piedoso frade do seculo XIII tivesse em sua cella observado um só animal siquer!

A mysteriosa *estimativa* explica tudo.

Remata piedosamente o livro esta reflexão a respeito da theoria da arte e da esthetica: "O Ideal será tanto mais perfeito quanto mais se approximar da santidade e de Jesus Christo."

Seria isto tambem descoberto pela luz da razão?

*PERFUME — poemas de Onnestaldo de Pennafort. — Ed. Pimenta de Mello. Rio, 1924.*

Nós, paulistas, habituados á "neblina fria", somos os "petits londrinos" do Brasil. O Rio tem para nós encantos de Riviera. Vamos para lá á procura de sol, ávidos de usar "palm-beach", sapatos brancos e oculos amarelos. Para nós, o encanto do Rio de Janeiro está nas praias, na luz crua, naquella janella accesa pelo sol, em cima daquelle morro azul. Onnestaldo de Pennafort mostra-nos um outro encanto do Rio, as noites vagas, e os perfumes dos jardins calmos ao luar.

D'ahi essa melancolia bem brasileira que domina todo o livro, essa tristeza lenta do homem habituado a contemplar a natureza extraordinariamente bella. Dahi todos esses cantos de amor, de amor brasileiro, triste e saudoso.

Os versos de Onnestaldo correm harmoniosos e cheios de mysterio. De "Perfume" desprende-se um "charme" que nos atrae como uma musica distante. Com uma sciencia admiravel e um sentido pouco comum da lingua, Onnestaldo de Pennafort obtem effeitos extraordinarios de harmonia e suggestão. Bellissimo aquelle poema sobre o repuxo do jardim, escripto todo com palavras terminadas por *is* esguios, musicaes como o proprio repuxo subindo para as estrellas. "Perfume" é um livro de silencio nocturno, livro de verdadeiro poeta, dos melhores que nos têm vindo ás mãos nestes ultimos tempos.

*A FRAUTA QUE EU PERDI — Canções Gregas — Guilherme de Almeida. — Annuario do Brasil, 1924.*

Guilherme de Almeida é o mais artista dos nossos poetas, é o artista integral, talvez o unico poeta brasileiro que até hoje não escreveu um unico verso de mau gosto. Escrever em 1924 canções gregas, fallar da Grecia no seculo XX é um "tour de force". Guilherme de Almeida conseguiu essa cousa incrivel: não dizer uma banalidade sobre um assumpto tão batido. Evocando a Grecia, a Grecia eterna, a que vive hoje como hontem, a Grecia de sempre, Guilherme de Almeida escreveu muitos dos seus mais bellos poemas. Seria necessario fazer aqui um estudo sobre o vocabulario das "Canções Gregas", mostrar que partido admiravel o A. soube tirar dos epithetos gregos (mar illustre, brisa esperta, etc.) de certas construções da phrase grega. Infelizmente não nos é possivel. Ha em "Canções Gregas" uma serie de Inscriptões de uma belleza antiga, de uma synthese dignas do grande poeta que é Guilherme de Almeida. A edição feita pelo Annuario do Brasil é bellissima e muito honra essa casa que tão bellos livros nos tem dado.



*LAUREIS INSIGNES, por Elysio de Carvalho, Annuario do Brasil, Rio, 1924.*

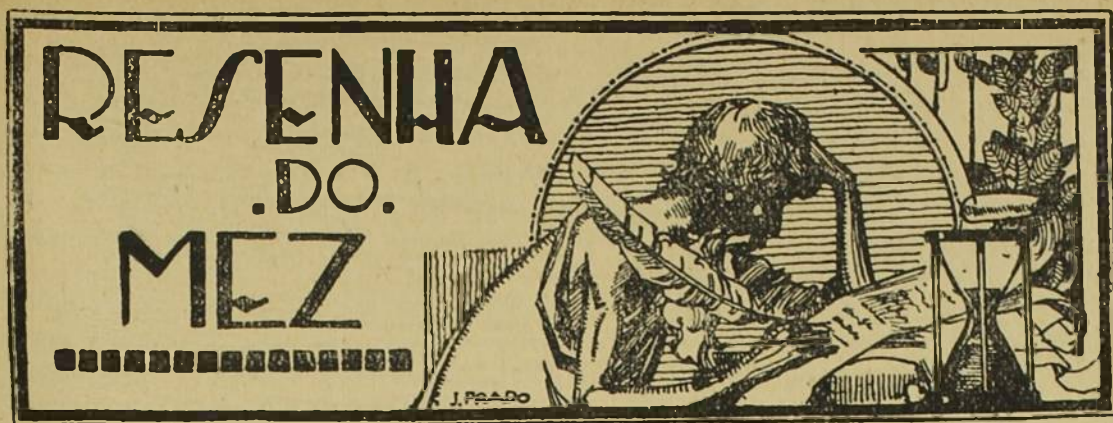
Elysio de Carvalho occupa na nossa literatura um lugar de destaque. Seus ensaios sobre os assumptos mais diversos bem mostram o espirito curioso e culto que é. Já ha alguns annos que vem escrevendo uma serie de estudos sobre a historia do nosso paiz. Elysio de Carvalho conhece como poucos a historia da nossa sociedade na bella epoca dos seculos XVII e XVIII. Profundo conhecedor da genealogia brasileira e das chronicas antigas, os ensaios do A. de "Laureis insignes" revelam um raro dom de evocar o passado. Ha tempos que nos promete uma historia da Sociedade Brasileira. Ninguem melhor do que Elysio de Carvalho nos poderá descrever a evolução dessa sociedade de fidalgos que cavalgavam por Olinda e Recife, desses homens incríveis como Lourenço Leme, ou Guilherme Pompeu de Camargo, que levou a vida de um sabio e de um nababo das "Mil e Uma Noites"..

Em "Laureis insignes" reúne o A. diversos estudos sobre a origem da nossa sociedade. Uma grande parte dos nossos historiadores pensa que a nossa sociedade foi constituída por uma ralé expulsa de Portugal. Mais uma vez o A. procura apagar esse erro absurdo. Elysio de Carvalho, que tem feito interessantes descobertas em nossa genealogia, prova como o Brasil foi povoado de fidalgos de alta linhagem. Entre nossos homens de letras reina uma certa indiferença pelas pesquisas em documentos antigos. Estamos na idade da força, preferimos o successo facil de alguns versos de amor ou de um romance "stylo trez francos e cincoenta", ao estudo do nosso maravilhoso passado, tão cheio de romances admiráveis, de epopéas fabulosas e dramas dignos do Grand Guignol. Elysio de Carvalho, com o seu raro dom de evocar o passado, descreve-nos em "Laureis insignes" alguns episodios pouco conhecidos da nossa historia, com um brilho e uma erudição notáveis.

RECEBEMOS MAIS:

- Caras y Caretas* — Buenos Aires.
- *D. Quixote* — Rio.
- *Hercilia* — Brasil do Valle — Bello Horizonte — 1923.
- *O problema da gcada e o emprego das nuvens de fumaça* — Arthur Carnero — Rio de Janeiro, 1924.
- *União Pharmaceutica* — Janeiro e Fevereiro 1924 — São Paulo.
- *Revue de l'Amérique Latine* — Março 1924 — Paris.
- *Journal des Débats Politiques et littéraires* — Paris.
- *La Revue Bleue* — Março 1924 — Paris.
- *Revista del Impuesto Unico* — Fevereiro 1924 — Buenos Aires.
- *Pegaso* — Revista mensal — Montevideu.
- *Revista do Instituto Historico do Rio Grande do Norte*, n.º do centenario — Natal.
- *La France Nouvelle* — Março 1924 — Paris.
- *As finalidades e organização do cruzeiro italiano* — São Paulo.
- *A Industria das Fallencias* — José Carlos de Macedo Soares — São Paulo.
- *O Gremio* — Fevereiro 1924 — Ilhéos — Bahia.





## VELHA E NOVA MENTALIDADE

Um dos debates mais interessantes travados ultimamente pela imprensa, e em que se reflecte a inquietação dos nossos meios literarios, é o relativo á nossa evolução nestes ultimos dez annos, do ponto de vista das idéas. Fala-se em velha e nova mentalidade, dando-se á primeira a significação de atrasada, gasta, vazia, arruinada, e á segunda a de reveladora de novos horizontes e ideaes novos.

Uma cousa desde logo impressiona a quem, como eu, vê de fóra esses combates: é que, quasi sempre o que se discute é a '*expressão litteraria*' e rarissimo se toca no que devera constituir a razão de ser mesma da luta; isto é, o fundo de pensamento das correntes predominantes hontem e hoje na vida intellectual brasileira.

Quizera que me dissessem os representantes mais autorizados da campanha contra a nossa velha mentalidade, se a *expressão litteraria* victoriosa actualmente sob aspectos differentes, é expressão mesma de idéas diversas das que predominaram ha dez ou vinte annos, entre nós, ou simplesmente expressão de uma sensibilidade nova, mais agitada, mais aguda mesmo algumas vezes.

E' claro que no que diz respeito ás letras catholicas, a evolução teve unica e exclusivamente este ultimo aspecto. A Igreja catholica não é uma ventoinha philosophica, e tudo quanto se lhe aggrega reflecte sempre essa serena luz da philosophia tradicional, que S. Thomaz e os

modernos plasmaram nas systematizações só apparentemente contrarias de Platão e Aristoteles. O que se nota nas letras catholicas brasileiras, nestes ultimos tempos, é, puramente, uma vivacidade maior, uma sensibilidade mais aberta, e é de justiça confessar que ainda não foi, dentro dellas, superada a personalidade litteraria de um Carlos de Laet.

Mas é força confessar tambem que os '*meios literarios*' têm sido ou eram até ha bem pouco tempo, os mais extranhos á Igreja em nosso paiz. Reflectiam, nos primordios da sua autonomia, o que haíva de menos são do movimento romantico francez, se bem que, a meu ver, o romantismo mereça, no Brasil, mais favor que desfavor da parte dos catholicos. Dos ultimos decennios do Imperio até o extremo limite do primeiro da Republica é cousa sabida que as nossas letras estiveram envenenadas pela palustre do comtismo, na sua expressão intellectual mais ridicula e mesquinha. Foi natural, pois, que a degenerescencia romantica, que constituiu o typo perfeito do naturalista a Zola — cujo fundo de idéas era o que havíva de mais estúpido e anti-intellectual no idealismo romantico — dado a este o sentido de revolucionario, que é, afinal, o que verdadeiramente lhe cabe — foi natural, pois, que aqui tambem proliferasse a herva ruin do realismo, sem que, de facto, em nada se tivesse alterado a physionomia por assim dizer anti-christã, ou, pelo menos, indifferente, da nossa expressão litteraria.



E' a esse tempo, porém, que se observa um phenomeno de caracter bastante singular na historia das nossas letras. Reflexo ainda do que se passava na Europa, implanta-se entre nós a bandeira symbolista (quintessencia da degeneração romantica), mas, aqui, com a physionomia muito propria de um pessimismo cheio de esperança, de uma dôr de viver, que não se reconhece vã, tal como apparece na obra do assombroso negro que foi Cruz e Souza. Mais singular ainda, porém, é tudo quanto de realmente grande e nosso, se revela sobre esse terreno revolto pela putrefacção cedo assenhoreada dos vagos ideaes dos symbolistas. Nestor Victor, que é, incontestavelmente, o mais arguto, o mais sério, o mais vivo dos historadores e criticos deste singular periodo da nossa evolução literaria, foi quem primeiro chamou a attenção para esse "mysticismo nacional", que faz a unidade fundamental de obras as mais dispares, como sejam as de Farias Brito, Euclides da Cunha e Alberto Torres, todas, em maior ou menor gráo, mas sempre de modo positivo influindo então sobre a constituição das novas correntes propriamente literarias.

Do ponto de vista philosophico já hoje em dia ninguem pode negar que a predominancia coube, emfim, á parte desse movimento mystico em que se accentuára o character de reacção espiritalista contra os remanescentes do positivismo.

E' dahi, por conseguinte, que, a meu ver, se deve iniciar o exame da nossa evolução literaria, desse ponto de vista das idéas, que primeiro nos interessa realmente conhecer. E' claro que se a obra de Graça Aranha, nada mais significasse que uma "expressão literaria" mais brilhante que a de Farias Brito, por exemplo, o meio intellectual brasileiro de quasi nada poderia orgulhar-se.

O que é necessario saber é se do entre-

choque das actuaes correntes literarias, já se pode deprehender uma definição mais clara, mais segura do que chamamos mentalidade brasileira. E' esse o debate que eu desejára ver travado no scenario das nossas letras, com perdão do logar commum... por parte dos futuristas.

O resto supponho que não merece nem mesmo a ansia com que nós, escrevinhadores de jornal, a tudo nos apegamos, quando ha falta de assumpto. Individuos sem talento algum, sem gosto, sem a minima personalidade, sempre os houve e ha, premiados ou não pela fama — e esta, como dizia Carlyle, jámais passou de um accidente — entre os que costumamos prender, quanto á forma, á corrente tradicional ou classica, como entre os que contra esta vivem em perpetua revolta.

Do ponto de vista meramente literario, Machado de Assis não será menor do que Euclides da Cunha ou Graça Aranha. O que é preciso saber, o que é preciso examinar, é qual delles representa um ideal mais nobre, mais nobilitante, portanto, das letras brasileiras.

A nós, catholicos, que representamos, queiram ou não queiram, as tradições sociaes do paiz, esses "typos", essas "figuras" do nosso desvio literario só nos interessam quanto á sua maior ou menor approximação da mentalidade rigorosamente christã.

E' claro que esse debate muito nos ajudaria a julgar cada um desses homens, e a orientar-nos quanto á acção que devemos exercer no meio literario, que os formou, mas delles soffre a boa ou má influencia, o que é proprio do grande mysterio da personalidade literaria, sempre reveladora de que o meio não é tudo.

Jackson de Figueiredo

("Gazeta de Noticias", Rio)

## VARELLA E CASTRO ALVES

(De "*Viagens ao redor de mim mesmo*")

— Teria eu oito ou nove annos quando, aqui em São Paulo, numa das grandes salas baixas da Faculdade de Direito, durante a "Sessão Magna da Sociedade Culto á Sciencia", pela primeira, unica e ultima vez, ouvi e vi Luiz Nicolau Fa-

gundes Varella. Da data certa do facto guardo ignorante silencio, mas quem o quizer quebrar encontrá-la-á na primeira edição dessas "*Vozes da America*", muito bem prefaciadas pelo inspirado Quirino dos Santos que do poeta, seu amigo intimo, recebera esta observação:



— Cuidado, Quirino! Não te vão criticar a critica.

Recinto repleto; solennidade concorrida por quasi todos os lentes da Academia; banda de musica um pouco afastada, no passeio que contornava e ainda contorna o pateo central; murmurinhos atravessados de quando em quando pelo nome de Varella, caloiro já notorio por varias originalidades, um dos oradores do programma e, com Ferreira de Menezes e mais duzia e meia de collegas intelligentes, veteranos alguns, partidario de Furtado Coelho, portuguez, contra Minervina, actriz brasileira, em tumulto no Theatro do Largo do Palacio, eis o que, em respostas e esgaravatos que lhe faço, me está a memoria a recordar.

Olhar azul, fixo, forte; mãos á beira da tribuna sem que o orador se curvasse; dispensavel o gesto pelo entono que cada palavra recebia; algumas phrases de preambulo, modestas provavelmente, pois motivaram "não apoiados" substituidos, momentos depois, pelos applausos com que foi recebida a comparação das duas Americas a duas virgens adormecidas, apertando as destras, e que Christovão Colombo despertara; voz penetrante, proxima a estridente, mas recitação calma daquella estupenda e esplendida "Predestinação"; em augmento, de minuto a minuto, a curiosidade soffrega da assistencia; irrompem palmas quando, elevado o diapasão, Varella termina aquella estrophe que começa: "Poeta ou louco, sonhador ou sabão"; mais palmas quatro ou cinco vezes; eis que, naturalmente adminiculado na restauração da scena pela influencia de posteriores colloquios, lembro e concateno a respeito de Fagundes Varella.

— Em São Paulo; novembro ou dezembro de 1868; espectáculo no Theatro de São José, em beneficio do notavel Joaquim Augusto: foi onde e quando vi e ouvi, pela primeira vez, Antonio de Castro Alves.

Muita gente. Nem um camarote vazio. Sobe o panno. Afileiram-se em scena os artistas com o beneficiado á frente. Voltam-se todos os olhares para o ultimo camarote da segunda ordem á esquerda do palco, onde apparece o vulto bonito, proporcionado, popular, do moço bahiano.

Cabellos negros e ondeadtes; voz larga

e sonora; enunciação segura e como que virgulada; gesto e palavra, em indefectivel harmonia, dominando a attenção e o coração, a impaciencia e a consciencia do auditorio extasiado: assombroso o successo! Impossivel imaginar recitação mais perfeita. Applausos, muitos applausos. Um triumpho completo da genialidade sobre a multidão, da poesia sobre a prosa, do individuo sobre o sentimento colectivo. Vê-se, percebe-se, que a alma da juventude academica se orgulha do seu factor maximo, do seu idolo predilecto.

Poucos dias depois, estúpida imprudencia, praticada nunca se soube por quem, condemnava o idolo ás dores dum desastre com rumo apressado á sepultura.

Na então rua do Imperador (actual rua Deodoro, está visto), em casa terrea, hoje sobrado numero 34, cujos compartimentos ficavam á esquerda dum corredor comprido; em bom quarto contiguo a outro que abria para a sala de jantar; numa cama larga e cheia de travesseiros que o accommodavam em recosto, barba por fazer, pallido, cara encovada, como estava esse Castro Alves differente daquele que eu ouvira e admirara mezes antes!

Seu infortúnio commovera, unanimes, os vinte e tres mil habitantes da capital paulistana. Fôra visitadissimo. Até o presidente da provincia, o barão de Itauna, apregoada e real notabilidade medica, mais duma vez o procurara.

Das principaes familias costumava o doente receber gulodices; cocada era o doce da moda. Enviado á sua moradia, bem me desempenhei de facil, congenere e desejada commissão de entrega perante Eugenia Camara (alta, clara, distincta, sobranceira, olhos rasgados), que espontaneamente prometteu devolver os calices, marcando para isso hora e dia ao molecote que me acompanhara carregando a bandeja.

Trazia eu, passando-o continuadamente duma a outra mão, voluminho de capa verde, encadernado, de menos de duzentas paginas; era o das "Poesias de Antonio Franco de Sá", recentemente publicado então, deslembro se no Recife, se em São Luiz. Vendo-o, perguntou-me Castro Alves que livro era. Entreguei-lh'o. Abriu-o. Leu, um pouco acima do prologo, delicada e manuscripta dedicatoria, do edi-



tor a meu pai. Virou pagina e no verso, demoradamente, soletrou "Pertence a Martim Francisco Ribeiro de Andrada Junior, futuro presidente da Republica do Brasil". Sorriu, e disse-me e aos circumstantes (conservo idéa vaga de estarem no numero Aureliano Coutinho e Campos Carvalho):

— O conselheiro que te deu o livro, foi porque já o leu. Eu fico com elle. Do Franco de Sá o que mais se salva é a adaptação da Evangelina de Byron em oitavas muito boas.

Rapido, e com essa maneira decisiva de que nunca me corrigi, retorqui:

— Sim, mas o senhor ha de me dar um retrato seu.

— Eugenia, dê um retrato meu a este menino; tire o do album pequeno: resolveu Castro Alves, sorrindo quasi.

Dito e feito. Recebi o retrato, que me foi companheiro durante cincoenta e quatro annos e que, respeitados que sejam os meus vacillantes direitos postaes, seguirá com este artigo para a amizade e para o archivo de Lucilo Varejão.

São Paulo, 1923.

Martim Francisco

(Do "Jornal do Commercio" do Recife).

## TALVERA DE PUEBLA

*Reproduzimos aqui um interessante artigo que o sr. Ronald de Carvalho publicou no "O Jornal" do Rio. De volta de sua recente viagem ao Mexico, trouxe-nos Ronald de Carvalho, um livro: "Entre Cortez e Cauhutemoc", no qual o autor estuda diferentes aspectos desse maravilhoso paiz, tão consciante de sua nacionalidade, desse povo admiravel, que olha com orgulho para um passado de civilização invejavel e tradições fortes. O artigo que hoje reproduzimos é o 2.º capitulo do livro de Ronald de Carvalho, tão ansiosamente esperado pelo publico.*

A poesia de "Puebla de los Angeles" é misteriosa como a das agrestes cidades hespanholas. Ha qualquer coisa de aspero e aggressivo na emoção que ella nos comunica. A paisagem vulcanica dos planaltos mexicanos, onde os arenosos vales se rasgam na molle ondulação dos comoços de gneiss e de grés, picados de cardos e "magueys" amargos, produziu uma sombria raça de mysticos e heróes.

Caldeando-se com os ibéros, o indio virgem refinou as qualidades nativas de energia. Ao primeiro relance de olhos, sem duvida o julgareis incapaz do menor atrevimento. Enxuto de carnes, desproporcionado de membros, meão de altura, a cabeça achatada, o rosto de zygomias salientes, illuminado por um olhar que se eseconde sob as palpebras pesadas, de pestanas breves, nada revela, no mexicano, a força recalçada e silenciosa da sua al-

ma profunda. E' um bronze rigido, cuja apparencia fria e immovel desconcerta. O sangue impetuoso do andaluz eloquente foi absorvido pelo metal patinado da estatua. O gesto esquivo, a palavra rapida, o riso sem alegria, quebram, por vezes, em descargas repentinas, as linhas sobrias, que logo se harmonizam nos relevos da figura.

Vê-lo, nos atalhos serranos, cortados de pedras agudas, bamboleando o corpo agil na garupa de jumentos pelludos, à testa dos longos rebanhos de bodes e cabras leiteiras, é um puro prazer. Tudo é decorativo, nesses espectaculos, em que os sentidos se fundem num mesmó diapasão de coloridos primarios. Chapeirões conicos de abas recurvadas, botões polidos, facas mergulhadas em chatas bainhas tauxeadas, botas altas, esporas de rodizios luzentes, toda a sua indumentaria é um brilho de clarões vivos ou furtivos de couros lustrosos e cobres limpidos. Chocalham as campanas no pescoço dos animaes, que saltam e cabriolam em pulos celeres, e o ar todo se arrepiã ao contacto do fogo amarello e vermelho que irradia dos "zarpes" de pendentes franjas.

O mexicano se desforra da melancolia, vestindo-se de luz. Seu mysticismo, como o dos velhos povos orientaes, é solar. Sente-se, nesse pendor do indio, como elle está perto dos elementos cosmicos, das lavas ardentes, das monotonias azues dos seus infinitos céos. Sua melancolia vem de um sentimento irrefreavel de liberdade, que não pode ser attingida, daquelle sen-



timento de liberdade a que o homem chega sómente pelo mais alto mysticismo esthetico ou religioso, ou pela maior plenitude de acção. Eis porque o mexicano possui o instincto do guerreiro, do santo e do artista. Sua alma é uma perenne fuga para essa realidade transcendente, em que o ser se confunde com o Universo.

O mysterio de Puebla transmite o contraste dessas tres categorias. Em cada casa, de largos paredões lisos, onde se entreabrem gradeados balcões, rasgam-se, nas frontarias, enormes portaes, adornados de escudos armilares e de imagens dos padroeiros das familias de antiga prosapia. A elegancia do risco senhoril assenta na solidez da materia prima. Nos pateos interiores, de alvas arcadas theatraes, jorram as fontes mouriscas em bacias de pedra lavrada, e não é raro apparecer, ao fundo das columnatas, uma theoria de pinturas muraes, em louvor dos feitos da linhagem ou das glorias da Egreja. Algumas ostentam nas cimalthas ou nos beirões, colubrinhas e canhões de fantasia, escudos, gorjaes, capacetes e espadas nuas, cabeças de ginetes bellicosos e armas de guerra em sarilho. Cada casa é, pois, um templo, um museu e uma fortaleza.

No centro da cidade, ergue a cathedral duas solemnes torres quadrangulares, com tres ordens de sinos. E toda aquella massa de granito cõe sobre a paizagem urbana como um desejo que esmaga o coração. Pelas ruas estreitas, de voltas subitas, giram os automoveis, entre porticos churriguerescos do seculo XVIII, onde as beatas, de negros "reberos", rezam indifferentes á Nossa Senhora de Guadalupe. Nas vidraças do casario, em que tumultua a tragedia latente da raça revel, vibra, em letras encarnadas, a febril inscripção: "Viva Cristo Rey!" A piedosa ternura do christianismo é, assim, substituida pelo grito de batalha, pela intrepida imprecação. "Cristo Rey!" E' o Deus do Apocalypse, o Anjo montado no cavallo scintillante, a durindana implacavel na mão inflexivel, entregando os despojos humanos á sanha dos passaros carniceiros. Aquelle "Cristo Rey" é um sacrificador azteca, para quem o sangue derramado lava a corrupção...

O segredo de Puebla, entretanto, não está nem nas egrejas, nem nos palacios solarengos, nem na penetrante nostalgia

dos seus conventos, enclausurados em parques de alamos, platanos e eucalyptus. Ahi o ser não se liberta das contingencias. Paira na mansidão do ambiente um refferver de impetos contrariados, um voejar de ambições inuteis. Ahi não se concertam os contrastes, mas vivem separadamente todas as dramaticas aspirações do instincto insatisfeito. Tudo ahi é melancolia. Os canticos de vespersas requeimavam, quando os ouvi, entre o zinzir das cigarras estivaes, uma resignação anciosa, de quem se não conforma com a realidade, e havia, nas vozes inquietas, um tom de blasphemia contra a vida.

O segredo de Puebla está nas suas fabricas de azulejos e faianças. Sem a imaginação dos índios de Tonalá, que são os maiores artifices da America, os oleiros poblanos elevaram as tradições da faiança iberica ao mais alto grau de finura. Ninguém poderá exprimir o indizível sabor das suas "talaveras". Vi todo o mysterio da arte, em sua expressão mais simples e grave, nas fabricas de Puebla.

Acurvado sobre o torno primitivo o indio é um transfigurador. Como no Gênesis, ao seu commando, anima-se o barro e a ordem domina instantaneamente. Na argila macia, pegajosa e informe correm-lhe os dedos adestrados. Ao impulso do pé ligeiro, roda o torno, e o artista, secundado por esse movimento inicial, cria o Universo do Cáos. Cylindros, pyramides, espheras, cones, surgem e desaparecem, no concavo das suas mãos; as linhas se recurvam ou se distendem, alongam-se, interrompem-se, unem-se, e nascem, num relampago, vasos de collos esguios, candelabros, pratos, jarras e copas de exquisito feto.

Emquanto, maravilhosamente incriveis, dansavam os contornos sob os meus olhos, num jogo inesgotavel de geometrias improvisadas e logo desfeitas, sem que o oleiro não pensava. Aquelle homem nunca soffrera, porque, sem procurar a essencia das coisas, elle as tira do não ser pelo prestigio das formas. O Verbo, que elle não tentara traduzir, convertia-se na acção, que o impellia e o movia vertiginosamente. Aquelle homem era, pois, a propria Realidade, o vir-a-ser continuo da apparencias, na sua transcendencia absoluta e perfeita.

Cantava no torno o estheta, e, no fogo



lento dos fornos crepitantes, cantava também a Terra, a mesma terra que, antes, era poeira e rolava na pata dos anões, e agora seria cantaro para a boca fresca e lasciva da índia de ventre fecundo. Cantava o homem porque se unira á terra, e cantava a terra porque voltava das mãos

do seu Criador para o milagre de um instante de perfeição!

E tudo era alegria ao redor de nós, porque aquelle homem era um deus...

*Ronald de Carvalho*

("O Jornal", Rio).

## A ILLUSÃO DA DEMOCRACIA

Tenho a sensação de escandalisar aos meus amigos brasileiros, quando lhes falo da democracia, nos termos rudes com que costume manifestar as minhas idéas e as minhas convicções.

Política e doutrinariamente, nada mais absurdo do que a democracia.

O numero não pode guiar a qualidade. A quantidade não tem o direito de aspirar a conduzir a superioridade. O progresso humano nunca resultou do esforço da massa anonyma, a qual é de sua essência, visceralmente anarchica. Quem fez progredir o mundo foi o trabalho intelligente e fecundo das elites.

Não chego a dizer, como Charles Maurras, que a democracia seja a inveja; mas também ella não é o progresso, a ordem, nem a autoridade. Observe-se o que se passou na minha patria, depois da guerra, quando a estúpida democracia socialista se acreditou victoriosa.

A Italia tornou-se presa da anarchia. O Estado, inseguro dos seus direitos, transigia com a opinião turbulenta de seus inimigos, pygmeus revoltados. Nitti, com a má fé de sempre, capitulava diante de Moscou, abandonando, na ordem interna, as milicias, que defendiam o Estado, ao furor sanguinario dos communistas.

Veio o fascio, como uma immensa lição de coisas.

E que coisa era o fascio, senão uma aristocracia nova, formada na guerra, a nobreza dos heroes, que, a golpes de espada, reconquistaram as fronteiras naturaes do Reino?

Mussolini foi o "leader" desta aristocracia, e, no dia que elle a chamou, sob as bandeiras, para lutar pela unidade da patria e pela ordem legal, as duas nobrezas, a do sangue e a das armas, se deram as mãos, para defender o patrimonio da nossa civilisação, com a perfeita con-

sciencia do nosso nacionalismo e dos deveres que elle nos impõe.

Uma aristocracia é uma condição da autoridade num paiz: e, mais do que isto, do espirito de sequencia, na sua ordem politica e social. Veja-se o papel da nobreza em França, coadjuvando com os principes, descendentes de Hugo Capeto, nesta obra maravilhosa, que é a unidade franceza. A França actual, que os republicanos tanto ignoram, é o producto dessa dynastia e da sua elite aristocratica que, durante dez seculos, lançaram as bases de um dos mais bellos panoramas de unidade moral, que o mundo ainda viu.

Vejo, nos jornaes do Brasil, que se attribue muito a grandeza da Inglaterra ás suas minas de carvão. Isto só é verdadeiro até certo ponto.

Dêsem á Inglaterra todas as florestas petrificadas, que ainda existem nas profundidades do globo; e, se ella não tivesse homens, com tenacidade, com espirito de iniciativa, para explorar-as, seria um paiz de segunda ordem. Esta crença do meio physico, como denominador commum da superioridade dos povos, anda muito exaggerada, por certos economistas e sociologos dados a phantasias.

Bem razão tinha o philosopho que dizia que os turcos pisaram seculos e seculos o mesmo solo da Grecia, e jamais produziram nada que se assemelhasse ás obras primas hellenicis.

A Italia teve dois emporões marítimos mundiaes, como Veneza e Genova, e, entretanto, nunca se descobriu hulha nas lagunas venezianas nem na riviera genoveza.

A Inglaterra é extraordinária, sobretudo, pelo valor da sua aristocracia. Não ha paiz no mundo contemporaneo que tenha um patriciado como este. Emquanto em França, depois da Terceira Republica, a aristocracia abandona o in-



teresse pelas causas nacionaes, e se limita a fazer uma existencia miseravel de "rentier", na Grã-Bretanha, a nobreza, máu grado o advento do socialismo até o poder, não se desinteressa da vida publica nem da vida pratica da nação.

Em muitos paizes decadentes da Europa, ser aristocrata é synonymo de uma mera vida vegetativa.

Na Inglaterra não. A aristocracia guarda todo o espirito de "chivalry"; é o instrumento elegante de doutrinas sociaes e politicas: estuda e cultiva as bellas letras; mas vive tambem na direcção dos bancos, das estradas de ferro, das industrias, discutindo problemas nacionaes, na Camara dos Lords, na dos Communs, movendo-se como uma grande força viva, que não quer achar-se alheia ao grave rythmo do progresso da nação.

Esta nobreza é a armadura do Imperio Britannico.

— 'Noblesse oblige', costuma-se dizer.

O nobre é, com effeito, um homem com mais deveres do que qualquer mortal. Que responsabilidade terrivel a carregar não será a de jamais desmerecer do merito que lhe foi reconhecido, a si ou a seus antepassados, por algum acto notavel ou qualquer serviço extraordinario á causa publica?

Compare-se na guerra, a conducta dos dois corpos de officiaes, austriaco e italiano. A Austria tinha uma porcentagem de nobreza muito pequena servindo no seu exercito. O seu corpo de officiaes não era uma elite, como o nosso.

Assim, quando a monarchia austriaca soffre o primeiro revés, falta-lhe á officialidade aquelle espirito de sacrificio, de desinteresse, que suppõe uma nobreza, consoa dos seus sagrados deveres para com a patria.

Charles Maurras tem razão, quando, na "Enquête" sobre a Monarchia, repete aquellas palavras do conde de Lur Saluces: "Ella (a lei franceza republicana) desconhece esta verdade psychologica: que os altos feitos dos paes incitam os filhos a não se mostrarem indignos d'elle". Realmente, um forte sangue, apurando-se, seleccionando-se e aperfeiçoando-se, através de varias gerações, que fonte perenne de energia creadora e generosa não é para a patria!

Admire-se o poder do Senado Romano e o da Igreja Catholica.

Quem assegura o poder de Roma antiga, a sua autoridade interna e externa, encarnando o principio da legitimidade, é aquella aristocracia severa, que governou a Republica, fez a sua grandeza, e só se viu em penumbra no dia em que Marco Aurelio a desmoralisou, elevando á dignidade tribunicia o seu filho Commodo, em vez de Claudius Pompeanus, o escolhido pela unanimidade dos senadores.

Da força da aristocracia negra seria quasi inutil falar. Durante toda a Edda Média, é ella quem preserva o principio da autoridade unificadora, na península.

Estas reflexões sobre o valor da aristocracia, como principio de ordem, para uma nacionalidade, occorrem-me a proposito da leitura, que acabo de fazer, do *Archivo Nobiliarchico Brasileiro*, organizado pelos barões de Vasconcellos.

E'me grato encontrar na America um livro deste feitio.

Eu amo este "Archivo" precioso. Porque ha nelle muitas raizes do Brasil, que conheço, e que muitos republicanos devem por certo ignorar, porque elles não costumam investigar o passado, para ahi encontrarem a explicação eloquente de tanta força, de tanta exuberancia, e tanta vitalidade, numa sociedade que elles não puderam ainda modelar, visto como a sua acção politica data apenas de tres decenios.

Pelo que infiro da leitura do "Archivo", a nobreza brasileira tinha um grande defeito, qual o de não ser hereditaria.

Aquillo que enthusiasinou o general Mitre, quando escreveu a historia de San Martin, e referiu-se á "democracia coroada" do Brasil, era antes um signal de fraqueza da organização aristocratica deste paiz.

Uma aristocracia que não é hereditaria, não é bem uma aristocracia, porque esta suppõe o tempo, a continuidade, e uma nobreza é coisa que se renova, que se augmenta, com a criação de novos titulos, como aconteceu na Europa, depois da guerra, mas não é coisa que se improvise.

Uma nobreza tem de ser um producto de hereditariedade e de selecção, graças a lentos processos elaborativos da parte do meio social.



O Brasil, dizem os barões de Vasconcellos, foi grande peços seus homens. Eu accrescentaria: o Brasil foi grande pelos seus grandes homens, isto é, por estes estadistas, soldados, proprietarios ruraes, banqueiros, cujos serviços á nação se encontram tão bem inventariados nas paginas interessantissimas deste archívo admiravel. E as minhas palavras não são mais do que um commentario destas outras, traçadas com tão clara visão psychologica dos elementos da grandeza de um Estado:

"Que não vejam elles, continuam os A. A., nestes titulares do Imperio, os privilegiados do sangue, os aristocratas intransigentes — elles o foram pelo valor, pela bravura indomita, no campo de batalha, pelo proprio esforço, nas grandes conquistas do Saber e da Honra; edificaram com a espada, com a penna e com a enxada o nosso amado Brasil. São os mais dignos de ser imitados."

Que bello modelo humano, com effeito, digno de ser imitado, entre os nobres do Brasil, não era, por exemplo, aquelle principe D. Luiz de Orleans, a quem os barões de Vasconcellos dedicam o seu optimo trabalho!

Por tudo quanto d'elle sei e li, não vejo mais admiravel exemplo, para ser offerecido ás gerações moças deste grande paiz. Recordo-me de ter visto em Cannes, duas vezes, o principe herdeiro do Brasil. Era um bello rapaz, forte, com olhar intelligente, e fazendo um contraste "frappant" com sua mulher, a princeza Pia, uma verdadeira italiana meridional, morena, de cabellos negros, prateados de fios brancos.

Nunca lhe falei; mas no dia em que me deram a ler o seu livro "Sob o Cruzeiro do Sul", não sei que profunda sym-

pathia me attrahiu, por aquelle principe exilado, que com tanto talento fazia livros de viagens, cheios de reflexões politicas e moraes.

A introduccão do "Archivo Nobiliarchico" só por si dá a medida destes dois benedictinos amaveis, que são os barões de Vasconcellos. São dois espiritos, que denotam uma forte cultura e uma extraordinaria capacidade de trabalho, sem demonstral-os com nenhuma erudição affectada. Escrevem numa linguagem elegante, sobria, em periodos incisivos e penetrantes, por onde se vêem os espiritos habituados ao convivio dos assumptos sérios, e amorosos das bellas coisas. Inventariando os serviços dos grandes vultos da historia do Brasil, os barões de Vasconcellos fazem no seu "Archivo", traçando de cada um pequenas aguas-fortes, num "raccourci" summario, em sentenças nítidas, através das quaes os conhecedores como eu, da historia do Brasil, sentirão a intelligencia familiar com os segredos da vida publica de dois seculos desta nacionalidade.

Um, vindo do passado, nascido na majestade do regimen, que consagrava a monarchia hereditaria, e o outro, tendo-se formado no meio das ideologias revolucionarias e dos erros peculiares ao regimen democratico — todavia, que extraordinario espirito de continuidade entre o pai e o filho!

Como um soube communicar ao outro, mau grado a differença de momentos historicos, a força duradoura e eterna da tradição, que por lhes ser desconhecida tantos povos se hão estiolado e succumbido!

Piera Bouvier

("Gazeta de Noticias", Rio)

## EM TORNO DE LUCILO VAREJÃO

*"Crê em ti; mas nem sempre duvides dos outros".*

MACHADO DE ASSIS

Ahi está Lucilo Varejão com o seu novo livro — *Teia dos Desejos*.

A leitura desses contos me dictaram umas tantas cousas que agora vou confiar ao leitor.

Confiar — vá a presumpção — se é que estas minhas reflexões já não tenham feito cócegas nos cerebros de outros. Em todo caso, não pretendo assumir a paternidade dellas. Nem sempre se pode chegar a semelhante conclusão.

O que assevero é que são umas reflexões, não sómente em torno do novo livro, mas tambem em torno de Lucilo, do que se tem dito e do que se dirá d'elle.



Causará exrhanheza, por certo, que comente alguém o que está ainda para ser dito. Mas, não. Quem conhece o espirito de nossa gente, a leviandade com que ella julga os problemas mais sérios, não estranhará. E' uma inferencia facilima.

Vejamos o que se tem dito de Lucilo Varejão.

Já se começa a falar das cousas daqui.

Pernambuco não é somente a terra classica da galanteria, como quer Elysio de Carvalho, que — valha a verdade — é uma figura de excepção no ambiente brasileiro.

Passada a geração de Tobias Barreto, que tanto ruido causou e tão beneficos resultados trouxe; passada a enorme pasmaceira que depois sobreveio, como se os espiritos estivessem ressacados do esforço anterior; passada a agitação academica e passada a phase de hibernação, um novo alento parece animar os moços.

Não me illudo, com certeza. Um como resurgimento intellectual desperta os espiritos, convida-os a espiarem a vida. Ainda é debilzinho o esforço. Mas é promissor — o que é a grande cousa.

Por isso é que ha atenções voltadas para Pernambuco. No Rio, Lucilo Varejão é conhecido.

Ha meses, Ronald de Carvalho, no "Mundo Literario", fazendo observações sobre o romance nacional, inclúe Lucilo entre os regionalistas.

Aqui veem as minhas reflexões.

Não me canso de gritar a inutilidade das classificações literarias. E' perfeitamente dispensavel todo trabalho neste sentido. As classificações surpreendem quase sempre pelo que ha nellas de arbitrio e de mentiroso.

Nenhum resultado, por fim.

Ronald de Carvalho salienta tres tendencias enre os romancistas brasileiros: a regionalista, a psychologica e a urbana.

Uns vão ao interior apanhar flagrantes dos pequenos nucleos sertanejos, com os seus scenarios ineditos, com a sua vida grosseira, primitiva, arrastada para um fatalismo doente, sem remedio.

Estes são os regionalistas.

Outros — os psychologos — tomam cada homem isoladamente e estudam o seu "caso", o que ha nelle de mais intimo: os caprichos e os imprevistos dos seus sentimentos.

Por fim veem os urbanos, os que re-tratam a immensa agitação dos centros populosos, onde as figuras, tristes ou rissonhas, passam e se confundem no mesmo turbilhão.

Em verdade, vemos as tres tendencias na literatura nacional. Apparecem, por vezes, escriptores mais propensos para uma das correntes.

Mas querer incluir todo escriptor numa dellas é querer cousa impossivel.

Ronald de Carvalho diz que Lucilo Varejão é regionalista, porque "desenha a physionomia das pequenas cidades nacionais, onde estão ainda vivos os remanescentes das velhas tradições da nossa familia".

Mas Lucilo, pintando o meio provincial, poderia ser um psychologo sem ser rigorosamente regionalista.

O regionalista, no sentido em que geralmente é tomado, é a literatura de costumes e typos, com accento dialectal, cores fielmente reproduzidas, tudo visto através do prisma inconfundivel que fornece o proprio meio.

Por esse regionalismo bem intencionado sentimos a vida do homem, vida torturada, vida humilde, que tem de vencer a impiedade da natureza para mais se assinalar.

Em *Pelo Sertão*, em *Urupês*, em *Vida Ociosa* vamos encontrar paginas de intenso regionalismo. Affonso Arinos, Monteiro Lobato e Godofredo Rangel são bem regionalistas quando trataram de assumptos da terra, com tiques e modismos caracteristicos.

Estes, sim.

Agora, será Lucilo Varejão um regionalista, se se der á palavra regionalismo o sentido que abrange os limites de uma literatura de mais vasta universalidade.

Toda obra tem, como traço fundamental, um quê de caracteristico, de original, um sainete typico que provém do influxo mesmo da terra que mais demoradamente serviu de scenario á vida de um escriptor.

O que vale dizer que a terra imprime no homem um feitio proprio que transparece a cada momento e que o acompanha irremediavelmente.

Assim, regionalista — tomado o vocabulo nesta accepção vastissima — são as grandes obras da humanidade.



Flaubert, Zola e Balzac, para exemplo, realizaram obras humanas, universaes, mas por isso não deixaram de ser francezes e, muita vez, estreitamente regionalistas.

Indago: quem sabe lá onde acaba o regionalismo para dar lugar ao universalismo?

\*  
\* \*

Não tardará muito que Lucilo Varejão seja appellidado o Zola brasileiro ou outra cousa semelhante.

E' um velho habito este. Com uma ingenuidade adoravel costumam os nossos criticos comparar A ou B aos vultos maiores do pensamento.

A proposito de tal ou qual romancista levanta-se uma controversia. A critica compara o romancista a Zola, a Prevost ou a Bourget. Disto discorda um certo cavalheiro, que além das suas qualidades de cavalheiro, possui a de critico. Não, o romancista em questão não é nenhum Zola, nem Prevost, nem Bourget, mas um Balzac, um authentico Balzac da sua época. A ultima encarnação do creador da *Comedia Humana*!

Não é caso unico. Os roda-pés veem peçados destas cousas.

Por isso não causará espanto se, mais cedo ou mais tarde, derem a Lucilo Varejão o appellido de Zola. Somente?

Até mesmo de Bourget. Não o compararam, outro dia, a Julio Dantas?

E' tão complicado o engenho humano...

Dahi, não é sem razão que commente agora o que se dirá futuramente de Lucilo. Os appellidos choverão, como se fosse o maior elogio ou a maior offensa deste mundo chamá-lo Zola, Bourget ou Julio Dantas.

Lucilo Varejão nunca tentaria o romance experimental ou a psychologia de certos francezes tão de gosto das meninas e de mais gente. Nunca tentaria, porque comprehende o absurdo das fórmulas rijas e invariaveis das escolas literarias.

Nada de proselytismo, nada de crédo em arte.

Reanimar velharias não é mais do que passa-tempo de bricabraquista já entrado em annos.

Lucilo Varejão, sem os austeros estudos

do professor Freud e outros estudos pesados vae creando a sua obra.

Não terá razão o abbade Jérôme Coignard em dizer, com o mais encantador scepticismo, que o conhecimento humano não passa de méra phantasia de nossos sentidos?

De Lucilo direi que é um espontaneo. Um annotador das cousas da vida, muito simples e muito humano.

Considerá-lo um realista, como o teem feito, seria erro. Para o analysta falta-lhe ainda uma certa dóse de serenidade, de frieza mesmo, necessarias ao dissecador das virtudes e vícios humanos.

Não raro tenta Lucilo sobrelevar-se ao sentimento, fazer-se indifferente á dôr, mas acaba por interessar-se pelo destino do homem e é com uma doçura commovida que se aproxima d'elle, para sentir as mutaveis colorações da vida.

As imagens — felizes ou dolorosas — elle bem as sente e bem as comprehende. Dahi a sua sinceridade.

E' assim Lucilo Varejão: a sua intelligencia anda está estreitamente jungida á sua sensibilidade. Apartar uma da outra é obra lenta. Então Lucilo, com o predominio da intelligencia, terá uma immensa superioridade.

Na vida actual, de utilitarismo absorbente, é um caso raro este de Lucilo. Nem lhe passa pela mente a lembrança de proventos. Da sua bocca jamais ouviríamos aquella confissão que outros ouviram de Maupassant.

\*  
\* \*

Tenho a minha attenção voltada para Lucilo Varejão desde o apparecimento d'*O destino de Escolastica*.

Neste romance, apesar dos altos e baixos — cousa facilmente comprehensivel numa estréa — sentia-se já o escriptor forte que viria depois, aplacado o impulso da idade, feita a acquisição de novas faculdades.

E assim foi. Deu-nos o segundo romance *De que morreu João Feital* — não direi mais interessante no entrecho, mas certamente melhor observado, de forma mais esmerada, sem o preciosismo das expressões que tanto afeiavam o seu primeiro livro.



Agora com *Teia dos Desejos* apparece Lucilo mais revigorado. Nenhum signal de enfesamento. Uma vitalidade pujante desprende-se da sua arte. Cada vez mais se aprimora. Ganha cada vez mais em suavidade, em pureza de contornos.

O autor d'*O destino de Escolastica* não se desmentiu. Em poucos annos será dos melhores romancistas.

Inda bem que ha quem se interesse por esse genero literario, tão desprezado e tão mal comprehendido entre nós.

O romance no Brasil é como disse: mal comprehendido. Não passou, a principio, de simples jogo de situações, insustentaveis as mais das vezes, que bem afinavam com os leitores da época. Era o romance recatado dos salões e das meninas cheias de pudor.

Por fim, vinha o infallivel casamento solemnemente celebrado, que tudo sana e tanto sossêgo traz aos corações ansiosos.

E' Macedo, é Bernardo Guimarães, é Alencar com as flôres murchas de um romantismo mais murcho ainda.

O que admira, porém, é que hoje, apesar da rajada forte de zolismo, ainda andem, por ahí, Macedos resurgidos, a comporem prosa e verso em desenxabido lyrismo.

Aluizio de Azevedo foi a nota de escandalo. Esvurmendo as podridões das esterqueiras, numa grosseira interpretação do realismo, contribuiu para o desvirtuamento da Arte.

Machado de Assis, Gonzaga Duque e Raúl Pompeia são os maiores nomes do romance brasileiro.

A alma humana foi o motivo da arte de Machado de Assis.

E' elle mesmo quem diz: "a natureza não me interessa; o que me interessa é o homem".

Elle abriu os olhos para o mundo em torno e ficou decepcionado. Ante o triste destino do homem e a melancolica caravana da vida, Machado de Assis sorriu.

Sorriu. Sorriso de commiserção, de bondade, de desillusão. Mixto amargo que era o estôfo da sua attitudo de desencantamento.

Os seus livros ahi estão saturados deste scepticismo amoravel e benevolente de que foi mestre unico entre nós.

Appareceu o Lima Barreto com uma percepção muito aguda, apto para realizar

uma obra verdadeiramente notavel. Nelle ha paginas encantadoras, lindissimas e paginas toscas, verdadeiramente detestaveis.

Desencantado, sorrindo amargamente aqui, apaixonado, fervoroso, ridiculo mesmo noutra parte — ainda assim — individualidade exquisita e contradictoria, é Lima Barreto um symbolo, um perfeito symbolo, no Brasil.

De Lucilo Varejão ainda ha muito que esperar. Nenhum escriptor começou de maneira mais promissora. Com a aptidão segura para a ficção, Lucilo fará obra definitiva.

Até agora, a começar d'*O destino de Escolastica*, apenas nos tem dado esboços de figuras. Esboços seguros, perfeitamente reaes, mas sem a força desses que ficam gravados e que jamais se esquecem.

Machado de Assis deixou-nos uma immensa galeria.

Polycarpo Quaresma e Gonzaga de Sá, de Lima Barreto, são typos bem estudados.

O João Feital, fê-lo Lucilo Varejão com traços firmes. E' o hmem singularmente bom no torvelinho da maldade dos outros homens.

Resaltam nos romances e contos de Lucilo, certas figuras soffredoras, que não choram, não imprecam, nem se maldizem, mas em quem se adivinham, pelos olhos pisados e pela angustia de physionomia, dores fundas que consomem atrozmente.

Lucilo Varejão vae pouco a pouco se desinteressando pelo scenario em que se movimentam os homens.

Machado de Assis não se embriaga com os aspectos exteriores do mundo. Os espectaculos da natureza deixavam-no indifferente.

Não ha propriamente esta incapacidade em Lucilo. O que surpreende nos seus trabalhos é que elle vae alijando os exaggeros descriptivos.

Vae a pouco e pouco deixando á margem esses continuos extasiamentos ante a paisagem.

Os crepusculos tristonhos já não o impressionam a ponto de ficar succumbido dentro das tintas melancolicas do ambiente.

Não digo que se vá á inteira indifferença do Mestre. Em tudo sobriedade. As pequeninas telas sem accumulos de côres,



rasgadas quando conveem, arejam, dão um ar de agradável remanso.

\*  
\* \*

Referindo-me especialmente ao ultimo livro *Teia dos Desejos*, pouco mais terei que acrescentar.

Tudo o que poderia dizer delle, fi-lo atrás. Apenas farei uns ligeiros reparos.

Tenho que o traço de certas psychologias nem sempre é verdadeiro.

Não serão discutíveis certas attitudes em *A desgraça de envelhecer*? Aquella subita transformação do velho, por exemplo...

A *Resurreição de Eugenio Gambôa* toma a metade do livro. E' tecido em torno da maldade de um homem. Ha paginas de mestre nelle.

Mas, não teria sido demais aquella scena da mendiga? Lucilo Varejão visou o contraste brusco. Não foi espontaneo. O effeito foi máu.

Ainda: Lucilo teria achado mesmo que o Tonhão demittido e pesaroso, sentado á semi-sombra da sala de jantar do Eugenio, lembrava "assim mastodontico e inclinado, o *Penseur* de Rodin?"

O Tonhão, com certeza, não retratava na physionomia toda aquella complicada tortura que tumultuava no cerebro do *Penseur*. O Tonhão não retratava, como tam-

bem era impossivel ter lido *L'esprit des lois* através de Montaigne (1).

Volto a affirmar o que disse atrás: Lucilo Varejão não abandona os desgraçados, interessa-se pela sorte dos que soffrem o enorme peso da vida.

Neste conto Lucilo impelle o Eugenio Gambôa á maldade, á ingratidão, ao impudor e mais misérias, mas ao cabo, comovido, volta com elle cheio de arrependimento, com ternura, lagrimas nos olhos, até Ida que o não havia esquecido ainda.

Surpreendo um fundo e ingenuo lyrismo no final. Alguem já o havia notado. Mas ninguém notou por que.

Permanece em Lucilio Varejão um grão-zinho, um resquiciozinho de romantismo reportando uma vez ou outra.

E' facto conhecido que em Zola jamais desapareceu o romantico. Por isso saiu-se Lucilio com aquelle final de conto.

\*  
\* \*

Ahi ficam estes reparos.

Poucos são elles para o conjuncto.

Porque todo *Teia dos Desejos* reflecte belleza.

Com Machado de Assis, Gonzaga Duque e Raul Pompeia, pertencerá Lucilo Varejão á mesma estirpe de nobres.

Recife, 15-3-1924.

Sylvio Rabello

## O ARCEBISPO DE S. PAULO, HISTORIADOR

(*A physionomia de um prelado brasileiro*)

Estão publicadas em livro as eruditas conferencias sobre historia nacional que o Exmo. Arcebispo de S. Paulo pronunciou por occasião dos festejos do centenario de nossa autonomia politica.

A esta hora o livro já terá penetrado na maioria dos Estados brasileiros.

Li os estudos de S. Ex. como farão todos os amigos de nosso passado historico, como farão todos aquelles a quem chague este trabalho notavel: com admiração crescente, estudando e meditando certas paginas de mais alta inspiração e de mais luminoso descortino.

Como o illustre ethnographo Oliveira Vianna, o Arcebispo de S. Paulo pro-

curou no seu trabalho fazer vir á tona e desprender-se a enorme reserva de vida latente contida nos codices empoeirados de nossos archivos e nas paginas dos velhos chronistas coloniaes, de modo que a nossa historia (neste capitulo eloquente da influencia do clero nacional) se mostrasse o que ella realmente é: uma obra bella, heroica e viva de intelligencia e coração.

Elaborou o illustre autor com felicidade rara uma das syntheses mais perfeitas e mais eloquentes da historia ecclesiastica no Brasil em suas relações com os movimentos libertarios que levaram a raça até á autonomia completa.

E soube fazel-o com tanta segurança, tanta erudição, tamanho desafoço e largueza de vistas que se pôde affirmar sem



receio de engano ter S. Ex. construído uma obra que vai desafiar o tempo. Tanto quanto é dado á fragilidade do espirito humano adiantar uma previsão, estou seguro de não cair em phantasia formulando tal juízo.

Tempo virá, piamente o creio, em que muitas paginas deste livro de S. Ex. passarão para os annaes civicos, para os sermonarios, para as anthologias — estas urnas preciosas em que os povos tentam recolher e guardar as joias mais peregrinas e os mais raros diamantes de seu pensamento litterario, ou de sua expressão cultural. São trechos que por largo tempo hão de forçar a attenção dos que sabem sentir a belleza profunda do patriotismo. E' tão suggestivo e delicado o encanto harmonioso que por sobre elles fluctua luminosamente! E' tão fertil de inspirações nobres, é tão sulcado de espiritualismo o sopro que os faz vibrar!

E' que ha uma alma no livro de S. Ex.

E eu conheço muitos livros que não têm alma.

Ha nas paginas que S. Ex. tecu ao debruçar-se nas galerias do nosso passado historico uma alma que vibra e clama com aïdor na evocação de altos feitos de nossa raça e na recomposição do longo martyrologio de nosso clero, através da fermentação da nacionalidade. E com que fervor carinhoso procurou o arcebispo ler o passado de nosso clero, com quanta paciencia admiravel teceu aquelles capitulos nobres, carregados de amor da patria!

Ha uma especie de embriaguez entre o escriptor e a these quando esta o empolga e o commove.

E como poderia um bispo, com a visão do prelado paulistano, versar um capitulo tão expressivo de nosso passado historico, resuscitar figuras tão expressivas de nosso clero, sem communicar a estas meditações o "frisson" e a flamma de um civismo robusto e sadio, que a religião depura e retempera e alarga e sacrifica?

O livro de S. Ex. sobre o clero e a independencia é destes que serão motivo perenne de ufanía para o patrimonio já digno de apreço de nossas lettras historicas.

Em paginas castiças, de elegancia rara, fixou S. Ex. os aspectos mais suggestivos e emocionantes das manifestações

do sentimento civico nas fileiras do clero nacional, através de quasi tres seculos de vida nacional.

A historia de nosso passado religioso nunca mais poderá ser feita sem consulta prévia a estes juizos e pesquisas que S. Ex. acaba de fixar e perpetuar em livro.

O clero brasileiro tem nas paginas de S. Ex. a expressão sonora e lucida, carinhosa e commovente de seu passado glorioso na jornada sangrenta que levou a alma da raça ao arranco sublime das margens do Ypiranga.

D. Duarte Leopoldo é, positivamente, um dos constructores mais delicados e mais sabios da Historia civica de nosso clero e no Grande Templo da Historia Nacional poucos prelados ou sacerdotes no paiz saberão ou poderão ser um "ciceroni" tão amavel, tão instruido e tão seguro através da galeria em que estão sorrindo tantos paladinos da religião de Christo e da religião da Patria.

Ha no trabalho de S. Ex. algumas paginas que estão merecendo um commentario e um relevo especiaes; alli se affirmam um facto, uma finura e uma penetração singulares que hão de constituir perennemente um dos titulos honrosos da penna do Sr. D. Duarte.

São os trechos em que S. Ex. formula e expande seu julgamento e sentença diante das figuras historicas de certos sacerdotes que foram heroes e martyres do patriotismo e que, infelizmente, esqueceram, ás vezes, na vida publica, os dictames e a voz da Egreja.

Em certos padres que combateram pela liberdade da Patria, o ardor das idéas levou-os ao turbilhão das lutas humanas... Elles procuram o apoio dos homens para a realização de seus sonhos e a atmosfera do mundo foi nociva ás suas batinas. Dahi por vezes o arrefecimento dos espiritos, os eclipses.

Meu Jesus!

Tenho tido ensejo de estudar algumas almas sacerdotaes, destas grandes almas que foram focos irradiantes no seu meio ou no seu tempo!

Como é difficil, como é erigido de espinhos, de escuridão e de interrogativas não raro dolorosas o trabalho de fazer psychologia nos dominios da historia!



Que labyrintho escuro e ingrato, o coração do homem! Era Alexandre Herculanio quem lembrava com finura que é mais difficil decifrar o passado do que o futuro.

Eu lia, ha poucos dias, um capitulo cuidadoso e documentado sobre uma das figuras ecclesiasticas da historia do norte brasileiro:

Ao chegar ás ultimas paginas, eu estava com a alma em sombras. Crescia-me dentro do espirito a mesma impressão do epilogo de certos dramas pungentes de psychologia de Bourget: a sombra povoada de gemidos crueis, a amargura desolada sem uma perspectiva, sem um clarão, sem um raio de esperança, a treva sinistra das situações inappellaveis, a catastrophe, o naufragio, o abysmo... E eu repetia para sahir da sombra daquella pagina:

"Ah! meu Deus, como a Justiça divina deve ser differente da justiça dos senhores historiadores!" Lembro isto para frisar que a impressão das paginas do metropolitano de S. Paulo é inteiramente opposta... Ellas respiram elevação e serenidade. A attitudo de S. Ex. é a dos que não se apressam a condemnar, porque estudaram muito as regiões do coração humano, conheceram muito e meditaram tambem muitissimo!

A serena imparcialidade dos juizos exarados neste livro delatam largueza e nobreza no espirito do autor.

Julgando alguns dos padres de 1817 e 1818, outros corypheus da liberdade patria, S. Ex. não perde o senso da "nuance". E' bem de ver que no critico de historia, como no jurista, este senso anda sempre unido á capacidade de descobrir, conhecer e pesar bem as influencias ambientes, as aggravantes ou attenuantes, os moveis remotos, as razões possiveis ou entrevistas de um gesto, de uma attitudo, todos os factores, emfim, que explicam a linha de uma vida ou definem o alcance de um acto... E com o conhecimento destes factores, a força de não perdê-los de vista... Conheceis, leitor amigo, o livro de João Francisco Lisboa sobre o Padre Antonio Vieira? E' um livro cruel, implacavel, duro, ferino, rancoroso. Fôra melhor que nunca tivesse nascido. Um livro daquelles em vez de prejudicar o ac-

cusado anniquilla o prestigio de um autor. De que serve ter intelligencia e revelal-a quando o coração é máo, quando os processos patenteiam no escriptor a mesquinha desolação de uma alma feroz e ulcerada?

Não são estes os processos, não é este o prisma do historiador paulista em sua monographia magistral sobre a actuação do clero brasileiro no movimento da independencia.

O Exmo. D. Duarte seria forçosamente levado em seu livro a pronunciar-se sobre alguns heróes da liberdade, sacerdotes de renome em cuja attitudo publica não raro pairaram sombras.

E lembra S. Ex. immediatamente que tudo aquillo que aquelles sacerdotes possuiram de bom, digno de applausos e elogio vinha exactamente de suas batinas, da seiva da religião, das riquezas espirituaes e moraes ou digamos das sementes preciosas que a S. Igreja havia depositado naquelles corações e de um modo ou outro haviam frutificado. S. Ex. Revdmo, pondera com felicidade e penetração que tudo que se encontrou de mal, de censuravel ou criminoso naquelles padres surgiu ou promanou do contacto menos acautelado com os homens, com as suas agitações, a sua politica, os seus apaixonamentos e preconceitos, seus mundanismos, com a atmosphera sinistra e nem sempre calma e tranquillada das lojas maçonicas e sociedades secretas, numa palavra com o terra-terra das ambições e dos horizontes humanos...

Eu já tinha conhecimento deste pensamento que é de facto avisado e tão feliz na penna de um arcebispo historiador.

Ouvi-o eu mesmo, uma vez, dos labios de S. Ex. Não posso nesta hora fugir ao doce influxo daquella reminiscencia encantadora. Reavivemol-a.

Recordar o ambiente de S. Paulo será sempre um dos encantos de minha vida.

Penetrei um dia a Curia de S. Paulo.

Era a primeira vez que eu me aproximava do Exmo. metropolitano da terra dos Andradas. A Curia de S. Paulo é uma das pequenas maravilhas de gosto e porque não dizel-o? de riqueza intelligentemente applicada na capital do ouro verdadeiro. Sua Exa. o Cardeal Gasquet, um dos grandes archivistas dos tempos modernos, admirou-a, affirmando publicamen-



te que é uma das cousas perfectas que o mundo conhece ou que elle conheceu no mundo.

Aquellas escadarias marmoreas, aquellas columnas e bustos e relevos, e imagens, tambem de marmore, aquellos mosaicos caprichosos, aquellos retratos a oleo em ponto grande, aquellos vitraes artisticos, aquellas cadeiras de alto valor historico pela antiguidade, aquellos reposteiros, aquellas cortinas, aquellos ricos trabalhos de estuque, aquellos tapetes, aquellas pinturas e entre ellas alguns quadros de uma graça exquisita e de um gosto apuradissimo, formados por famosos artistas nacionaes, aquella ornamentação que é cheia de belleza sem perder o traço de suave religiosidade de um gabinete ecclesiastico, todo aquelle conjunto de ordem, de asseio e divisão, de gosto e organização, de methodo, faz da Curia Paulistana o mais rico, o mais completo e o mais perfeito archivo ecclesiastico da America Latina. Trabalha naquelle ambiente a intelligencia de um prelado que tanto sabe dar apreço a uma ogiva gothica e a um capitei corynthio como a uma pagina de Oliveira Vianna sobre ethnographia nacional; alli medita um brasileiro que tanto é capaz de construir a matriz de Santa Cecilia, verdadeiro santuario de piedade e de arte religiosa, como presidir a uma sessão do Instituto Historico de São Paulo ou escrever um volume sobre as lições do Calvario; vive alli a actividade robusta de um arcebispo que tanto sabe organizar e crear cinco bispados de uma vez no seio de sua vasta diocese, como escrever um livro sobre a Concordancia dos Santos Evangelhos, acompanhado de notas e commentarios que denunciam o erudito no assumpto; alli trabalha uma alma de sacerdote que tanto sabe preparar e realizar o primeiro congresso eucharistico e o primeiro congresso mariano que se fizeram no territorio nacional, como tecer a pagina magistral sobre a influencia do clero catholico nos grandes movimentos libertarios que levaram de roldão e reduziram a pandarecos o dominio portuguez neste lado do Atlantico.

Penetro no gabinete do Exmo. arcebispo, Eis-me diante desta figura de Prelado que tantos annos de trabalho intenso, tantas fadigas, tantas angustias não curva-

ram nem abateram; o respeito domina-me, apesar da affeição sincera e silenciosa que eu sempre lhe consagrei de longe.

Na estatura e na physionomia, e creio que tambem no espirito, ha muitos pontos de affinidade entre D. Duarte e o Monsenhor Ireland, até pouco uma das figuras excelsas do episcopado na America do Norte.

Rosto magro, estatura muito alta, gestos vivos, muito vivos, andar vagaroso e passos lentos, como se estivesse na liturgia de um pontifical, cabellos branqueados numa cabeça relativamente pequena, voz velada sem resonancia, palavra facil, rica de suggestões, reminiscencias e perspectivas sem descahir para a fantasia e o sonho, olhar penetrante, de luz forte através dos vidros do pince-nez, do qual apenas usa quando vai ler. Ah! o olhar... aquillo em D. Duarte chammeja, por vezes, com intensidade... sente-se naquelles olhos a irradiação de um espirito acostumado a meditar muito, a procurar com ancia e teimosia a solução de problemas graves e torturantes. Em certos olhares espelha-se por vezes a immobildade sinistra dos pantanos; em outros olhares, a labareda crepitante das fogueiras... Tem por vezes destes reflexos o olhar de D. Duarte nos trechos mais animados de uma palestra.

Palestrou S. Ex. sobre o movimento religioso em S. Paulo, sobre architectura sacra, sobre a cathedral em construcção da archidiocese de S. Paulo, objecto das preoccupações mais carinhosas e mais absorventes de S. Ex. creio que ha mais de doze annos, templo maravilhoso que vai ser o 6.º ou o 7.º do mundo civilizado em dimensão, riqueza architectonica, majestade esculptural e belleza artistica...

E a palestra derivou para os dominios da historia nacional... Fiquei attonito, perguntei depois a mim mesmo como é que um Arcebispo tão occupado achou tempo, conseguiu achar tempo para estudar e aprender tanta cousa sobre historia brasileira...

A erudição de S. Ex. neste terreno é superlativamente variada e rica.

Sobre o passado do clero nacional, S. Ex. tanto cita de memoria um trecho do velho Jabotão, como uma pagina de Sacramento Blacke ou de Pereira da Costa; tan-



te repete a biographia de Azeredo Coutinho, como sabe contar o itinerario minudente do cortejo que levou Fr. Caneca ao supplicio derradeiro. Foi então que S. Ex. expoz a these que veio a ser depois um dos pensamentos mestres deste livro que estuda a participação do clero na historia do paiz. Muitos padres brasileiros derramaram sangue, soffreram pela causa da liberdade nacional, pagaram muitos com a vida o terem acalentado o sonho da independencia desta terra immensa.

Aquelle baptismo de sangue, o heroismo ou o soffrimento daquelles homens cruelmente trahidos, aprisionados, exilados, degradados, infamados, acorrentados e suppliciados por uma causa tão nobre e tão sagrada como a causa da patria, não valerá por ventura, como uma expiação, uma purificação completa diante do olhar divino, não valerá tambem como uma reabilitação completa diante da posteridade?

Si erraram, não deixaram de ser sacerdotes... e o melhor que floresceu naquelles espiritos tudo o que elles puderam consagrar á causa da patria veio, por certo, das riquezas espirituaes do sacerdocio que exerciam.

Foram grandes não por terem esquecido a nobreza de suas batinas, mas porque beberam nas altas inspirações do sacerdocio catholico o segredo do heroismo nos bons combates, pela causa sacrosanta da nacionalidade.

Vejo agora consignado o juizo de S. Ex. neste livro nobremente povoado pelas vozes e figuras do nosso martyrologio nos caminhos da liberdade.

Ha hoje no clero brasileiro um grupo de padres e prelados que se vem notabilizando na tarefa louvabilissima de resuscitar os vultos e os factos de nosso passado religioso. Conego Carmo Barata sabe decorada a historia ecclesiastica de Pernambuco. Conego Christiano Muller sondou magistralmente todos os recantos do passado religioso da Bahia. Conego Severiano, na Parahyba, Padre Teschauer, no Rio Grande do Sul, Ezequiel Galvão em S. Paulo, D. Silverio em Minas, D. Francisco Silva no Maranhão (estes dois falecidos não ha muito), Alfredo Pedrosa na historia literaria pernambucana — publicaram monographias e livros de valor indiscutivel, obras que são fruto de pes-

quisas fatigantes, de mezes, e até annos. E estes padres e bispos constituíram-se figuras de relevo na pleiade brilhante de nossos historiadores religiosos.

E dizem-me que Monsenhor Alves dos Santos está escrevendo paginas preciosas sobre o passado religioso da Archidiocese do Rio. Agora o metropolitano de S. Paulo vem trazer contribuição de alto folego para a construcção definitiva de grandioso monumento da historia religiosa da nacionalidade.

Os bispos são doutores da fé.

O arcebispo D. Duarte tem mais um titulo a ennobrecer-lhe o espirito: é um dos doutores de nossa historia.

A historia ecclesiastica no Brasil avançou mais nestes ultimos dez annos do que nos 100 annos do seculo.

Sahi da Curia de S. Paulo admirando ainda mais a capacidade formidavel de trabalho do Exmo. arcebispo e a sua resistencia singular ao peso das fadigas.

Vejo agora que resvalei para o estudo de alguns traços da physionomia do autor em vez de me restringir á admiração e ao louvor do livro sobre o clero e a independencia. A tentação foi muito forte; não pude conter-me... A actividade multiplicada e a resistencia do prelado paulistano através de tantos annos de serviço porfiado são simplesmente formidaveis.

Elle é por certo um dos trabalhadores de maior folego entre todos os homens publicos do Brasil de hoje, tanto pelas obras e reformas que tem realizado no seu posto de metropolitano, visando a elevação moral e santificação de seus patricios, como pelas paginas que vem multiplicando em livros e monographias pela glorificação de nossa historia e pela diffusão do reinado social do Christo nas camadas intellectuaes de nossa patria.

Como os archivos de Londres e do Vaticano conheceram a presença incançavel e perseverante do cardeal Gasquet, assim tambem os archivos de S. Paulo conhecem o pesquisador amigo que tantas horas esquecidas tem passado entre livros e estantes empoeiradas, procurando adivinhar e escutar com amor a voz solemne do passado.

D. Duarte escrevendo sobre os heroes da Independencia e os padres de 1817, faz-me lembrar D. Silverio escrevendo so-



bre o passado religioso de Minas Geraes ao tempo de D. Viçoso. A história os fascina!

No capítulo II da 2.<sup>a</sup> parte de seu livro magistral, o grande Oliveira Vianna, um dos mestres modernos da nossa geração de pensadores e publicistas, aponta e salienta a existencia destas famílias que têm dado ao Brasil uma l'nhagem de authenticos grandes homens notaveis pelo vigor da intelligência, pela superioridade do character, pela audácia e energia da vontade, famílias que continuam a fornecer bellos typos de superioridade intellectual e moral ás nossas lettras, ás nossas industrias, ás nossas sciencias, á nossa politica...

O valor destas figuras superiores vem robustecer a presumpção, a quasi certeza de que na formação da nacionalidade as altas qualidades da raça dolico-loura armaram tendas no Brasil, amalgamaram-se ás qualidades do celta e vieram revigorar, retemperar e fecundar o sangue de nossa raça.

Euclides da Cunha, commentando grave erro, fechou em tão sinistros horizontes o porvir de nossa raça!

Pretendeu lavar a condemnação do mestiço e annunciar com ella a *debacle* da raça!... Até os gen'os dão cabeçadas!

Ha quem prove e aponte, com os dados da sciencia, as reservas poderosas desta raça malsinada, que escreveu a estrophe dos Guararapes e a epopéa das bandeiras.

Ha quem desvende e aponte perspectivas luminosas, provando que ella pode avançar para realização de altos destinos no seio da communhão humana.

Como ceder ao pessimismo, como descer da raça diante das forças tempestuosas de um Domingos Jorge Velho, diante da graça hellenica de um Nabuco, diante do heroismo sereno e inflexivel de um D. Vital, diante das energias constructoras de um Santos Dumont, diante da imaginação artistica de um Benedicto Calixto, deante da capacidade formidavel de trabalho de um D. Duarte Leopoldo!!...

S. Ex. surgiu nestas mesmas camadas sociaes que desde os tempos de Piratininga e das bandeiras têm dado tantas figuras robustas e admiraveis ao desbravamento de nossa terra e á construcção de nossa patria.

Pela capacidade de trabalho o arcebis-

po de S. Paulo é um typo representante de nossa raça. Não ha escurecer a superioridade intellectual e moral de S. Ex. Revdma.

Si alguém me perguntasse em nossos dias qual o prelado que, a meu ver, estaria no caso de representar o clero nacional na Academia Brasileira de Letras, eu responderia sem pestanejar: "Ha muitos que são dignos, ha muitos que merecem, mas opino que, no seio daquelle Cenaculo, o clero brasileiro e nossa litteratura religiosa não ficariam mal representados na pessoa do historiador do clero nacional."

\*  
\* \*

Não é licito estender-me ainda.

O ensinamento altissimo que se desprende da vida afanosa do Exmo. arcebispo de S. Paulo é a lição do sacrificio.

Ha pouco eu lia trechos esparsos de um escriptor que, infelizmente, não seguiu os caminhos de Roma, porém foi beber no Evangelho a inspiração de varias paginas, entre as muitas que publicou. Elle diz da belleza divina do sacrificio com elevação e eloquencia; está nestes periodos a definição luminosa e alta, ou melhor o traço mais expressivo da physionomia de D. Duarte Leopoldo. "O sacrificio é a força do mundo".

E' preciso ensinal-o a todas as gerações. Que vale um homem? Vale o que elle oferece de si mesmo.

A noção do sacrificio é uma noção vital. Tudo o que a humanidade possui de bom deve-o áquelles que souberam sacrificar-se.

Renuncia, dedicação, abnegação dolorosa, anniquilamento por uma das faces é conquista, florescimento, engrandecimento por outra face. E' uma fome que nutre, uma sede que faz brotar nascentes; esta noite gera o dia; nesta morte germina e desabrocha a vida.

Ha no sacrificio uma força creadora e uma belleza imprecivel.

O que elle não inspira não contribue para o bem geral.

As existencias exclusivamente pessoas são peso morto na balança em que se pesam as realidades..."



Como fazer viver a liberdade, a justiça, a verdade, como tornar gloriosa a pátria, como attrahir os homens ao caminho de Deus? Pelo sacrificio...

Creio que este é o titulo mais bello e mais nobre do metropolitano paulistano. Os grandes sacrificios e a dedicação perenne só se explicam pelas grandes virtudes. D. Duarte Leopoldo tem sido a lição viva do sacrificio e do trabalho continuado.

Desta abnegação teimosa, destas renuncias e esforços, não raro doloridos, tem desabrochado para muitas almas a belleza e a vida.

Este neto daquelles bandeirantes que procuraram uma pátria livre nos sertões remotos um dia sentiu a fascinação dos corypheus que derramaram o sangue pela liberdade nacional.

Escreveu-lhes a historia dolorosa e resplendente.

Na physionomia do livro reproduziu-se o traço luminoso da physionomia do prelado: desvendam-se num e noutro as bellezas moraes do sacrificio.

Celebrando no cemiterio uma hora vibrante de civismo e fé, D. Duarte Leopoldo escreveu a historia do sacrificio, da abnegação, do esforço heroico, tecendo com affecto aquellas paginas doloridas e com-

moventes em que revivem os grandes sacerdotes que foram legionarios da Patria e que numa terra escravizada souberam padecer e morrer pelo sonho da liberdade...

O sacrificio que plasmou a alma de um prelado plasmou tambem a alma de um livro. Bemdito livrinho! Bemdita inspiração!

Tambem não é de extranhar que no terreno do trabalho desassombrado, da coragem perseverante, da resistencia indomavel, do esforço persistente, do sacrificio, a raça vá encontrar expoentes soberanos, figuras representativas no seio dos filhos dos bandeirantes...

A epopéa das bandeiras foi tambem o poema do sacrificio. E devia deixar sementes que germinassem.

A vida do sacrificio deste bandeirante de Christo, que agora occupa a séde metropolitana de S. Paulo, tem sido no seio da raça uma grande força creadora. Demos graças a Deus! E com que belleza austera esta força vem affirmar-se desta vez nos dominios de nossa litteratura historica.

L. V.

*Padre Heliodoro Pires*

(*Jornal do Commercio*, de S. Paulo.)

## LASAR SEGALL

A exposição das pinturas do celebre artista russo Lasar Segall, á rua Alvares Penteado, n. 24, dá mais um vibrante exemplo dessa inquietação, que é talvez o aspecto mais saliente do espirito contemporaneo.

Embora a evolução desse pintor seja una e não se disperse em procuras ás vezes contradictorias, como se observa na obra dum Picasso, a descoberta da arte pura produziu nella um profundo abalo, que lhe desviou totalmente a directriz. Mas em vez de fugir da propria inquietude e, fazendo calar o coração, cahir na abstracção scientificamente defensavel de Gleizes, de Kandinsky ou de Baumeister, Segall teve esse grande merito de se reconhecer a propria inquietude, de observá-la e de procurar resolvê-la dentro das formas da vida e dos ardores do sentimento..

Convém não abusar da palavra inquietação. Ella póde encobrir ás vezes o maldito diletantismo, que exclue a sinceridade e o amor. Nunca estará no respingar theorias do passado e imital-as. O homem segue para deante sempre, embora deva reconhecer sem pejo, soluções novas encontradas, apenas aspectos novos das imagens familiares do passado. A verdadeira inquietação não é reproduzir Ingres ou Ronsard. Sendo sincera, nos levará a procurar de novo as leis reconditas, dispersas nessa tradição, que um homem só já mais representa, mas antes na somma historica da sociedade se congrega.

A exasperação romantica do individualismo produziu até 1914 essa florada de "fauves", que não é já sinão uma farronada orgulhosa com que as torres de marfim occultavam o desesperado silencio do seu insulamento. Afinal o ar-



tista não pôde mais supportar-se na sua feitura infecunda de homem só. Nas artes, o aspecto geral da evolução do após-guerra é esta debandada em massa para a humanidade e abandono do seu hypersensível. Essa procura da humanidade, causa fortíssima da iniquitação artística dos nossos dias, se reflecte na obra dum Stravinsky, dum Papini, dum Lasar Segall. A certas manifestações dessa arte moderna já nos acostumamos a chamar de *neo-classicismo*. Baptismo ingenuo, que certas normas geraes admittidas não bastam para justificar. Ninguém propriamente pôde dizer que é classico.

Fica-se classico. E num periodo de profunda perturbação, qual o nosso, o que deve interessar num artista não é a escola que represente, sinão a solução humana e artistica que offerecer. Ha de lembrar-se ainda que o proprio classicismo dos renascentes representa o periodo em que o individualismo se manifestou pela primeira vez consciente de si e de sua função.

Segall, reunindo na rua Alvares Penteadas obras que vêm desde 1908 até 1923, permite-nos observar-lhe o caminho percorrido. A principio, como toda a gente, fez impressionismo. Poderão ver-se desse tempo obras que já indicam forte capacidade pictural. Periodo de equilibrio. A personalidade indecisa ainda, mas juvenil e ardida, dá-se muito bem na brincadeira da cor, as formas jámais se diluem totalmente, como na ultima phase do impressionismo francez.

Certa afinidade com Van Gogh. Uma certa necessidade expressiva da forma que aponta a directriz posterior.

Segue-se pelo impressionismo de Segall e de repente: surpresa. Exasperação. Um elemento novo perturba a calma da evolução. Violencias. Exaggeros. O artista libertou-se duma verdade gasta e está perplexo ante a realidade do quadro. Como que reconhece que até então não fizera Pintura. Cortara arbitrariamente pedaços de natureza. Agora, vê-se deante da tela e não sabe fazer *um quadro*, apesar dos estudos e da technica adquirida. E começa a aprender o quadro.

Dá-se então o desequilibrio. Prevalencia das pesquisas formaes sobre a expressão. O artista deforma, não para equilibrar volumes e côres e obter sensações

puras (cubismo), não para expressar a realidade sentimental da alma em opposição á realidade visual (expressionismo): deforma para se conservar dentro da função do quadro e se limitar dentro do problema do quadro. Ha sempre uma tal ou qual audacia no discriminar assim as intimas intenções dum artista. O critico arrisca-se a desvirtuar o exacto. Mas existe sempre na realidade concreta duma obra o estigma de tendencias muitas vezes inconscientes, as quaes cabe ao criterio salientar. Segall toma-se nessa phase (veja-se os ns. 56 e 59) dum entusiasmo dionisiaco pelo quadro. Disso as violencias. Colorido pelo colorido. Deformação pela deformação. Vencido o passado, tudo está agora no pintor encontrar seu verdadeiro caminho e personalidade. Resta-belecer-se-á então o equilibrio. Equilibrio bem mais difficil de attingir, pois o pintor caminha no desconhecido. Não observa apenas, como espectador, a vida circundante, mas entenece-se por ella e quer vivel-a na pintura. Mas tem de sujeital-a ás leis do quadro. E' nessa pesquisa que Segall attinge aquella expressão triangular dos objectos naturaes. Já agora a propria crystallização triangular das formas submete muito bem o volume ás exigencias da superficie (o mais difficil enigma da pintura). resolve a insinceridade da perspectiva e, mais importante ainda, expressa-lhe a alma ingenuamente dolorosa. Esta se revolta contra o profundo antagonismo que existe entre a vida e a felicidade. Os triangulos aggressivos exprimem essa revolta. São desse periodo algumas obras notaveis, como "Os Eternos Viajores", hoje na Pinacotheca de Dresden, e as magistraes lithographias para "Os Suares", de Dostoiewsky. Além destas lithographias, vêem-se desta phase, na exposição, o notavel n. 53, "Duas Amigas", o n. 64 e poucos mais. Mas a maturidade veio ainda modificar a maneira de sentir de Lasar Segall, e consequentemente a sua expressão. A' revolta seguiu-se o consentimento. A aggressiva insubmissão das formas triangulares relaxou-se, ao mesmo tempo que os volumes se enriqueciam e o colorido se recitava. E o novo equilibrio surgiu. De facto, no estado anterior, o individualismo da solução formal, tudo reduzindo a triangulos, chama a atenção para o problema esthetico, em



detrimento da expressão. Agora, as formas se generalizam, humanizando-se. Ao impositivo jogo dos angulos e das rectas, que a violência do colorido ainda accentuava, substitue-se a maleabilidade da curva, que desliza sem lutar, que segue ao léo das imposições, abatida e sujeita.

E alcançou também a pobreza voluntaria de colorido de certos cubistas. Mas a intenção era outra. Os cubistas renunciaram passageiramente á côr, para estabelecer com mais liberdade certas soluções de forma, como Saurat já o fizera, trabalhando directamente no preto e branco, ao ter estabelecido o principio da "analogia de tom". Segall abandonou a variabilidade de colorido anterior, por necessidade de expressão. Segall é eminentemente russo. E, agora, bem se lhe nota o slavismo que lhe faz perceber principalmente o aspecto fatalista da vida. Sua monotonia de colorido actual não é mais que o symbolo daquela monotonia da fatalidade, de que a literatura russa deu tantos exemplos. Mas, dentro dessa monotonia de côr, que bella riqueza de cambiantes! Que technica segura de pintor permittiu-lhe construir essa "Família Doente", sem que tenhamos a menor sensação de canção. E esses impressionantes "Mendigos", (n. 72), e esse magistral

"Viuva e Filho", (n. 61), certamente as duas melhores obras da exposição!

Mas, si Lasar Segall exprime aquelle fatalismo tragico de que a literatura russa está impregnada, não quer dizer de forma alguma que elle cahisse na literatura. E' inteiramente pictorico. Pictorica é a sua expressão. Pictoricos os seus fins. E é mesmo para espantar a virtuosidade com que se salvou da cor local, do caracteristico em quadros como "Família Doente", em que o thema roça pela anedota, ou nesse portentoso "Duas Irmãs", o mais equilibrado trabalho do artista. São realmente quadros visuaes. Não é a intelligencia, a comprehensão reflectida dessas pinturas que nos leva a pensar nos dramas alheio da pobreza, da fome e da dor. E' a sensação visual que nos obriga a sentir tanta fatalidade. Não provem duma collaboração forçada e posterior da intelligencia, antes, puramente sensualista, deflagrada pelas formas, linhas, cores e utilização racional das duas dimensões da superficie. E' admiravel. E é doloroso de sentir. Realmente se sentirá realizada com tanta efficacia, como nestas obras de Lasar Segall, a expressão da miseria miseravel.

Mario de Andrade

("Correio Paulistano").







## NOTAS DO EXTERIOR

---

### A BIBLIOTHECA IBERO-AMERICANA DE WASHINGTON

Teve lugar com toda a solennidade em Washington, a 5 de fevereiro, a inauguração da livraria doada pelo sr. Oliveira Lima para facilitar os estudos sobre os paizes latinos-americanos. Presidiu a cerimonia o reitor da Universidade Catholica, Shahan tendo comparecido crescido numero de pessoas das mais qualificadas da capital americana. Aos lados do reitor sentaram-se o embaixador da Hespanha, Sr. Riano, o embaixador especial do Chile, Sr. Aldunate Solar, o antigo ministro da Bolivia, Sr. Calderon, o encarregado dos negocios de Portugal, Sr. Mendes Leal, o secretario da embaixada do Brasil, Sr. Mendes Gonçalves, o Dr. Rowe, director geral da União Pan-Americana, e o Dr. Coutinho, professor da Universidade, o qual serviu de secretario.

Foram as seguintes as palavras em que o Dr. Oliveira Lima explicou a sua doação:

"Sou devedor da Universidade Catholica da America de dois dos mais gratos dias da minha vida: o dia do mez ultimo em que nesta mesma sala iniciei o meu curso de direito internacional, e este dia em que faço entrega ao venerando reitor, da livraria que doei, composta de 40.000 volumes, por mim colleccionados durante quarenta annos, livro por livro, folheto

por folheto. São ambos realmente dias felizes, porque dalgum modo nelles sinto que a minha vida não foi uma vida inutil. Considero na verdade o ensino do direito internacional, a saber, o esforço para espalhar seus principios de concordia humana um logico e apropriado corollario de meu quarto de seculo de vida diplomatica. A inauguração desta bibliotheca, com sua secção geral e com uma secção especialmente ibero-americana e particularmente luso-brasileira, não só augmentará sensivelmente o material offerecido aos estudiosos deste paiz para um conhecimento scientifico dos nossos paizes, como contribuirá seguramente para estimular taes estudos e converter-se dessa maneira no melhor fundamento do Instituto Ibero-Americano que o maito reverendo bispo Shahan previu. Meu intento corresponde inteiramente ao seu pensamento e explica a minha doação.

Esta Bibliotheca Ibero-Americana não está destinada a ser uma necropole de livros velhos, muitos delles embora raros e valiosos. Estabelecerá relações com os centros de cultura da America Latina, afim de obter novas publicações e assim permittir aos leitores uma vista contemporanea do seu movimento intellectual. Pretendo de-



dicar-lhe, bem como á minha cadeira, o melhor da minha experiencia e da minha diligencia.

A data escolhida para esta inauguração é, ao que se presume, a do quarto centenario do nascimento de Camões, o grande poeta lyrico e epico de Portugal, um dos maiores poetas de todos os tempos. A Universidade Catholica da America assim celebra esse nome famoso e dá uma nova prova do seu espirito verdadeiramente catholico ou universal, que o reitor Shahan tão intelligentemente e cuidadosamente tem cultivado, sabendo como combinar no seu proprio espirito um caloroso nacionalismo com um internacionalismo espiritual, tolerante e de alcance. A causa pan-americana muito lhe deve pelo seu zelo neste campo. Eu de coração respondo á sua sympathia pela nossa cultura latina. No futuro será fundada uma cadeira de lingua portugueza e historia e literatura de Portugal e Brasil, com boasas destinadas a manter vivo o interesse pelo assumpto.

E' para mim um grande prazer e honra ver aqui presente o encarregado dos negocios de Portugal, do paiz onde eu fui educado, recebendo as lições dalguns dos mais notaveis espiritos que a Peninsula Iberica produziu no decorrer do seculo passado. Saudoo cordialmente o Sr. Mendes Leal que é um estudioso e um diplomata distincto, e expressei-lhe pessoalmente os sentidos de amizade e admiração que nutro pelo seu paiz."

O encarregado de negocios de Portugal usou em seguida da palavra, dizendo:

"Considero uma grande honra e um grande prazer achar-me convosco nesta magnifica Universidade que attrahiu minha attenção quando eu exercia em Roma o cargo de secretario da legação portugueza junto á Santa Sé. Meu interesse nas Universidades catholicas era e é tão grande que li sobre ellas muitos documentos e escrevi a respeito um relatorio, no qual me referi á esplendida doação do Dr. Oliveira Lima de uma avultada bibliotheca portugueza a esta Universidade. Quando o fiz sabia que me estava referindo a um cavalheiro conhecido e altamente estimado em Portugal. Basta dizer que o Dr. Oliveira Lima se graduou na Faculdade de Direito de Lisboa e que muito competentemente ali inaugurou a cadeira de estudos brasileiros creada ha alguns annos

pelo governo portuguez: devo porém acrescentar que o Dr. Oliveira Lima é autor de um livro deveras importante sobre o ultimo soberano portuguez do Brasil, el-rei Dom João VI, reconhecido como imperador honorario depois da independencia do paiz alcançada sem forte opposição e quasi immediatamente seguida de uma grande amisade entre os dois paizes, a qual foi recentemente reafirmada pela visita official que o presidente Almeida fez ao Brasil.

Não devo deixar de pôr em relevo que o Dr. Oliveira Lima cortezmente escolheu para esta reunião o dia que relembra o nascimento de um dos maiores genios litterarios do mundo, o poeta e guerreiro portuguez Luiz de Camões.

Cabe-me agradecer em extremo ao Dr. Oliveira Lima pela sua amabilidade para com a terra dos seus antecedentes e sinceramente espero que a esplendida dadiwa de agora ajudará efficazmente o povo deste grande paiz a melhor conhecer a riquissima literatura portugueza.

Encontrando-me sob o tecto desta Universidade Catholica e Americana e tratando de um cavalheiro brasileiro, desejo valer-me da oportunidade para dizer que sou um fervoroso amigo do Brasil, que tenho motivos para estremecer quasi tanto como o meu paiz natal, e para expressar meus votos sinceros pela continua prosperidade e honra da Igreja Catholica Romana e dos Estados Unidos da America."

O ultimo e eloquente discurso foi o do reitor, assim concebido:

"As melhores palavras podem apenas imperfeitamente traduzir a gratidão da Universidade Catholica Romana pela dadiwa de rara munificencia do Dr. Oliveira Lima e de sua esposa — "par nobile fratum". E' uma doação na verdade unica. Raras vezes, se jámais, marido e mulher cooperaram por tanto empo, tão cordialmente, tão intelligentemente, em tantos logares do mundo, para crear um capital intellecual de tamanho volume e relevancia. Sob este ponto de vista continua, felizmente, a prevalecer o antigo altivo lemma de igualdade: "ubitu Caius ibi ego Czia". Vagarosamente, persistentemente, aproveitando as melhores occasiões e exercendo suas primorosas intelligencias, marido e mulher não julgaram demasiado sacrificio algum para reunirem numa va-



liosa collecção as melhores obras acerca da historia, do direito, das instituições, das letras e das antiguidades da sua querida terra brasileira; incidentemente de toda a America do Sul, mas especialmente daquella sobre que se estende o influxo do genio portuguez.

Esta bibliotheca, que nenhuma outra ultrapassa para o fim do conhecimento do grande continente franqueado ao filhos da velha Europa pela fé de Colombo e pela generosidade de Isabel, elles decidiram presentear a Universidade Catholica de America como um eloquente e permanente penhor da boa vontade do mundo ibero-americano para com os Estados Unidos da America. E' na verdade um singular privilegio assistir ao nascimento de uma instituição pacifica e humanisadora que pertence, juntamente com o Christo dos Andes, o canal do Panamá e as novas conquistas do espaço ao numero dos mais beneficos agentes de paz no Novo Mundo.

Esta livraria ibero-americana de 40.000 volumes, mesmo quando ahi se detivesse no seu desenvolvimento, seria um beneficio da ordem mais elevada, completando varias outras collecções de analoga natureza da capital nacional. Póde dizer-se que Washington rivalisa hoje com o Rio de Janeiro no numero e valor dos seus livros portuguezes.

Possue com effeito thesouros literarios, tanto portuguezes como hespanhóes, como se não encontram em muitas capitães da America Latina, e não está mui distante o tempo em que escriptores latino-americanos não considerem completas sua bibliographia sem consultarem as collecções de Washington.

O Dr. Oliveira Lima e sua esposa confiando-nos estes frutos de uma vida inteira de labor, de estudo, de generosidade e de sacrificio, não se contentam entretanto que sejamos os meros guardas desse esplendido attestado do genio latino-americano. Desejam que essa grande collecção se converta numa officina de trabalho para toda a actividade intellectual que se exerce na esphera do pensamento e da vida de toda a America Latina.

E para nós, do Novo Mundo, o que ha de mais importante do que essas 21 publicas latino-americanas, vasadas nos

moldees constitucionaes americanos, animadas desde o começo pelo seu puro espirito politico e seu nobre genio humanitario? Nós somos certamente a descendencia, os filhos da Europa, mas com os 65 milhões de sul-americanos estamos ligados pelos laços mais subtis e poderosos de fraternidade, pela conquista commum e simultanea de vastas e ignotas regiões da terra, pela commum auto-emancipação das idéas e instituições de governo do Velho Mundo. Nesta região das idéas ibero-americanos, anglo-saxões, cerdas, teutões, slavos, todos os elementos humanos do Novo Mundo, são cidadãos de uma patria unica, na qual o livre, original e altruista espirito americano, o do norte e o do sul, abraça estreitamente toda a humanidade do Novo Mundo.

Confiam esses generosos bemfeitores que a sua livraria, se tornará desde já um centro vivo de estudo, de pesquisas, de publicações, nos vastos dominios das linguas, das leis, dos governos e da administração da America Latina; na sciencia social e na educação; na religião e na theologia; nas sciencias naturaes e applicadas; nas antiguidades e na ethnologia; em todo genero de conhecimento e esforço que tenda a erguer toda a nossa humanidade americana á mais altos niveis materiaes e espirituaes, acreditando, com Sylvio Pellico, que os homens apenas se odeiam quando se não conhecem.

Por outras palavras elles acreditam que esta bibliotheca pode e deve favorecer um intercambio do melhor pensamento do Novo Mundo, Septentrional e Meridional. Novos livros, as melhores revistas, a imprensa representativa, portanto, enriquecerá estas estantes de anno para anno até se transformar numa realidade o projecto de um edificio separado, adquirindo o Instituto Ibero-Americano essa garantia adicional de permanencia e eficiencia.

A' sua doação da bibliotheca ibero-americana, o Dr. Oliveira Lima e sua esposa aggregaram muitas obras de arte brasileiras, no intuito de demonstrarem o gosto do seu paiz, e, para coroarem sua liberdade fizeram conhecido seu intento de fundarem uma cadeira de lingua portugueza e varias bolsas para uma maior diffusão do idioma em que Vasco da Gama e Alvares Cabral divulgaram na Europa a sua ampliação dos confins do mundo.



Felizmente já não é mais preciso accentuar os motivos de um conhecimento mais geral das nobres linguas portugueza e hespanbola, por meio das quaes metade do Novo Mundo cumpre sua missão na terra.

Não só as vantagens da industria e commercio, mas uma multidão de interesses literarios, scientificos, sociaes e historicos, pedagogicos requerem conhecimentos mais intimos desses vehiculos do intercurso humano, através de tantos seculos e numa tão vasta porção do globo. Quem se não regosijará de possuir, ou que seus filhos possuam essas linguas em que, para somente falar da historia, um Holmes ou um Menendez y Pelayo, desvendaram as fontes secretas dos erros humanos ou o poder e alcance dessas idéas estheticas que são como as marés e os ventos do

pensamento humano; em Herculano ou em Gama Barros assignalaram as nascentes espirituaes dos descobridores? Quem se não orgulhará de vaguear á vontade através de tantos volumes nos quaes um Oliveira Lima tem por 30 annos interpretado perante o mundo a alma da America Latina?

Durante esse não pequeno periodo, elle teceu sobre o mundo uma rêde das mais felizes relações entre o paiz natal e a sociedade intellectual, da Europa e dos Estados Unidos. Nesta occasião, a mais honrosa de uma longa carreira de honra e para elle a mais querida, sejam nosso dever e nosso jubilo prestar uma homenagem a este excelso erudito da America Latina — patriota, diplomata, historiadore, homem de letras e bibliographo."

("Gazeta de Noticias" — Rio).

### O ROMANCISTA WELLS, EM PORTUGAL

Encontra-se ha duas semanas a repousar, entre os pinheiros resinosos e saudaveis, as palmeiras e os jardins do Monte Estoril, o grande escriptor inglez, Herbert George Wells, o homem eminente que escreveu, entre outros trabalhos notaveis, "A guerra dos mundos" ("The War of the Worlds") e certamente as paginas mais verdadeiras, subteis e profundas sobre a Russia bolshevista, que visitou, a convite dos proprios commissarios do povo. Wells nasceu no condado de Kent — que não sei por que associação de idéas ou de emoções me faz lembrar de Shakespeare —; mas ama o esmalte azul do ceu, a luz que transmittle ás coisas a gloriosa alegria, a nitidez, a belleza, a alma, as paisagens destacando-se vivamente dos fundos serenos. Foi, certamente, para se esquecer, por momentos, da sua aspera batalha de todos os dias, sob o affago e a ternura desta poesia da natureza, que o romancista illustre, o sociologo e o cientista insigne sahio da Inglaterra, dirigindo-se a esse Estoril que as aguas translucidas e verdes dum mar sempre calmo embalam com seu marulho e que é, pela graça, pelo encanto, pela sua vida aristocratica, a Riviera portugueza.

A Gran-Bretanha, com effeito, não podia offerecer a Wells, que é um requin-

tado temperamento esthetico, nada comparavel ao Estoril, para uma convalescença espiritual ou para um doce descanso corporeo — embora tenha as florestas e os castellos da Escocia, as romanticas pradarias da Irlanda, a Verde Erin dos bardos, onde as virgens de olhar ingenuo e celeste e cabellos dourados, apascentam rebanhos e dizem, sob os castanheiros em flor, as tristezas dos corações de que o amor se ausentou, as flores d'York. Londres, por exemplo, é uma cidade vasta e populosa como uma nacionalidade. Tem tudo quanto pode engrandecer uma capital moderna — a historia, a arte e a importancia. Os seus monumentos, testemunhas admiraveis das épocas maravilhosas; as suas praças decoradas com estatuas de heróes ou de genios que cinzelaram, a golpes de espada ou pela immortalidade do pensamento, as epopéas da raça; os seus palácios de sumptuosa linha architectonica; as suas bibliothecas e os seus museus, onde se verão desde a mumia de Cleopatra — que bebia perolas de valor incalculavel, nos banquetes com que deslumbrou Marco Antonio e que teve os Destínos do globo adormecidos no seu macio regaço de seda — até ás columnas gregas, de elegante fuste, e ás esculturas que ornamentavam a frontaria do Parthe-



non; as suas interminaveis perspectivas, em que se exhibem, ao louro sol de outono, figuras de todos os paizes, fazem dessa Londres prodigiosa uma assombrosa Babylonia de hoje e de todos os tempos. No entanto, o que ella não daria a Wells, por estes alagados e elegiacos dias de inverno, seria a suavidade, a paz, a claridade divina que toca de esplendor, na Península Iberica, os marmores nittentes e as fórmas exteriores, que doura a atmosphera e as aguas dos rios, que illumina feéricamente os horizontes...

Já Carlos Dickens, quando queria observar scenographias naturaes que lhe inspirassem cores e rythmos para os seus descriptivos, corria apressadamente a uma estação de caminho de ferro, comprava um bilhete para Dover, onde embarcava no primeiro vapor que o levasse para qualquer cidade européa menos esfumada de brumas, rindo, toda branca e victoriosa, ao fulgor diurno! E durante semanas, por ensoalhadas regiões do Meio-Dia da França ou por coloridos, originiaes e caracteristicos logarejos hespanhoes — celebres desde D. Quixote — essa personalidade artistica superior, tomava apontamentos, meditava, via, até que a necessidade de contemplar multidões o impellisse novamente do idyllio para o drama, da doçura campestre para a fulgurante batalha em que o sêr consciante peleja, desvairano, a todas as horas, sem treguas...

\*  
\* \*

Wells não veio, positivamente a Portugal com os mesmos intuitos com que foi á Russia — onde elle fez esta observação subtil: a morte das ruidosas urbes actuaes pelo communismo. Deante de Petrogrado, a capital esplendorosa dos ultimos Romanoff, completamente devastada, silenciosa como um tumulo, com os pavimentos das ruas levantados, as avenidas desertas, as vivendas sem portas nem janelas, Wells claramente sentiu que as grandes cidades são creações do commercio. Ora, os bolshevistas, destruindo, nos seus primeiros tempos, esse commercio e fechando as casas de modas, as casas de arte, as livrarias, os bancos, os armazens, as ourivezarias, as joalherias, os estabelecimentos installados com magnificencia, mataram as inquietas agglomerações onde

o homem contemporaneo teima em concentrar-se, ou por ambição ou por outro sentimento qualquer: e a desolação dos antigos bairros rumorosos e palpitantes de animação febril, chocou funebremente o excelso publicista...

Não creio que Wells tenha realizado esta sua tranquillã viagem ao extremo occidente da Europa com o intuito de procurar o thema dum livro. A sua villegiatura actual deve ser de férias. Tanto assim que o escriptor glorificado em todas as nações civilizadas, estando em Portugal, nem sequer se installou no hotel dum burgo citadino onde pudesse realizar observações indispensaveis á literatura duma individualidade que consagra todas as suas preferencias ao methodo experimental. A minha Patria unicamente interessou este insular genial, que compoz volumes como "A Utopia Moderna" e "A Silhueta da Historia", pela amenidade do seu clima, pela sua radiação luminosa, pela sua serenidade, pelo seu enlevo rustico e pastoril, e não pelos aspectos da sua civilização, pela sua politica, pelas suas letras, pelas suas sciencias, pelos seus costumes, pelas suas tendencias, pela sua arte. Por isso, não escreverá um livro sobre Portugal — e é pena. E' pena, porque Wells vê admiravelmente, com agudeza, com perspicacia, com penetração, com profundidade — e com um raro, um incomparavel senso das linhas e das proporções!...

No Estoril, Wells faz uma vida simples, sem apparato nem singularidades com que pretendesse "épater le bourgeois". Convive com inglezes, com quem conversa longamente, passeia pelos caminhos solitarios — que são inspiradores — vae até á beira do mar, onde as aguas rolando, espreguiçando-se lentamente nas areias d'ouro, se cobrem de lençoes de alvas espumas, senta-se pelos rochedos fitando os barcos que deslisam rapidamente, com as velas cheias de vento, talhando sulcos luzentes sobre as ondas. De noite não sae do hotel, ficando laborosamente nos seus aposentos, lendo e fumando, sem cuidados que o perturbem. Assim, distante dos tumultuosos centros de população, com suas tragedias, seus crimes, suas exaltações, seus dramas, Portugal apenas offereceria a Wells motivos emocionaes para uma bucolica e não para um quadro intenso á maneira do seu depoimento so-



bre os bolshevistas, que é um carvão formidável desenhado em traços vigorosos pelo escriptor que apenas quiz reproduzir fielmente a verdade, tal como a sua pupilla a vislumbra. Mas, Wells não é, de modo algum, um Florian do século XX, viajando na Europa só para vêr carneirinhos de algodão em rama pastando as relvas verdes, ao som das frautas dos zagaes, ou para surprehender as pastoras candidas, tecendo capellas de boninas brancas, enquanto algum apaixonado lhes vae cantando as puras delicias do amor! Não! Wells, quando não realiza esses romances estranhos que têm por base um dado scientifico e imaginativo que lembram, conjuntamente, as fantasias de Julio Verne e a maneira de Edgar Poe, pela deducção vigorosa, compraz-se em trabalhos de critica ou de sociologia.

\*  
\* \*

No Estoril, sob a caricia ineffavel dessa paradisiaca estancia, Wells dá-me a impressão de que nem ao menos deseja pensar, para não perturbar o goso intimo da contemplação. Tanto isto é exacto, que a semana passada, importunado pelos "reporters", que queriam entrevistá-lo, encolheu os hombros num gesto que poderia ser de enfado ou de indiferença, declarando que "nada tinha a dizer". Em vão os jornalistas lhe perguntaram a sua opinião acerca da politica da Inglaterra de hoje, de Ramsey Mac-Donald, do liberalismo, das correntes radicalistas que activam em todas as nacionalidades uma assustadora decomposição. Wells, sério, fleugmatico, amavel como todo o "gentleman", esquivando-se, affirmou que, fóra do seu paiz, mantem sobre os negocios politicos a mais completa mudez, não discutindo nem os systemas, nem as instituições governativas, nem os dirigentes, nem os dirigidos, nem os homens, nem mesmo as suas idéas. Para um portuguez, isto é immensamente bizarro! E porque? Porque os seus compatriotas, quando estão longe de Portugal, é que falam d'elle com mais verbosidade, calor e entusiasmo! Para o louvar? Ah! não. Já o subtil Eça de Queiroz affirmou que um dos maiores prazeres do lusiada — é injuriar rudemente a sua Patria!...

Que viria o autor glorioso do "Bacillo

Roubado" e de "A machina de explorar o tempo" fazer, então, a Portugal, numa viagem que nem sequer seria sentimental, como a de Sterne? Solicitado pela actividade incomparavel dum povo que, out'ora, enquanto descobria os Mundos Novos, creava tambem uma literatura? Não me parece. Dos historiadores, dos poetas, dos romancistas nacionaes, Wells apenas declarou conhecer Camões, Theophilo Braga e Eça de Queiroz — e este ultimo, naturalmente, pelas traduções de Edgar Prestade, que se limitam ao "Suave Milagre" e ao "Defunto" — dois contos na realidade maravilhosos como intensidade, como emoção, como concepção e como belleza de fórma. Depois de Eça de Queiroz, Wells apenas falou vagamente em Anthero de Quental, que é toda uma poesia e uma philosophia.

Que o traria, pois, a este distante Portugal, que vive tranquillamente ao seu canto, entre pomares, laranjas, montanhas, florestas e campinas apertadas na verde c. nta do oceano? A fama da paysagem portugueza. Oh! para essa paysagem, para o sol que a mancha d'ouro fluido e a enternece, para a amenidade da terra fertil em que se criam o pão e as flores, e em que desabrocham os cravos vermelhos, Wells foi eloquente em applausos, em exclamações admirativas, que alteraram um pouco a sua correcção, a sua sobriedade, a sua linha britannica. Era a pura delicia duma natureza benefica e propicia que o retinha em Portugal, onde contava demorar-se apenas alguns dias e onde, num doce esquecimento, como o do legendario Tristão, ia ficando, namorado da Isolda peninsular que ennastrava as tranças de malmequeres! E, absolutamente sincero, Wells, conversando e sorrindo, nem por amabilidade diz que desejava que fossem inglezes "Os Lusíadas", as "Decadas da India" e as "Chronicas dos Reis", de Fernão Lopes: — mas que o sol, o rutilante sol portuguez, illuminando Londres perpetuamente, seria "uma perola, uma joia" das mais preciosas. Ahi está! Tambem para Wells, a coisa unica e verdadeiramente invejavel que existe em Portugal — é o sol, o azul translucido dum ceu mais bello do que o da Italia, a luz dourada, o mar, os scenarios naturaes! E com tanta sinceridade o eminente escriptor fala, que tendo andado pelas Indias mysteriosas dos bosques almiscara-



dos e das fabulosas architecturas e conhecendo o Oriente alliciador e perturbante, chega ao Estoril e ali permanece longos dias, num enlevo!...

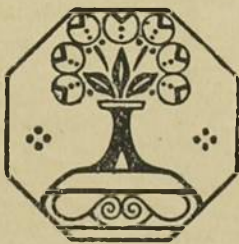
Ainda bem que Wells deparou em Portugal algumas coisas bellas. Tão pouco habituados estamos ás gentilezas dos grandes homens que nos visitam, que as excepções nos causam sempre uma duradoura e gratíssima impressão. E' evidente que o illustre escriptor e scientista decidiu assistir, este anno, em Portugal, á entrada da Primavera. Que surpresa experimentará! Porque, a estas horas, já essa Primavera andarás, arrastando o seu

nanto constellado de botões brancos por prados e varzeas e deixando cair do seu regaço — milagroso como o da Rainha Santa! — as esperanças transformadas em resas vermelhas, amarellas, escarlates, niveas, numa symphonia de côres e de formas! Para um homem de fina sensibilidade que tanto ama a natureza como Wells, não haverá nenhum espectáculo mais lindo e suggestivo do que este.

15 de março de 1924.

*João Grave*

("A Patria", Rio).







## CURIOSIDADES

---

### A TRAVESSIA DO ATLANTICO POR UM BARCO A VELA

Este primeiro quarto de seculo ficará assinalado por extraordinarias proezas, precursoras sem duvida de outras mais extraordinarias ainda. Ha vinte annos apenas, Julio Verne, com as suas fantasias, não passava de um escriptor prodigiosamente imaginoso. Mas quantas das suas fantasias não se têm realizado? O "Deutschland", por exemplo, o famoso submarino allemão que durante a guerra foi de Hamburgo aos Estados Unidos, realizou uma dessas fantasias — as "vinte mil leguas submarinas". E estará longe o dia em que um de nós poderá attingir a Lua conduzido por uma bala de canhão? Nas suas conquistas o homem caminha vertiginosamente para um mundo desconhecido.

E aos nomes dos heroes de tantas proezas que assombram o mundo vem juntar-se mais um: o de Alain Gerbault, heroe da guerra, que sózinho, em um fragil barco a vela, atravessou o Atlantico, percorrendo 3.200 milhas maritimas, approximadamente seis mil kilometros entre céu e agua. Tendo partido de Gibraltar no dia 6 de junho de 1923, a 14

de setembro fazia a sua entrada triumphal em Nova York. Durante tres mezes o heroico navegante teve de lutar com as maiores difficuldades, com os mais terriveis perigos, dando ao mundo um extraordinario exemplo de energia e de coragem.

Mas convencido de que uma boa estrella, nas horas tragicas, velaria por elle, guiando-o para o destino desejado, partiu com essa fé mystica dos marinheiros, cheio dessa coragem de que também alguns dos nossos acabam de dar empolgante exemplo, vindo do Pará ao Rio de Janeiro, em um barco ainda mais fragil que o "Firecrest."

Alain Gerbault, ao chegar a Nova York, solicitado por um jornalista, escreveu o seguinte:

"Estou agora sob um tecto amigo, nas cercanias de Nova York. A tarde está calma, tão calma que me interrogo se a minha extraordinaria aventura destes ultimos mezes, foi bem succedida. Da janella avisto o estreito de Long Island e o mastro do meu pequeno "Fierecrest", e algumas cen-



tenas de metros além o cães de Fort Totten. Não; não é um sonho. Atravessi o Atlantico sózinho e agora me encontro nos Estados Unidos. Ha menos de um mez, nas tempestades, no meio de vagas immensas, tinha de lutar a cada instante para defender a minha vida contra os elementos.

Mas nunca, mesmo nos momentos de maior angustia, deixei de anotar no meu livro de bordo as occorrencias, dia a dia. Percorro agora as suas paginas, ainda humedecidas pela agua do mar, e os meus olhos caem sobre esta passagem do meu cruzeiro:

"A bordo do "Firecrest", em 14 de agosto, em pleno mar, a 34°45' de latitude norte e a 56°10' de longitude oeste. Forte vento de oeste. O barco foi terrivelmente sacudido toda a noite por vagas enormes. A's 4 horas da manhã, uma escota parte-se e tenho de fazer o reparo. O convéz está completamente submerso. Bem que todas as aberturas estejam absolutamente fechadas, tudo no interior está molhado. Não é coisa facil preparar o meu almoço, tendo consumido duas horas em esforços acrobaticos para preparar um pouco de chá e alguns pedaços de toucinho torrado.

A's 9 horas, a véla rasga-se. O barco é de tal maneira sacudido neste momento e o vento é de tal violencia que não posso tentar reparal-a. Todos os meus copos e todas as minhas chicanas estão em pedaços. Ao meio-dia, uma onda monstruosa cae sobre o convéz. As vagas crescem cada vez mais; o mar é agora um monstro e o vento sopra furiosamente. A vela maior rompe-se ao longo da costura, deixando apparecer um rasgão de tres metros. E' preciso que eu recolha as vélas para que não as perca de vez. E' muito difficil com tanto vento e tanto mar conseguir isso sem que me arrisque a cair no abysmo. Sobre o convéz molhado e escorregadio, apenas posso e com mais difficuldade susterm-me de pé. E' preciso um momento feliz para desempenhar a minha perigosa tarefa. Quero içar a véla de capa, mas o vento augmenta ainda de in-

tensidade. Uma verdadeira tempestade. Nenhuma véla supportaria tal tempo. A vibração dos jovens assemelha-se á de um trem a toda marcha. Vale dizer que o vento adquiriu, no minimo, uma velocidade de sesenta milhas por hora. Chegou a occasião de me servir da minha ancora fluctuante, um grande sacco de forma conica, tendo uma abertura sustentada por um anel de ferro. Ligando a ponta de uma corda de quarente braças a uma ancora marinha e outra á cadeia daquella, joga o sacco ao mar, amarrando-o em uma pequena boia á guisa de fluctuante. O sacco enche-se dagua, a corda estica e muito lentamente a prôa da embarcação volta-se na direcção do vento. O barco navega com menos agitação, mas ainda sou fortemente sacudido pelo mar. Tenho, agora, de fazer reparos indispensaveis nas vélas. Sinto que as minhas forças se esgotam, mas ha tanta coisa a fazer! Levo para a cabine as vélas rasgadas e fechando atraz de mim todas as saidas, passo a tarde e uma grande parte da noite a reparal-as com uma grande agulha. Agora chove torrencialmente. No "salão" a agua cobre o assoalho e com grande impaciencia percebo que a bomba de esgotamento não funciona. Chove cada vez com mais violencia; estou molhado até os ossos e não ha mais um cantinho secco a bordo. Não consigo impedir que a agua da chuva continue a invadir o barco."

Fecho o meu livro de bordo. O que ali está descripto não é mais que um episodio ordinario de um mez de tempestades que tive de supportar em meio da viagem. Mas que maravilhosa existencia! Embora me encontre em terra ha muito poucos dias, desejo já levantar a ancora, ganhar o largo e recommear a vida de marujo.

Como me tornei marinheiro? Como me veio essa attracção pelo mar?

Passei a maior parte da minha mocidade em Dinard, perto do porto de pesca de Saint-Malo, a região dos famosos corsarios, gloria da nossa marinha ha dois seculos. Quando meu



pac não me levava com elle no seu hiate, eu arranjava meios de passar o dia no barco de um pescador. E' em Saint-Malo que os rudes pescadores bretões aprestam as suas embarcações para as perigosas viagens aos bancos da Terra Nova ou ás zonas piscosas da Islandia. Desde a meninice que a minha maior ambição era possuir um pequeno barco. Uma vez, meu irmão e eu fizemos umas economias para comprar certa embarcação que nos convinha, mas um outro adquiriu-a antes de termos reunido o dinheiro necessario. Invejava a vida dos pescadores bretões e enthusias-mava-me com as narrativas das suas audacias. Foi lá, em Saint-Malo e Dinard, que aprendi a amar o mar, as ondas e os ventos impetuosos. Os meus livros preferidos eram os de aventuras. Muitos delles tratavam da caça ao ouro, as aventuras dos mineiros do Alaska e do Klondike. A palavra "El Dorado" exercia sobre mim uma grande fascinação. Algumas vezes pensava: quando fôr homem, descobrirei o "El Dorado".

Ainda creança, Joseph Conrad pôz um dia o dedo sobre uma carta da parte inexplorada da Africa Central e exclamou:

— Quando fôr homem irei lá!

Realizou o seu sonho. Menos feliz que Conrad, não pude ver cumprido o meu sonho de creança. Depois dos felizes annos de infancia mandaram-me para Paris afim de estudar e fui internado no Stanislas. Foi ahi que passei os annos mais desgraçados da minha vida, encerrado entre altos mu-

ros, sonhando com a vastidão do mundo, a liberdade, as aventuras. Mas era preciso estudar para tornar-me engenheiro. A guerra explodiu e foi uma experiencia extraordinaria. Entrei para a aviação. Depois de ter experimentado a embriaguez do espaço no meu apparelho de caça através das nuvens, sabia que jámais poderia levar a vida sedentaria das cidades. A guerra fez-me sair da civilização. Nunca mais desejei voltar a ella.

Um joven americano, companheiro de esquadilha, emprestou-me, um dia, um livro de Jack London, "O Cruzeiro do Snark". Esse livro convenceu-me de que era possivel percorrer o mundo em um navio relativamente pequeno. Foi para mim uma revelação e resolvi lançar-me á empresa, caso sobrevivesse á guerra. Mais tarde associei dois camaradas aos meus projectos. Deviamos os tres armar um navio e fazer rota para as ilhas do Pacifico em busca de aventuras. Mas pobres desses camaradas! Quando veio o armisticio, apenas eu sobrevivia. Elles haviam morrido gloriosamente nos ares. Foi então que tomei a decisão de partir só. Abandonando o meu futuro de engenheiro, procurei, durante um anno, em todos os portos francezes, um barco que eu pudesse manobrar sem auxilio de mais ninguem. Ha dois annos e meio visitando em seu hiate o meu amigo Ralph Stock, autor do "Cruzeiro de Dream-Ship", vi ancorado, perto desse hiate, em um porto inglez, um pequeno barco. Era o "Firecrest."

"Correio da Manhã" — Rio.

## PIRIAPOLIS

Piriapolis é o nome de uma pequena republica da America do Sul. A muitos surprehenderá esta revelação, que desafia os conhecimentos do mais estudioso geographo.

Nas proximidades de uma pittoresca praia de banhos, situada a cinco horas de trem da capital uruguaya, realiza-se cada anno um acampamento internacional de academicos, por ini-

ciativa da Associação Christã de Moços. Taes conferencias, a que concorrem estudantes de varios paizes sul-americanos, tornaram-se acontecimento de relevancia na vida das republicas do Prata. Veem de regiões diversas e encontram-se em Piriapolis cidadãos de outras nacionalidades, com o proposito de estudar assumptos que se relacionam com a vida de seus pai-



zes; o ambiente de fraternidade em que alli se vive, a camaradagem franca que reina entre os piriapolistas, a vida em barracas, os desportos, as assembléas cheias de vida e entusiasmo, vazias de toda cerimonia e pragmatica, tornam aquelles congressos em tudo differentes de quaesquer outras reuniões internacionaes.

Problemas universitarios, politicos, sociaes, raciaes, internacionaes, religiosos, discutem-se em Piriapoliis com a maior liberalidade e largueza de vistas. O estudo destes assumptos, o estreitamento de relações entre grupos escolhidos de estudantes sul-americanos, o despertamento, na mocidade estudiosa, do interesse pela vida do Continente, taes são os principaes propósitos das conferencias de Piriapolis. E após a realização de oito congressos, apparecem já fructos d'este trabalho de approximação entre as nações da America Latina.

O valor de taes conferencias, a grande influencia que podem exercer para melhor entendimento e maior intercambio de idéas entre os paizes sul-americanos, são reconhecidos e proclamados por homens de responsabilidade na politica, na imprensa, no magisterio destes paizes. Assim é que no penultimo acampamento, o Dr. Balthazar Brunn, então presidente do Uruguay, foi pessoalmente expressar a sua cordialidade e apoio á republica de Piriapolis; deteve-se por um dia em seus dominios e abrigou-se democraticamente em uma das tendas sob cujo tecto se fortifica o sentimento de fraternidade entre moços de differentes nações. O Dr. José Maza, até ha pouco ministro do interior e chefe do gabinete chileno, é um illustre piriapolita, o qual sempre honrou, nos altos postos que tem occupado em seu paiz, as palavras de ardente humanitarismo que pronunciara em um desses congressos.

Navarro Monzó, Ernesto Nelson, A. A. Azevedo, nomes consagrados em toda a Argentina, na imprensa, na litteratura, no magisterio, são agora trabalhadores indefessos a favor daquella obra de altruismo; no professor Monteverde e no deputado Oscar Griot, da

capital uruguaya, em Erasmo Braga, professor e publicista, e no Dr. Luiz Carpenter, cathedratico de Direito, do Brasil, encontram-se fervorosos entusiastas de Piriapolis.

A' 8.<sup>a</sup> conferencia, que se realizou nos primeiros dias de fevereiro deste anno, estiveram presentes representantes da Argentina, Bolivia, Brasil, Chile, Perú e Uruguay, uns cincoenta, ao todo. As autoridades deste ultimo paiz, em cujo seio se encrava a ogininal republica, receberam os piriapolitas, como sempre, com as maiores mostras de cortezia.

Logo ao chegar ao acampamento, respirava-se uma atmospha de confiança, de jovialidade; desappareciam todas as pequenas animosidades que pudessem existir entre jovens de paizes diversos, para só dominar o espirito de Piriapolis. Porque alli o que mais impressiona e encanta não é a paisagem, tão variada para os olhos acostumados a contemplar a successão interminavel das coxilhas, mas o espirito que paira no acampamento, o conjuncto das tradições de Piriapolis, dos ideaes que se inscrevem na sua divisa.

Os dez dias intensamente vividos no acampamento repartiram-se entre o trabalho das commissões designadas para estudar os varios assumptos do programma, as assembléas geraes, onde se discutiam as theses apresentadas pelas commissões, as conferencias realizadas por funcçionarios da A. C. M. e universitarios alli presentes, e os desportos terrestres e maritimos.

Nenhuma resolução se tomou nas assembléas, devido ao character informal da conferencia: discutidas as theses, ficaram registadas nas actas as diversas correntes de opiniões e mesmo as opiniões individuaes. Deste trabalho far-se-á um resumo, o qual será remettido a todos os acampantes e pessoas relacionadas com o congresso, e divulgado pela imprensa. Dentre as varias suggestões alli apresentadas, por cuja realização se empenham os piriapolitas e amigos de Piriapolis, está a fundação de um instituto de estudos sul-americanos em Montevideo e a constituição de museus e bibliothecas internacionaes.



Dada a participação directa que têm tido naquellas assembléas politicos, administradores, jornalistas, professores de varios paizes, e o interesse que manifestam por essas instituições, é de esperar-se para breve a realização de obras de tão grande alcance.

Sentia-se no acampamento, em todas as horas, de trabalho, de jogos ou de palestra, o que se convencionou denominar espirito de Piriapolis.

No salão social lê-se, em posição de evidencia, o lemma "Hacer Cristo rey", mensagem enviada pelos acampantes europeus, na Inglaterra, aos asiaticos, no Japão, e por estes transmittida aos sul-americanos, reunidos em Piriapolis. Sobre a lareira encontra-se o distico "Ut omnes unum sint", que appella constantemente para o sentimento de solidariedade dos jovens sul-americanos. Antes de cada refeição era costume lembrar alguém um pensamento; entre estes, alguns impressionaram pela profunda significação moral: "E' preciso que nos aproximemos mais, para melhor conhecer-nos e mais nos amarmos"; "Existe

alegria em esquecer-se de si mesmo", palavras estas ultimas de Helena Keller, a grande norte-americana, um dos espiritos mais brilhantes deste seculo.

Segundo ella propria nos conta, nos momentos de angustia, quando a sua alma se revolta contra a lei inelutavel que a fez cega, surda e muda desde os primeiros dias da existencia, uma voz interior lhe segreda aquella mensagem de conforto, que lhe traz novamente a alegria e a felicidade de viver. As divisas a que nos referimos e estes ultimos pensamentos, em resumo, expressam o que seja o espirito de Piriapolis.

E ao deixar as barracas tão queridas, que nos serviram de abrigo, irmanando-nos em os mesmos sentimentos, ao estreitar nos braços os amigos que se separavam, trouxemos na alma ideaes novos e esperanças bem fundadas de que a America será sempre unida, para realizar a tarefa que lhe cabe na marcha ascensional em que a humanidade caminha.

Aguinaldo Costa





# AS CARICATURAS DO MEZ

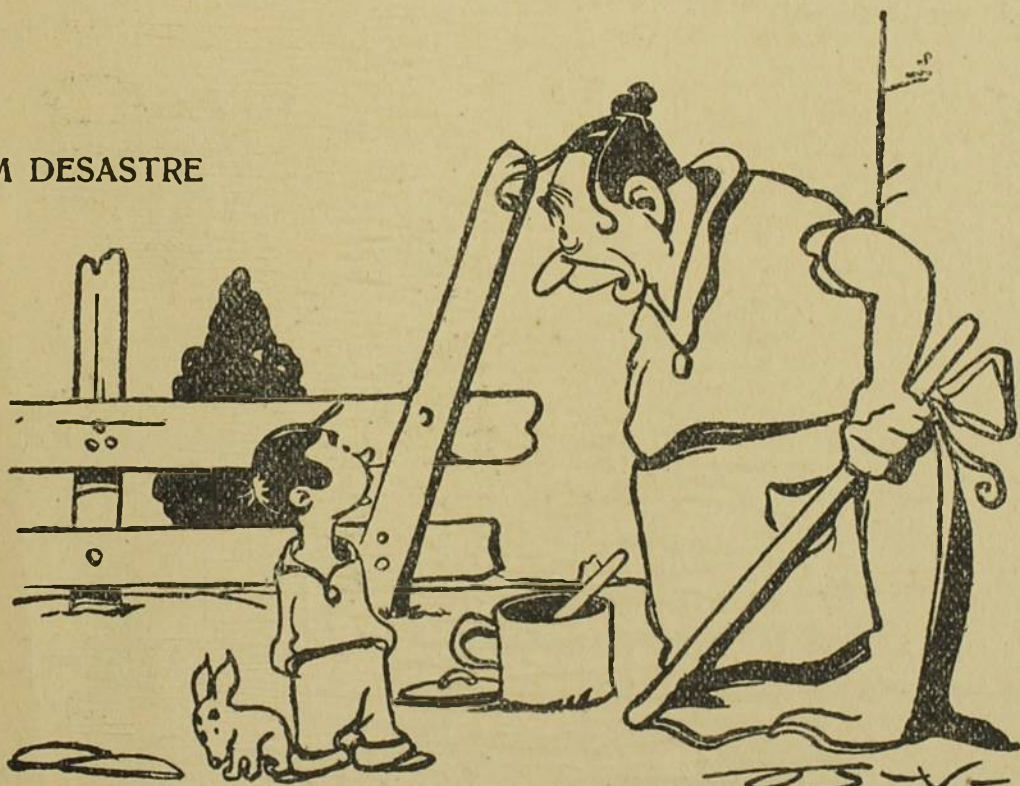
## O ALMANACK DAS RUAS



— Si não me engano, aquelle é o marido da mulher do Felismino que finge não vê a mulher do marido da Cunegundes...

*D. Quixote — Rio*

## UM DESASTRE

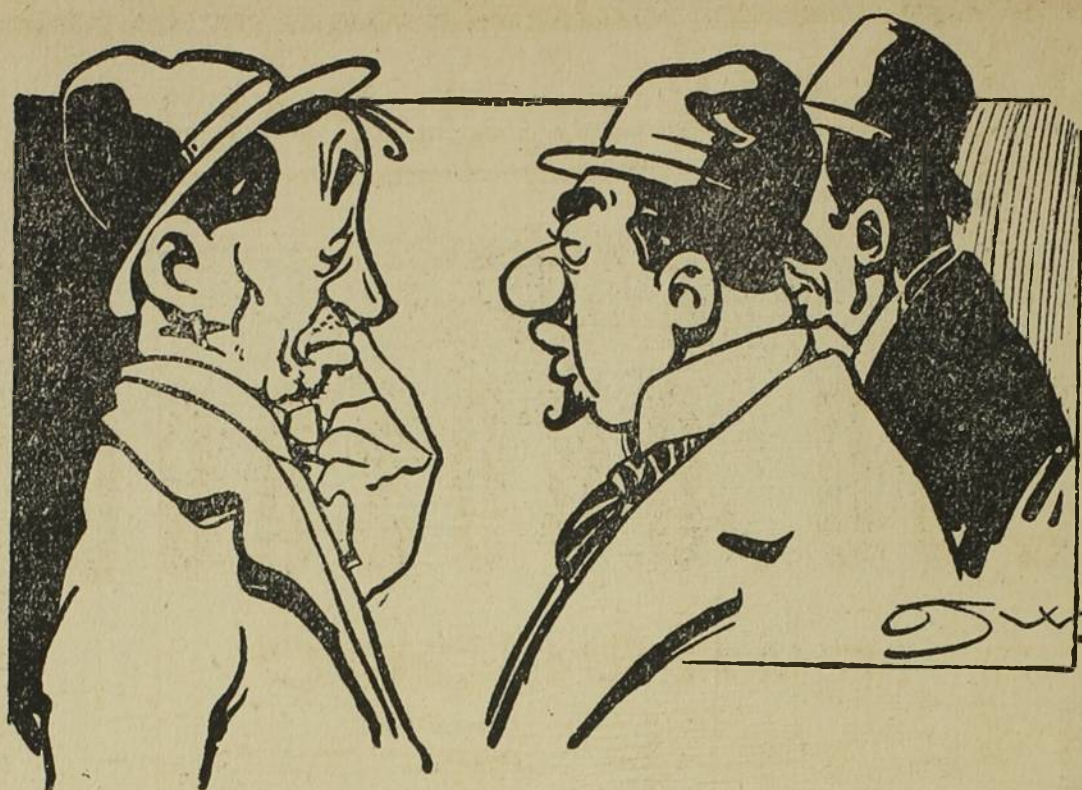


— Ih, mamãe, estão dizendo que cahiu um tal gabinete Poincaré!  
— Machucou muita gente?

*D. Quixote — Rio*



A NOSSA GENTE



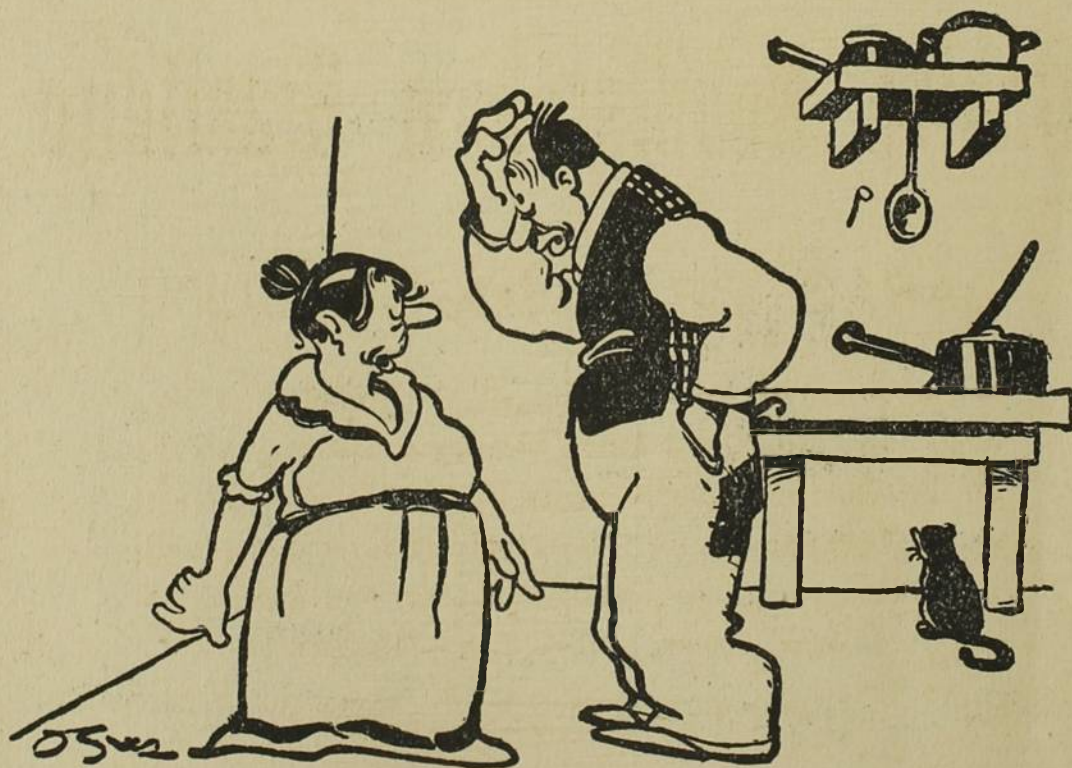
- Agora, com o barateamento dos generos eu vou ver se...
- Melhora a boia?
- Não... Passo usar cuecas de sêda.

*D. Quixote - Rio*

ALERTA NOIVOS!

A vida vae ficar folgada.

Dos jornaes



Si a Maricota não se casar desta vez, eu corro com o tal almofadinha a pau?...

*D. Quixote - Rio*



# LOTERIA DE S. PAULO

29 de Junho

Sexta-feira

200:000\$000

POR 9\$000

Os Bilhetes já se acham á venda em  
\_\_\_\_\_ toda a parte. \_\_\_\_\_

## Archivo Nobiliarchico Brasileiro

PELO

BARÃO DE VASCONCELLOS

Neste precioso volume, formato e tamanho de um tomo do Larousse, o autor biographa toda a nobreza do Imperio do Brasil, ennumerando toda a ascendencia e descendencia dos respectivos titulares e reproduzindo em gravura os brazões de cada um. Edição luxuosa, da qual restam apenas alguns exemplares : :


PREÇO ENCADERNADO . . 60\$000

Pedidos a MONTEIRO LOBATO & C.



# Regina Hotel

Endereço Telegraphico: "REGINA"

Largo de S. Ephigenia, 8  SÃO PAULO

Este novo hotel offerece indiscutivelmente aos Srs. Viajantes optimo conforto. Sua situação é de primeira ordem; os quartos são grandes, ventilados e dotados de todo conforto desejavel. Das suas janellas descortinam-se soberbos panoramas. O Hotel possui *elevadores, rede telephonica para todos os andares*, mais de 60 banheiros, agua corrente fria e quente em todos os quartos, aquecedor central durante o inverno. O pessoal é escrupulosamente escolhido e a cosinha é dirigida por um habilissimo chefe. Preços rasoaveis e ao alcance de todos. O Hotel é dirigido pelos seus proprietarios, Srs.

**Angelo Gabrilli & Filhos**

## *Revista da Sociedade de Educação*

*deve ser lida por todos que se interessarem pelos assumptos didacticos.*

### Redactores

*Dr. A. Almeida Junior*

*Prof. Léo Vaz*

*Prof. Brenno Ferraz do Amaral*

*Dr. Haddock Lobo Filho*

*Prof. Pedro de Alcantara Machado*

Editores: MONTEIRO LOBATO & Co.

Aos assignantes serão enviados os numeros já publicados.

Assignatura annual . . . . . 12\$000



# DIABETICOS

é preciso combater a perda  
de assucar, tonificar o or-  
ganismo, regularisar as funcções dos orgãos internos  
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção  
digestiva pelo uso do

## GLYCOSURINA

heroico medicamento composto de  
plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres  
de chá por dia em agua





# **Nutrition**

**E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO**

O "Nutrion" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E' o Remedio dos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.



# Monteiro Lobato & Cia.

têm no prelo, prestes a sahir, utilissimos livros escolares e juridicos, dentre os quaes destacamos os seguintes, que se recommendam pelo só nome dos seus autores:

Olavo Freire . . .	Chorographia do Brasil.
Alvaro J. Rodrigues .	Geometria Descritiva.
” ” ” .	O Ensino Profissional.
Synesio de Faria. .	Lições de Algebra: Decomposição em Factores.
” ” ” .	Calculo Differencial.
” ” ” .	Calculo Integral.
Dr. Moncorvo Filho .	Hygiene Infantil.
Othoniel Motta . .	Anthologia Portugueza.
Dr. Reynaldo Porchat.	Direito Romano.
” ” ” .	Da Retroactividade das Leis Civis.
” ” ” .	Pessoa Physica e Direito Romano.

---

Desde já acceitam-se pedidos.

Rua Victoria N. 47

CAIXA, 2-B

S. PAULO



## Ultimas Edições da Casa

# Monteiro Lobato & C.

### III

O MACACO QUE SE FEZ HOMEM, contos de Monteiro Lobato . . . . .	Broch.	4\$000
ATRAVEZ DA EUROPA, de Afonso Lopes de Almeida . . . . .	Broch. Em papel fôfo	5\$000
	Em papel jornal	3\$000
FACUNDO, de Sarmiento . . .	Broch. Em fôfo	5\$000
	Em jornal	3\$000
DENTE DE OURO, de Menotti Del Picchia.	Broch.	4\$000
MEMORIAS DE UM RECRUTA, de Oswaldo Barroso . . . . .	Broch. Em fôfo	4\$000
	Em jornal	2\$500
NOS CAMINHOS DO NAZARENO, do Padre Heliodoro Pires . . . . .	Broch.	5\$000
EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO, de F. J. Oliveira Vianna . . . . .	Broch.	8\$000
JOAQUIM NABUCO e MACHADO DE ASSIS, de Graça Aranha . . . . .	Broch.	10\$000
PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE, obra posthuma de Alphonsus de Guimaraens . . . . .	Broch.	3\$000
RITINHA, contos de Léo Vaz . . . . .	Broch.	4\$000
SAPEZAES E TIGUERAS, contos de Amando Caiuby . . . . .	Broch.	4\$000
A MEZA E A SOBREMEZA, de Rosaura Lins.	Enc.	7\$000
JUCA MULATO, (4. <sup>a</sup> edição) de Menotti del Picchia . . . . .	Broch.	3\$000
O PRINCIPE FELIZ, de Oscar Wilde, trad. de Rosalina C. Lisboa . . . . .	Broch.	3\$000
A CURA DA FEALDADE, do Dr. Renato Kehl	Enc.	20\$000
AMOR IMMORTAL, de J. A. Nogueira . . .	Broch.	5\$000
O DRAMA DAS COXILHAS, de Roque Callage	Broch.	4\$000
CARTAS DE UM CHINEZ, de Simão de Mantua	Broch.	5\$000
DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, do Visconde de Taunay . . . . .	Broch.	5\$000
O PADRE EUZEBIO, de Antonio Celestino.	Broch.	4\$000
VOCABULARIO DE RUY BARBOSA, por João Leda, br. . . . .		5\$000
DISSE, por Altino Arantes, edição do Greinio XI de Agosto, br. . . . .		8\$000
ENCYCLOPEDIA JURIDICA, por Laudelino Baptista, br. . . . .		5\$000

Pedidos á Praça da Sé, 34 - Caixa, 2 B - S. PAULO